



ABDIAS CASTRO

A HISTÓRIA DA IGREJA

UMA ABORDAGEM AO ALCANCE DOS LEIGOS

A HISTÓRIA DA IGREJA

UMA ABORDAGEM AO ALCANCE DE LEIGOS

Abdias Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Castro, Abdias

A história da Igreja – Uma abordagem ao alcance de leigos / Abdias Castro. – 1. Ed. – Joinville - SC; 2018

ISBN 978-85-85330-22-4

1. História da Igreja (Religião) 2. Igreja Primitiva – 3. Catolicismo

C355a

CDD 270

SUMÁRIO

Apresentação.....	04	05
Dedicatória	05	
Prefácio	06	
1 A Igreja	09	
2 Sua Fundação	19	
3 Seu Nascimento	25	
4 Martírio dos Apóstolos	31	
5 Roma Contra Deus	45	
6 A Paganização da Igreja	58	
7 Do Culto à Missa	64	
8 O Papado e a Era das Trevas	74	
9 A Cronologia do Erro	82	
10 Mariolatria	91	
11 A Religião dos Dogma	101	
12 Sementes da Reforma.....	116	
13 A Reforma Protestante.....	124	
14 Os Grandes Avivamentos.....	135	
15 O Movimento Pentecostal.....	142	
16 A Chegada ao Brasil.....	149	
17 A Igreja Hoje.....	154	
Bibliografia	162	

APRESENTAÇÃO

Busquei transcrever as referências bíblicas citadas visando o conforto daquele leitor casual que dificilmente recorre à Bíblia para conferir. Evitei siglas sem oferecer seus significados almejando subsidiar a carência dos leigos. Assim, quando citei a LXX, escrevi entre parênteses, “Septuaginta”,

além de oferecer nota explicativa no final do capítulo. Meu livro só será compreendido em sua simplicidade se o crítico ou leitor levar em consideração seu objetivo: Informar de maneira simples e despretensiosa, o leitor comum.

Jamais pleiteei descrever a história da Igreja em seus detalhes, pois isto requer uma narrativa exaustiva longe do meu alcance. Esta obra é como o rastro de aviões a jato, que apenas traçam uma trajetória. Assim é esta obra, um relato bem elaborado da trajetória da Igreja Cristã desde a sua fundação até os dias atuais. Não me preocupei com erudição senão para atenuá-la em prol dos menos letrados. Há um toque pessoal nas entrelinhas que visa aproximar o leitor e contextualizar os fatos. Por fim inseri uma mensagem devocional buscando servir leitores mais simples.

O autor

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por plantar em meu coração o sonho de escrever, aos irmãos em Cristo pelo incentivo. Eles sempre me trouxeram alento ao perguntar se o livro já estava pronto. À Luana Mendes, que tão gentilmente digitou esta obra quando as circunstâncias me impediam de fazê-lo. Ao Pr Keneth Lee Davis, meu pai na fé e que me apresentou à Teologia Sistemática. Ao meu pastor Expedito Dias Reis pelo exemplo de erudição e por seu aval a este livro.

Dedico-o a minha esposa Antônia Castro, aos meus sogros (*in-memorian*) Otílio e Odete e a meus pais Abdias e Rosalina Castro. Aos meus filhos: Lorrán, Lourrane e Luanna Castro. À memória de meus irmãos Cristiano (2014) e Edson (2018).

Floriano-PI, dezembro de 2018.

Pr Abdias Castro

PREFÁCIO

Para que serve a História? Eis uma pergunta que atormenta todo acadêmico em história. A complexidade para responder uma indagação aparentemente tão simples acontece em virtude do caráter fluído assumido por esta disciplina, especialmente com o advento da pós-modernidade. A partir do conceito fluído pós-moderno alguém que se proponha a apresentar o passado sempre será visto sob “suspeita”, pois como afirma Michel de Certeau¹: “O passado é também ficção do presente”. Ou seja, na visão deste renomado historiador a produção de um passado real é algo impossível. Contudo, ainda há esperança para aqueles que desejam reconstruir o passado e entendê-lo, pois nem todos compreendem que a reprodução do passado será sempre ficção.

Na tentativa de encontrar um significado sólido e não fluído para a história vemos a sensata opinião do historiador árabe khaldun², que diz: “A história é o registro da sociedade humana, ou civilização mundial; das mudanças que acontecem na natureza dessa sociedade [...]; das diferentes atividades e ocupações dos homens, seja para ganharem seu sustento ou nas várias ciências e artes; e, em geral, de todas as transformações sofridas pela sociedade [...]”²

Assim, baseado neste conceito conseguimos compreender, ainda que de modo obscuro, algumas utilidades da história. Entre elas está a função de “ser o registro da sociedade humana”. É justamente neste ponto que compreendemos a importância da obra do meu amigo Abdias Castro. O nobre escritor expõe a luz do dia fatos que foram responsáveis por profundas mudanças na história mundial, essencialmente com o surgimento do movimento cristão e conseqüente origem da Igreja.

Em A HISTÓRIA DA IGREJA o autor desconstrói os conceitos pós-modernos de uma história ficção, pois reproduz inúmeros testemunhos vividos através de dois mil anos de trajetória cristã. Além disto, o escritor se subsidia com diversos textos-documentos que fortalecem o caráter real de sua narração. Não podemos deixar de ressaltar que com maestria o teólogo Abdias Castro tece uma teia muito bem articulada ligando o passado da igreja ao seu atual desempenho na sociedade hodierna. Para realizar este feito, destacamos a capacidade brilhante de síntese do autor, pois sem

empobrecer uma rica história ele conseguiu sintetizar dois mil anos de história em um volume de aproximadamente 200 páginas.

A História da Igreja é um exemplar que enriquecerá as bibliotecas dos leitores que desejam conhecer a história de sua fé. E não podemos nos restringir a um caráter meramente informativo da obra, pois de uma forma bastante sensata, o autor nos leva a refletir em cima dos diversos erros cometidos pela cristandade no decurso de sua vida eclesiástica. Para tanto, Abdias nos mostra os caminhos heréticos que a Igreja percorreu a partir de sua união com o Estado Romano e o paganismo, bem como os caminhos nada ortodoxos que esta mesma Igreja, dita Cristã, tem percorrido nos últimos dias com a mistura entre a fé bíblica e protestante com diversos misticismos que parecem nos fazer retroagir em direção a “Idade das Trevas”.

Todavia, nas páginas desta obra encontramos também esperança através dos testemunhos de fé e persistência vividos pelos mártires que não negaram a sua crença em Cristo Jesus, mesmo com torturas e execuções promovidas pelos diversos líderes mundiais no decurso da história. É enriquecedor ler este trabalho!

Sem dúvidas, esta será uma leitura de extrema utilidade para todos que desejam aprender mais sobre o cristianismo, independente de professar esta fé ou não. Concluo este prefácio parabenizando meu amigo, pastor e teólogo Abdias Castro pela excelente obra. Inquestionavelmente a Igreja de Cristo ganhará imensamente com este trabalho!

Teresina, janeiro de 2017

Jefferson Rodrigues,

Rodrigues é formado em História pela Universidade Estadual do Piauí, com especialização em Estado, Movimentos sociais e Cultura pela mesma universidade, com formação em Teologia pela Faculdade Evangélica do Piauí. Escritor e membro da Academia Evangélica de Letras Piauiense (AELP)

1

A IGREJA

O termo igreja traduz a palavra grega *ekklésia* e significa no contexto do Novo Testamento tanto a igreja local (At 15.41), como a universal (At 20.28). O termo aparece pela primeira vez nas Escrituras em Mateus 16.18 e significa principalmente o conjunto dos que aceitaram a Jesus Cristo como Deus encarnado, Senhor e Salvador de suas vidas.

Em se tratando do Antigo Testamento a palavra hebraica *qahal* designava a assembleia do povo de Deus (Dt 10.4) e a LXX (Septuaginta), a tradução grega do Antigo Testamento, traduzia esta palavra por *ekklésia* e *synagoge*. Para termos compreensão da diferença entre os significados comparemos:

Ekklésia aparece **como assembleia dos israelitas** em Deuteronômio 10.4; 23.2-3, Salmos 22.22, Atos 7.38.

Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da (ekklésia) congregação (Hb 2.12).

Então Moisés falou as palavras deste cântico aos ouvidos de toda a congregação (ekklésia) de Israel, até se acabarem (Dt 31.30).

Como igreja local: Mateus 18.17; Atos 15.41; Romanos 16.16; 1 Coríntios 4.17; 7.17; Colossenses 4.15.

E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as (ekklésia) igrejas (At 15.41).

Porque Deus não é de confusão, senão de paz, como em todas as (ekklésia) igrejas (1 Co 14.33).

Como igreja universal: 1 Coríntios 12.28; Efésios 1.22.

(...) edificarei a minha (ekklésia) igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16.18).

(...) para apascentardes a (ekklésia) igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (At 20.28).

Muitas figuras de linguagem são usadas para nos transmitir a importância da igreja no tocante a Deus. Ela é apresentada pelo apóstolo Paulo como “povo de Deus, santificados em Cristo, chamados santos”, falando da igreja local e continua: “Com todos os santos que em todo lugar invocam o nome do Senhor Jesus Cristo”, agora se referindo a Igreja Universal.

A igreja é um povo peregrino, que não pertence mais a esta terra. O autor de Hebreus e o apóstolo Pedro dizem:

Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir (Hb 13.14).

Portai-vos com temor durante a vossa peregrinação (1 Pe 1.17).

O maior dever da igreja consiste em cultivar um relacionamento real e pessoal com Deus:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus (1Pe 2.9,10^a).

Ela atendeu ao chamado do seu Senhor ingressando no seu reino. Separar-se do mundo é parte integrante da sua natureza e a grande recompensa disto é ter Deus como Pai:

Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso retirai-vos, diz o Senhor, não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso (2 Co 6.16b, 17 e 18)

Ela é o **templo de Deus** e do Espírito Santo:

Não sabeis que sois santuários de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (1 Co 3.17).

A Igreja é o **corpo de Cristo** (1Co 6.16,17;10.16,17;12.12,27) implica dizer que só poderá existir verdadeira igreja pela união vital entre seus membros e Cristo. Não há corpo sem cabeça e a da Igreja é Cristo (Cl 1. 18; Ef 1.22). Outros versículos transmitem a mesma ideia (Ef 4.15; 5.23).

Recentemente visitei uma igreja na companhia de um irmão e pude perceber que os relacionamentos ali não existem. Uma irmã, por conveniência precisou congregar nesta mesma igreja por um período de um ano e ao final deste tempo perguntei-lhe: Durante estes onze meses a senhora poderia dizer o nome de dez pessoas que a senhora conheceu lá? A resposta dela foi que não. Então diminui para cinco pessoas, e para três, e finalmente para uma única pessoa. Não, ela não pôde ao final de um ano frequentando uma mesma igreja, citar ao menos uma pessoa pelo nome. Como podemos chamar isto de igreja? A igreja deve ser um lugar em que os relacionamentos acontecem.

Ela é a **noiva de Cristo** (2 Co 11. 2; Ef 5. 23-27; Ap 19. 7,9).

O Espírito e a noiva (a igreja) dizem: vem ... (Ap 22.17).

Este conceito encerra a lealdade, a devoção, a fidelidade e a pureza da Igreja para com Cristo, seu Noivo.

A Igreja é uma comunhão (gr *Koinonia*) espiritual (2 Co 13.13).

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria de modo que penseis a mesma coisa, tendes o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento (Fp 2. 1,2).

Neste conceito está inclusa a habitação nela do Espírito Santo (Ef 4.4) e o batismo com o Espírito Santo (At 1.5; 2.4; 8.14-17). A comunhão deve ser uma demonstração visível do mútuo amor entre os irmãos:

Novo mandamento vos dou: que ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros (Jo 13.34,35).

Ela é um ministério (gr *diaconia*) espiritual. A Igreja ministra por meio dos dons (gr *charismata*) outorgados pelo Espírito Santo (Rm 12.6; 1 Co 12.4-11; Ef 4.11).

(...) de modo que não vos falte nenhum dom, enquanto aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 1. 7).

A igreja do Senhor é um exército engajado num conflito espiritual. Ela luta com a espada e o poder do Espírito.

Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito que é a palavra de Deus (Ef 6.17).

Sem a posse da Palavra de Deus, um crente é um soldado desarmado. Isto me faz lembrar um episódio ocorrido comigo no ano de 1992 quando eu ainda era um policial em luta contra o alcoolismo. Naquele tempo eu estava muito mal, pois minha dependência química por álcool era já gravíssima. Em meio ao desespero de ter chegado à conclusão de que era escravo, um viciado, dominado por uma substância, comecei a me apegar aos crentes da minha rua em busca de um milagre. Passei a frequentar uma determinada igreja evangélica perto da minha casa e atender a todos os convites vindos de crente. Pois imaginava que cada convite daquele pudesse ser um chamado de Deus para o milagre, a sonhada libertação. A denominação eu nem sei se existe mais, chamava-se Igreja Evangélica Apostólica e estava sob os cuidados de um ancião, servo do senhor e erudito pregador, o pastor Jaci, um servo de Deus. Ora, de tanto estar por ali me tornei amigo do homem. Todas as vezes que eu ia ao culto ele disfarçadamente me revistava e quando (sempre) sua mão tocava a arma que eu trazia, hora na cintura, hora no coldre axilar meneava a cabeça dizendo: “Meu filho, enquanto você vier armado a esta casa, voltará de mãos vazias”. Tornava a me abraçar e dizia: “Você precisa confiar em Deus”.

De tanto “voltar de mãos vazias” decidi ir desarmado ao culto. Na entrada da igreja o pastor revistou-me como de costume e ao notar a falta da arma na minha cintura disse: “Hoje Deus vai fazer algo em tua vida”!

Bem, o culto acabou e eu não pude perceber nada que tivesse acontecido, pois podia sentir a terrível compulsão por bebida alcoólica que me dizia que tão logo eu saísse dali iria procurar um bar. Porém agora, podia sentir uma tremenda insegurança pelo fato de estar desarmado e ter que enfrentar ruas desertas e escuras na volta para casa.

O pastor encerrou o culto declarando que “um anjo nos conduziria em segurança aos nossos lares e a luz divina nos guiaria em todos os nossos caminhos”. Sai dali temeroso e inquieto, pois jamais tinha feito um trajeto de rua desarmado, nem mesmo de dia, quanto mais às 10 da noite de um domingo. Minhas preocupações tinham fundamento e quando já estava há uns 30 metros de casa, fui surpreendido por uma dupla de assaltantes acompanhados de uma mulher. Rendido e com dois revólveres apontados

para minha cara, pensei: “Estou morto!... Sou um policial a mercê de bandidos impiedosos”. Enquanto um deles apontava um revólver para a minha cabeça o outro revistava minha carteira que por sinal estava recheada com quase todo o meu salário. Enquanto eles “trabalhavam” comecei a fazer um autoexame, pois sentia que não sairia com vida daquela enrascada. Sabia de vários colegas que perderam a vida em assaltos. “pelo menos foi voltando da igreja” - pensava eu. Mas ao mesmo tempo pensava numa saída. De repente, o bandido que estava atrás mostrou alguma coisa ao cúmplice por cima do meu ombro esquerdo. De rabo de olho percebi que eram minhas credenciais da polícia. Tratava-se de um brasão dourado da República, encrustado no couro negro da carteira ao redor do brasão lia-se: “Segurança Pública: Polícia”. Pensei: Tô morto! Quando o meliante da frente viu a carteira ficou transtornado. Podia ver seus olhos latejando de ódio Babando de raiva ele grunhiu: Tu é cana?.

— Sou da banda de música³ - respondi mentindo, pois não sabia ao menos assobiar.

— Cadê a arma? - questionou ele.

— Não uso armas, sou da banda de música.

— Um policial sem armas? - duvidou ele.

Naquele momento (um milésimo de segundo), lembrei-me do que o pastor me dissera um dia: “Meu filho, a Bíblia, que é a Palavra de Deus, é a arma do crente.” Imediatamente argumentei:

— Minha arma é esta - disse balançando a Bíblia levemente.

Aquilo parece ter sido como um tapa na cara do bandido, pois seu humor piorou ainda mais.

— Ajoelha! - Disse ele rangendo os dentes; tu vai morrer rezando.

Enquanto eu obedecia, o homem engatilhou a arma e encostou o cano gelado bem acima dos meus olhos. Neste momento a adrenalina foi tanto que senti a saliva ficar salgada e com cheiro de sangue. Vi a face da morte, fria e cruel. Mil coisas cruzavam como relâmpagos a minha mente. Foi então que clamei mentalmente, como Bartimeu; “Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”.

Fui descendo o joelho bem devagar e na velocidade da luz bolei um plano de caráter urgente/urgentíssimo: Dar uma *blibada* no bandido da frente e sair correndo em ziguezague. No instante seguinte a adrenalina alcançou os limites máximos, pois senti como um raio percorrer minha espinha enquanto milhões de grilos começaram a cantar em meus ouvidos.

—Um!...Dois!... Abri a contagem de “um a três”.

Foi então que algo incrível aconteceu, o elemento que estava à retaguarda falou ao outro com autoridade de chefe:

—Tira a arma da cabeça dele! - disse enquanto me segurava para que não terminasse de ajoelhar-me.

—Tá louco véio? Esse cara é cana e eu vou “passar fogo” nele agora.

— Ele é crente!...

— O que tá acontecendo contigo véio?! - Questionou o outro.

O homem que parecia ser o chefe colocou a carteira de volta ao meu bolso recomendando que eu fosse embora sem olhar para trás, sem correr e sem gritar, pois, em qualquer dessas hipóteses eu seria fuzilado.

Saí dali sentindo o peso de uma tonelada em cada pé. A cada passo que dava esperava o primeiro tiro ser disparado em minhas costas. Louvado seja Deus, isto não aconteceu e quando eu criei coragem para olhar para trás não vi mais ninguém na rua. Hoje tenho certeza que o que salvou minha pele foi ter ido desarmado para a igreja. Naquela noite minha arma foi mesmo a Bíblia, sem ela, ou com a arma de fogo eu teria morrido. Deus me deu um grande livramento naquele dia. Só quando cheguei em casa é que descobri que todo o dinheiro graúdo estava ali na carteira, pois os assaltantes levaram apenas o dinheiro trocado que estava separado do outro. Gloria a Deus!

Na batalha contra o mau a Palavra de Deus é a grande arma, capaz de perpetrar o impossível. Nesta guerra espiritual contra Satanás e o pecado a Igreja vence pelo poder do Espírito que a enche (Hb 4.12; Ap 1.16; 19.15-21).

“Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.17).

A Igreja é a **coluna** e o **fundamento da verdade**, sendo assim, o **alicerce** que sustenta uma construção.

Para que, se eu demorar, saibais como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e alicerce da verdade (I Tm 3.15).

Ela é um povo que possui uma esperança futura. Esta esperança tem por certo a volta de Cristo e o arrebatamento, (1 Tm 6.14; 2 Tm 4.8; Tt 2.13; Hb 9.28).

E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também (Jo 14.3).

Ainda temos outros termos para a Igreja como: A Nova Criação, Carta de Cristo, Templo Sagrado, Ramos da Videira, Senhora Eleita, Embaixadores de Cristo, Família de Deus, etc...

A Igreja é tanto visível quanto invisível. A Igreja invisível consiste no conjunto de crentes unidos por sua fé em Cristo Jesus, chamada a Igreja Espiritual de Deus. Já a Igreja visível consiste de congregações locais.

Costumo dizer que a Igreja é como uma oficina onde todos os dias aparelhos dão entrada apresentando os mais diversos defeitos. Uns graves, outros nem tanto, mas todos hão de passar pelas mãos do mecânico, sofrerão ajustes. Assim acontece na Igreja: ela recebe todos os dias pessoas acarretadas de problemas, vícios, defeitos morais e sociais, os quais serão endireitados pela ação do Espírito e pela Palavra de Deus. Assim diz a Bíblia:

Ora, numa grande casa (a Igreja) não há somente utensílios de ouro e de prata, há também de madeira e de barro. Alguns para honra, outros, porém, para desonra. (2 Tm 2.20).

Ora, Jesus nos falou do joio e do trigo (Mt 13.24-30), eles representam dois tipos de gente na igreja. O trigo fala-nos dos crentes sinceros, pessoas verdadeiramente convertidas, que têm buscado debaixo de lutas e através de renúncia consciente servir ao Senhor. São os crentes genuínos, cristãos autênticos. Os falsos crentes são ilustrados como o joio, uma erva daninha parecidíssima com o trigo e por isto difícil de ser extirpada, pois se tentássemos removê-la atingiríamos também o trigo e perderíamos muito tempo e suor. No entanto, quando o trigo cresce e fica maduro, lança o pendão anunciando o fruto. Neste estágio o trigo fica diferente do joio que não sendo frutífero, não lança pendão. O conselho do Mestre é reconhecê-lo pela ausência de frutos.

Observemos estes tipos na igreja local;

Cristãos autênticos: São fiéis, e a Bíblia chama-os de vencedores. São vitoriosos, não no sentido triunfalista de ver as coisas, mas no sentido espiritual de perseverar na esperança e fé.

(...) o que vencer não receberá o dolo da segunda morte (...). Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido (...). E ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras eu lhe darei poder sobre as nações (Ap 2. 11, 17, 26).

Falsos crentes: São os que não renunciam a este mundo, mas, negociam com ele e vivem tentando barganhar com Deus. São chamados

“lobos” disfarçados de cordeiros.

E também entre vós haverá falsos doutores que introduzirão encobertamente heresias de perdição... (2 Pe 2.1).

(...) E pusestes a prova os que dizem serem apóstolos e não são e tu os achaste mentirosos (Ap 2.2^b).

Caídos: Estes até tiveram um encontro com Cristo, eram avivados e tinham convicção da salvação, porém em algum momento da caminhada esfriaram sucumbindo na fé (Ap 2.5)

Espiritualmente mortos:

Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto (Ap 3.1^b).

A Bíblia fala ainda de **crentes mornos**, de pensamento dobre. O fato é que na igreja local existem diversas situações espirituais, aqueles que estão desfrutando plena comunhão com a Trindade devem prosseguir nas suas atividades buscando sempre mais de Deus. Aqueles que enfrentam problemas, não esmoreçam, clamem por socorro e Deus proverá.

Vale lembrar que Deus não virá buscar “uma igreja”, ele virá buscar “a Igreja”, e ela será colhida das diversas igrejas espalhadas pelo planeta Terra. É injustificável o sentimento exclusivista de certas denominações e de certos crentes. Deus não pactua com aqueles que o veem como *Adonis* que significa “meu Deus”, mas deixa-se chamar de *Adonai*, “Deus de todos”

Nota

A Polícia Militar do Distrito Federal possui uma conhecidíssima banda de música, composta por policiais com dedicação exclusiva.

Os meios de comunicação sempre noticiaram o desespero de famílias que tiveram de abandonar às pressas suas casas e apartamentos, mediante o risco de desabamento iminente. As causas que levam estes prédios à ruína estão na base, no seu alicerce, no baldrame. Mesmo que haja uma falha em outra fase da construção, se a base de sustentação tiver qualidade, ela não desabará, aliás, nem mesmo será abalada. É assim na vida cristã, e é assim com a Igreja. Jesus ilustrou isto da seguinte forma: *“Um homem prudente (prudência sempre nos fala de cuidado preventivo) havia construído a sua casa sobre um terreno rochoso (lajeiro), lançando os alicerces da construção a partir da pedra. Depois de construída a casa, veio um forte vento e também uma enchente de terríveis correntezas sobre aquela casa. Ora, tratava-se de um vendaval acompanhado de forte chuva e temporal. Mas nada disto abalou aquela casa, tudo porque tinha um bom fundamento (Mt 7.24-25, versão livre).*

A Igreja do Senhor Jesus, no espaço de mais de dois mil anos de existência, enfrentou incontáveis situações adversas, ventos impetuosos fustigaram-na sem trégua, perseguições gigantescas e sangrentas assolaram-na, mas ela “tirou de letra”. Sua trajetória é vitoriosa nada têm impedido seu avanço e crescimento. Mas como explicar tal resistência? Onde está o seu segredo? Em que reside a sua força? A resposta é silábica: na base!

Segundo o Pastor Jeremias do Couto:

A história é pródiga em mostrar (revelar) que muitas instituições sucumbiram com o tempo, comprovando a tese de que qualquer organização, por mais forte que seja tem sua trajetória bem definida em três fases distintas – crescimento, ápice e decadência, - para então submergir nas lembranças do passado. Não é assim com a Igreja ¹.

Realmente a Igreja é diferente de tudo quanto é instituição que encontremos por aí. Afinal é a única que tem seu alicerce lançado na Rocha Eterna chamada Jesus. Ela foi projetada por Deus que a concebeu nos mínimos detalhes. Nada frustrará os planos de Deus para ela. O discurso do “lançamento da pedra fundamental” foi rápido e certo:

Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mateus 16.18).

Conforme este texto do evangelho do Senhor Jesus escrito por Mateus, a origem da Igreja remonta ao próprio Cristo. Jesus sabia, por usufruto da onisciência, das terríveis dificuldades que surgiriam contra a igreja que haveria de nascer em breve na Cidade Santa, Jerusalém. Quando

ele fala de “*portas do inferno*” refere-se ao próprio Diabo e de um modo geral, a todo mau que viceja no mundo. Jesus quis dizer o seguinte: Satanás fará de tudo, usará todos os artifícios para impedir o avanço da igreja em todos os tempos, mas, independente da apostasia (abandono deliberado da fé), da hipocrisia, dos falsos profetas, do modismo, da inovação carismática, das seitas, dos evangelhos “doces” ao gosto do cliente, a Igreja do Senhor não fracassará na sua árdua missão de proclamar o Evangelho. Deus sempre terá um remanescente de crentes fiéis, que não se dobrarão. Que permanecerão firmes fiéis ao evangelho puro, original de Cristo e dos apóstolos.

O erro católico acerca de Pedro – A Igreja Católica Romana interpretou erroneamente parte do versículo dezoito do capítulo 16 de Mateus. Pior; estribam-se nele para dizer que Jesus empossou Pedro como papa desde então. Cristãos de todos os credos concordam com a preeminência do apóstolo Pedro entre os demais apóstolos. Isto fica evidenciado no relato bíblico. Todavia, não há ligação, nem bíblica, nem histórica, desta liderança com um suposto papado.

Pedro foi líder, porém jamais requereu para si supremacia, muito menos infalibilidade (conceito de que o papa é infalível em suas declarações e julgamentos). Nem poderia fazer isto, pois a Bíblia o desmentiria. Ela nos apresenta um Pedro confuso logo depois de ouvir aquelas palavras de Jesus. Poucos versículos adiante da suposta “posse” de Pedro ele é usado pelo “Diabo” em pessoa para tentar desencorajar Jesus de cumprir sua missão de salvar a humanidade:

E Pedro chamando-o a parte, começou a reprova-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isto de modo algum te acontecerá.

Mas Jesus, voltando-se a Pedro, disse: Arreda Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens (Mateus 16.22,23).

Ora, ora, se Pedro foi nomeado “papa” no versículo 18 e duramente chamado a atenção por Jesus no versículo 23, justamente por “não cogitar das coisas de Deus e sim dos homens”, então onde foi parar a infalibilidade papal? Não era o primeiro papa digno de ser chamado *sua santidade*? No entanto a Igreja Romana atribui este tratamento a papas como Inocêncio III, um demônio, entre outros².

Jesus acusou Pedro de não ser espiritual, *não cogitas das coisas de Deus*, mas carnal, *e sim dos homens*. E isto, logo depois do episódio que a Igreja Católica usa como *inauguração do papado*. Pedro era um homem carnal até perto da morte de Jesus, onde diz a Bíblia, ele chorou amargamente (Mt 26.75).

Mas, como sei que os *infiéis* se agarram aos dogmas como um cão ao osso, percebo que muitos dirão: “não, ...ali em Mateus 16.18 Jesus apenas anunciou o que ainda iria acontecer, no futuro.” A estes digo: Aguardem até o capítulo 8, onde nos atermos a fatos históricos que “desautorizam” a sucessão apostólica do papado; por enquanto voltemos à Bíblia:

Se Pedro ocupou mesmo a primazia papal, como explicar o apóstolo Paulo lhe repreendendo “face a face”, ou seja, de igual para igual, olho no olho, conforme relato bíblico de Gálatas 2, versículo 11 em diante. Ali fica claro que Pedro era só mais um entre os apóstolos:

Quando, porém, Cefas (Pedro) veio a Antioquia, resisti-lhe (enfrentei) face a face, porque se tornara repreensível, (viva a Bíblia!). Gálatas 2.11, (notas entre parênteses do autor).

Amados, este episódio bíblico fala de quando Paulo estava apresentando o povo gentio (não judeu) na Igreja e enfrentava o sentimento exclusivista dos judeus de que Deus era só para eles e para mais ninguém. Paulo, com muita luta, já tinha conseguido convencer alguns em Antioquia, inclusive Pedro, a assentar-se à mesa com pessoas não judias. Porém, diz Paulo, quando ele viu alguns líderes vindos da parte de Tiago, afastou-se desconfiado, veja:

... Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios, quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão (Gálatas 2.12).

Deixa-me explicar: Havia um assunto sendo discutido na Igreja; os gentios deviam ser aceitos na família de Deus? Seu grande defensor, levantado por Deus era, sem dúvida o apóstolo Paulo. Este estava na cidade de Antioquia rodeado de gentios. Comiam alegremente juntos, compartilhavam seus bens e discutiam assuntos de comum interesse. Pedro estava junto, achando tudo muito bom, mas isto foi só até alguém soprar no seu ouvido que alguns líderes de Jerusalém estavam vindo à cidade. Diante desta notícia Pedro afastou-se. A mudança brusca do humor do colega fez Paulo estranhar. Paulo puxava

assunto sobre os irmãos gentis, mas Pedro queria mudar de assunto (uma atitude hipócrita), não demonstrando interesse pelo assunto. Os dias foram se passando e Paulo começou a perceber que Pedro estava “virando a casaca”. Mas deixou o assunto para o tempo certo. Quando finalmente os homens de Jerusalém chegaram, Pedro apartou-se de vez deixando Paulo na mão (uma atitude nada aconselhável para um cristão). Vale observar que este afastamento foi provocado por medo (temendo os da circuncisão). Ora se Pedro concordava com Paulo, mas fingia não concordar com medo dos de Jerusalém, (da parte de Tiago), logo compreendemos que o líder da Igreja, com autonomia para contestar assuntos novos era Tiago e não Pedro.

Mas vamos agora explicar o erro católico:

Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...

Jesus disse: *Tu és Pedro* (do grego *Petros*) que significa “pedrinha, brita, seixo”. Em seguida, usou a palavra *petra*, “*sobre esta petra*” = Rocha, lajeiro, “*edificarei a minha igreja*”. A palavra *petra* é um substantivo comum e não é nome de Pedro. Jesus estava fazendo um jogo de palavras, algo muito comum entre judeus. Ele não disse “sobre ti Pedro”, nem “sobre os teus sucessores” (como pretende a Igreja Católica), mas, sobre *esta rocha* que significa ou aponta para ele mesmo.

É lamentável que os cristãos católicos não sejam afeitos à leitura sistemática da Palavra de Deus e por causa disto engolem toda “bolota” que lhes dão os mal-intencionados líderes. Eles usam esta passagem como base para o dogma da sucessão petrina do papado, todavia, na Carta aos Coríntios está escrito com todas as letras que a igreja é construída em Cristo.

Porque ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo (1 Coríntios 3.11).

A palavra diz: ninguém pode lançar outro alicerce, mas a Igreja Católica lançou.

Notas

- 1- **COUTO**, Jeremias do- Teologia Sistemática Pentecostal, CPAD, 2008.
- 2- O Papa Gregório IX instituiu a Inquisição que torturou e matou centenas de milhares de cristão no mundo inteiro. O Papa João XII, ano 955 realizava orgias com virgens, fez do palácio papal um bordel e foi morto pelo marido da mulher com quem estava deitado, em pleno ato sexual. O Papa Inocêncio VIII, 1484-1492 é apontado como pai de 16 filhos bastardos. Já o papa Alexandre VI, 1492-1503, teve vários filhos bastardos e foi acusado de ser amante de sua própria filha Lucrecia Borja.

3

SEU NASCIMENTO

A história da Igreja Cristã teve início no ano 29 ou 30 a.C., na cidade de Jerusalém durante a celebração da segunda festa sagrada dos judeus, a **Festa de Pentecoste**. Também era chamada de festa das colheitas, pois nela eram oferecidas as primícias da sega, ou seja, os primeiros frutos da colheita de grãos (Levíticos 23.17) O Pentecoste acontecia cinquenta dias após a Páscoa. Pentecoste é a palavra derivada do grego *Penteekostos* (quinguagésimo).

Para a Igreja, Pentecoste simboliza entre outras coisas o início da **colheita de almas para Deus**.

Quando Jesus foi elevado aos céus, diante de uma multidão de quase quinhentos discípulos (I Coríntios 15.6) deu-lhes uma ordem:

Permaneçei, pois em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder (Lucas 24.49).

Havia nas palavras de Jesus uma promessa tremenda: Um derramamento de poder espiritual. No entanto bastaram dez dias para que mais de três quartos, acima de 75% dos crentes esfriassem, esmorecessem e abandonassem a fé. Aqueles homens e mulheres que deram para trás, andaram com ele, comeram na mesma mesa com ele, viram seus milagres, ouviram seus ensinamentos... Mesmo assim, não suportaram a espera de dez dias apenas. Foram engolidos pela ansiedade, retornaram aos seus labores, reassumiram seus postos e empregos, aos quais haviam renunciados. Não obstante, alegra-nos saber que cento e vinte deles permaneceram firmes (Atos 1. 15). No livro de Atos dos Apóstolos lemos que os que creram foram imediatamente para o cenáculo, onde, juntamente

com as mulheres, oravam. Pouco mais de uma semana depois, todos foram batizados com o Espírito Santo. Eis a primitiva igreja com seus 120 membros remanescentes.

Só de passagem – É bom lembrar que de acordo com as Escrituras a “cidade berço” do cristianismo e sua capital mundial é Jerusalém e não Roma, e que o poderoso fogo pentecostal desceu sobre a cabeça de todos os 120 discípulos presentes e não somente na de Pedro.

Locais de Reunião: - Os irmãos primitivos reuniam-se no cenáculo, uma espécie de salão construído em cima do andar térreo de uma casa, muito provavelmente na casa da mãe de João Marcos, o autor do segundo evangelho.

...Subiam para o cenáculo onde se reuniam... (Atos 1.13).

Ali os irmãos partilhavam suas lutas, resolviam questões da fé que abraçaram, oravam e louvavam ao Senhor Jesus.

Mesmo unidos nesta nova religião em Cristo, o Filho de Deus, eles não abandonaram a adoração no Templo: Este grande edifício exercia grande influência sobre eles, pois eram ainda todos judeus.

Então eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus (Lucas 24.52,53).

Outro lugar frequentado por eles era o pórtico de Salomão, um alpendre na lateral do templo que lhes fornecia uma visão privilegiada da cidade.

“Muito sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos”. E costumavam todos reunir-se de comum acordo no pórtico de Salomão (Atos 5.12).

Podemos sugerir que os discípulos, sendo todos judeus, tenham, num primeiro momento, tentado conciliar a fé cristã à tradição do templo intercalando idas nostálgicas ao templo com reuniões restritas do cenáculo, seu “lugar secreto”. Aliás, o Livro de Atos não nos informa onde eles estavam quando o Espírito desceu. Talvez na área externa do templo oferecendo assim oportunidade de evangelizar uma grande multidão presente.

Até então eles não eram chamados de cristãos, eram nomeados de os do Caminho (At.19.9,23).

... E lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres,

os levasse presos para Jerusalém (Atos 9.2).

Somente muito tempo depois em Antioquia é que viriam a ser chamados de Cristãos, seguidores de Cristo.

Em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos (Atos 11.26)

Primeiros membros:- A igreja a princípio era composta de três tipos de judeus:

- Judeus hebreus – Aqueles que pertenciam à verdadeira raça israelita. Falavam a língua hebraica, que nessa época já era um tanto diferente do hebraico clássico falado na época do Antigo Testamento. Nesta época já se falava o dialeto aramaico que era um hebraico um pouco modificado.
- Judeus helenistas – Eram a maioria. Descendiam dos judeus que foram dispersos depois da destruição de Jerusalém em 558 a.C. Muitos destes judeus não residiam na cidade de Jerusalém, nem mesmo na província da Judéia, mas nas nações estrangeiras. Depois que se converteram ao cristianismo fixaram morada na Judéia.
- Judeus prosélitos – Estes cristãos não eram judeus de nascimento, entretanto, eram considerados judeus por haverem renunciado ao paganismo e se submetido ao rito da circuncisão.

Atos 2.42-47 nos fornece a descrição espiritual mais completa sobre os primeiros crentes:

a) Perseveravam na doutrina dos apóstolos... (v.42^a).

Que vem a ser isto, senão que valorizavam o ensino da Palavra, a pregação e que buscavam viver com base no que aprendiam de Deus.

Atualmente, a Igreja passa por revezes de um esfriamento espiritual que tem causado grandes males para os crentes, e o motivo disto é a apatia,

a indiferença da igreja com relação ao verdadeiro evangelho. Isto, claro, associado ao descaso e ao despreparo dos pregadores que estão mais preocupados em arrancar “glória” e “aleluia” da plateia em detrimento do ensino. Mais vale a histeria espasmódica do culto “avivalista”, que o enlevo espiritual de um sermão unguento. Estes homens pregam fora do contexto, forçam o texto a dizer o que eles querem a seu *bel prazer*, para “encher balão” ou o ego dos ouvintes. A última vez que vi um pregador assim ele gritava para romper os tímpanos: Você nasceu para ser graaaaandeee! Misericórdia! Desprezo pelas Escrituras foi o grande erro do romanismo. Como não dava valor à Palavra na liturgia da missa, acabou por negar em definitivo o acesso do povo a ela. Voltemos à Palavra! Digo isto porque viajo muito acompanhando meu filho que é cantor e tenho observado que o tempo reservado à pregação é de apenas 15 minutos. Já vi culto terminar sem pregação porque não “sobrou” tempo. Um erro gravíssimo! Fui visitar uma igreja em dia de domingo e o pastor antecipou-me que eu iria pregar. Já achei errado o culto de domingo estar com a pregação em suspense até aquele instante, mas como éramos velhos conhecidos e como eu já havia pregado várias vezes ali, tudo bem. Mas o pior era outro; Após um bocadinho de “enchessão” de linguiça e blábláblá veio a surpresa maior, quando, faltando quinze minutos para as nove horas, o pastor me passou o microfone com as seguintes palavras de lamento; É...o tempo já se foi, mas vamos ouvir **uma palavra** com o pastor Abdias. Meu Deus!

a) e na comunhão...-(v.42^a)

Os crentes são chamados a compartilhar suas vidas uns com os outros. Ter “tudo em comum” faz parte do ideal cristão. Naquela comunidade os membros envolviam-se em atividades e propósitos comuns, em suma, estavam sempre unidos, embora nem sempre reunidos...(v.44^a). Ao contrário de hoje que estão sempre reunidos e quase nunca unidos.

A Bíblia declara-nos que eles “vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto (dinheiro da venda) entre todos, à medida que alguém tinha necessidade”. Ora, havia na igreja uma preocupação social com os necessitados, os carentes, e embora a venda de propriedades tenha sido algo pontual e passageiro, a atenção aos pobres permaneceu, tendo inclusive evoluído conforme Atos 6.1,3.

- b) *...e no partir do pão...* - (v.42^b). Isto é, celebravam regularmente a Ceia do Senhor.
- c) *Em cada alma havia temor...* (v.43^a)
- d) *E muitos prodígios e sinais eram feitos...* (v.43^b) Afinal esta é uma promessa aos que creem:

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome expelirão demônios, falarão novas línguas; pegarão em serpentes e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal, se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados (Marcos 16.17,18).

- e) *Diariamente perseveravam no templo* – (v.46^a) eles se congregavam, tanto no templo quanto no cenáculo. Parece-nos, no entanto, que perderam o interesse pela sinagoga judia.
- f) *Partiam pão de casa em casa* – eram solidários.

g) *louvando a Deus* (v.47^a) Desde o princípio, cantar hinos e salmos fazia parte da liturgia do culto. Os salmos eram a Harpa Cristã, dos Judeus e dos primeiros cristãos.

O resultado de levarem uma vida assim é que eles gozavam da simpatia do povo. A Bíblia diz que eles cresciam em maturidade e quantidade (v.47).

4

MARTÍRIO DOS APÓSTOLOS

O propósito do derramamento do Espírito sobre a Igreja foi e sempre o será com o objetivo específico de **evangelizar** o mundo. Nos dias atuais vemos manifestações de todo tipo nos cultos de adoração, uma busca por um poder que jamais será concedido a quem não tem planos evangelísticos. Qualquer tentativa de tirar proveito do Espírito Santo para o deleite ou engrandecimento pessoal ou buscar milagres com fins em si mesmos será frustrado com um grande “não” da parte de Deus. O que mais vemos

atualmente é uma busca frenética por um avivamento; não aquele que aproxima o crente de Deus e de sua obra, por intermédio da Palavra e do Espírito Santo, mas, um avivamento “epitelial” incapaz de causar mudanças duráveis e proveitosas.

Os discípulos na Igreja Primitiva negligenciaram a ordem de irem às nações gentílicas, todavia engana-se quem pensa que eles ficaram ociosos e omissos. Logo nos primeiros dias, cumpriram cabalmente a primeira parte da ordem nos mínimos detalhes. “Impregnaram” Jerusalém com a mensagem de Cristo.

*Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo **enchestes** Jerusalém de vossa doutrina... (Atos 5.28).*

O termo “enchestes” reflete bem o êxito dos cristãos em pregar na comunidade em que viviam. O relato de Lucas registra ainda:

***Crescia** a Palavra de Deus e em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos, também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé (Atos 6.7).*

O problema era de interpretação, não de omissão. Eles estavam confinados aos muros de Jerusalém, sem nenhum esforço para alcançar as nações gentílicas, talvez por entenderem que os termos, “Samaria”, e, confins da terra não fizesse muita diferença pra Jesus, “O importante é que a igreja está crescendo”. Soa comum aos teus ouvidos? Se tá crescendo, então está bom. Mas o crescimento ideal é o de abrangência, de alcance. Agora temos missionários crendo que a evolução natural das igrejas é alcançar os grandes centros. Recentemente encontrei-me com um irmão pastor e missionário que ao comentar sobre o meu ministério sussurrou em meus ouvidos; “Leva tua igreja aos grandes centros, onde corre dinheiro”. Senti-me muito mal de ouvir aquilo embora eu saiba que ele falou com a melhor das intenções para comigo, errou léguas com relação à missão do meu ministério e de todas as igrejas cristãs.

Tem muita igreja pensando assim. Porém, o mais importante não é o crescimento da igreja, mas a propagação do evangelho.

As evidências históricas demonstram que eles relutaram ao menos 10 anos antes de sair das fronteiras de Jerusalém. Estavam acometidos da síndrome do casulo, ou síndrome do quartel-general. Enquanto isto, 900 milhões de gentios perecia no mundo.

Cerca de sete anos haviam se passado e a Igreja permanecia na cidade. Sabemos que três mil pessoas foram somadas aos discípulos poucos

dias após a ressurreição (At 2.41). Mesmo sem levarmos em consideração que os judeus não contabilizam mulheres, nem crianças, só os cinco mil citados em Atos 4.4 já é uma soma difícil de passar despercebida. Esta multidão não só chamou a atenção dos líderes judaicos extremistas como começou a incomodá-los, como uma pedra no sapato.

Primeiramente foram proibidos de frequentarem o templo. Pouco tempo depois os ânimos já estavam acirrados ao ponto da intolerância e ódio incontidos. Aos 35 d.C. o diácono Estêvão teve o seu sangue derramado em praça pública, vindo a se tornar o primeiro mártir da Igreja Cristã. Sua morte é narrada no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 7, da seguinte forma:

“E ouvindo eles (os Judeus) isto, enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele...(v.54) Mas eles gritaram com grande voz, taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele...(v.57) E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espirito (v.59)

O apedrejamento de Estêvão foi uma violação da lei romana, que previa que somente a autoridade romana poderia aplicar a pena de morte. Isto, tão somente prefigura a perseguição legal que estava por vir. Estêvão simboliza os milhares de cristãos que viriam a morrer nas ruas, no Coliseu e mais tarde nas fogueiras da Inquisição. Depois deste primeiro martírio a Igreja não teria mais sossego devido à perseguição que se levantou em Jerusalém. Saulo de Tarso (futuro apóstolo Paulo) tornou-se o principal perseguidor nos anos imediatamente após a crucificação de Jesus. Ele foi o supervisor do apedrejamento de Estêvão.

E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo (Atos 7.58).

Atos

7.58

Segundo o relato bíblico, os fatos ocorreram na cidade de Jerusalém, depois de um longo discurso do diácono Estêvão. Os judeus extremistas começaram a lançar improperios contra ele. Isto provocou um ajuntamento de pessoas, e um princípio de tumulto. Quando os ânimos se acirraram ainda mais arrastaram Estêvão para fora da cidade: Paulo acompanhou desde o princípio os fatos. Ele, como autoridade entre os

fariseus poderia ter interrompido aquela execução, mas ele, ao contrário, “consentia na sua morte”.

E Saulo consentia na sua morte (Atos 8.1).

Após a morte de Estêvão, antes que os ânimos esfriassem, Saulo deu início a seu projeto de perseguir os cristãos:

Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele. Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere (Atos 8.3).

Saulo era seu nome hebraico, embora na maior parte do Novo Testamento ele seja citado pelo nome grego, Paulo. Os cristãos a esta altura haviam-se dispersado pelas aldeias e cidades circunvizinhas, uma fuga em massa:

Naqueles dias, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria (Atos 8.1).

Jerusalém, desde aqueles tempos, já era o epicentro da efervescência religiosa no mundo e os apóstolos não podiam ceder à tentação de se juntar aos demais e saírem correndo. Decidiram permanecer ali, protegidos (a única explicação plausível) pelas asas do Onipotente:

O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente, diz o SENHOR: Meu refúgio e fortaleza... (Salmo 91.1,2).

Você pode dizer amém para isto? Você também crer assim? Nosso Deus é capaz de nos tornar invisíveis aos olhos do inimigo. Isto é bíblico (Atos 12.9,11).

A perseguição exerce um poder paradoxal na Igreja que quanto mais é perseguida, tanto mais cresce. Foi assim neste episódio. A perseguição repentina tornou a Igreja missionária. Muitos ousam dizer que Deus providenciou uma perseguição, mas não é bem assim. Ele simplesmente permitiu que, aquilo que ele estava impedindo, viesse a acontecer. E isto, com um propósito: O cumprimento da Grande Comissão. Devíamos atentar mais para o Ide do Senhor, pois temos observado que nos últimos tempos temos nos acomodado, temos transformado o ide, em vinde: Eu explico; deveríamos alcançar as almas com o evangelho de Salvação e não convidando as pessoas para as nossas reuniões. A Grande Comissão, alguém já disse, tornou-se a Grande Omissão.

Mas passemos agora a observar os bons frutos da perseguição.

- a) O diácono Filipe evangeliza Samaria (Atos 6.5)
- b) Pedro e João enviados à Samaria (Atos 8.5-8).
- c) A Etiópia é alcançada através do eunuco mordomo-mor de Candace, a rainha (Atos 9.1,2, 10).
- d) Cesaréia é alcançada (Atos 8.40)

Depois que Filipe (não o apóstolo, mas o diácono) abriu caminho, Pedro e João foram “enviados” pelos demais apóstolos, engrossando assim as fileiras do avivamento que ocorria em Samaria. Quão difícil deve ter sido para Pedro e João (judeus inatos) reconhecer que o Deus deles estava abrindo as portas do seu reino aos gentios do mundo inteiro. Terrivelmente mais difícil era ter que engolir os samaritanos, seus tradicionais rivais. Todos os judeus tinham nojo dos samaritanos e afirmavam desdenhosamente que as filhas destes “menstruam desde o berço” e, portanto, estão em um estado perpétuo de impureza. Por outro lado, os samaritanos diziam que Jerusalém não era o lugar escolhido por Deus para o templo de adoração, e isto, óbvio, é capaz de enfurecer uma multidão de judeus. Para os apóstolos era mil vezes melhor ser enviados à Sibéria que a Samaria. Os samaritanos eram meio-judeus, ou seja, mestiços e, para os judeus era mais fácil tolerar um gentio puro, que um mestiço.

Saulo de Tarso foi tão meticuloso que pediu carta de recomendação ao sumo sacerdote, apresentando-lhe às sinagogas. (Atos 9.1,2). As cartas davam autorização a que entrasse nas sinagogas e outros ambientes a fim de prender os cristãos, era uma espécie de ordem de busca e apreensão.

Muitos se perguntam que valor teria aquela carta já que Paulo estava indo para Damasco, capital da Síria. É que no Império Romano, os grupos étnicos eram considerados como governados pelas leis de suas próprias nações, (uma manobra diplomática), com o intuito de atenuar as divergências culturais e religiosas.

Assim, os quase seis milhões de judeus espalhados pelo império romano, ainda estavam sujeitos às leis do Grande Sinédrio em Jerusalém. As cartas então, seriam consideradas pelas autoridades de Damasco e pela comunidade judaica como uma autorização para aprisionar qualquer judeu convertido ao cristianismo e leva-lo de volta a Jerusalém onde seria julgado.

Devemos nos lembrar de Saulo quando encontramos em nossa geração, amargos inimigos do cristianismo, pois os opositores mais

ferrenhos, quando convertidos se tornam os mais fervorosos defensores da fé. Segundo o relato bíblico, foi exatamente isto que ocorreu com o jovem Saulo.

A seguir passo a descrever o martírio de cada um dos apóstolos inclusive alguns que não eram dos doze:

Estêvão 31-32 d.C.

Apenas um ano após a ressurreição de Cristo.

Tiago 41 d.C.

Menos de dez anos depois da morte de Estêvão, foi a vez do irmão mais velho de João. Tão logo foi designado governador da Judéia, Herodes Agripa I quis reconciliar-se com os judeus, e a maneira mais rápida e barata que encontrou foi matando crente. Tiago que era um dos doze escolhidos pelo próprio Jesus, foi aprisionado e levado à execução pública por puro capricho. Por volta de 190, Clemente de Alexandria (certamente baseando-se em tradição oral) escreveu sobre a execução com detalhes. Diz ele que ao chegarem ao local um dos soldados romanos se colocou de joelhos diante do prisioneiro pedindo-lhe perdão. O escritor acrescenta que o que motivou a ação do soldado, foi a “*desconcertante e constrangedora*” lucidez com que se conduziu o apóstolo diante de tão iminente perigo de morte. Juntos foram decapitados, o apóstolo e o soldado.

Filipe 54 d.C.

Nascido em Betsaida, na Galileia, viajou pela Ásia Superior indo até Cítia (atual sul da Rússia) logo após a dispersão. Ali pregou o evangelho por mais ou menos 20 anos. Alguns registros históricos dão conta que passou algum tempo na Gália (a França dos dias modernos). Aos 87 anos foi acusado por sacerdotes pagãos que o executaram de cabeça para baixo depois de ser duramente açoitado. Seu corpo foi espetado na cruz pelas coxas. Enquanto seus algozes lhe atiravam pedras ele clamava: Senhor Jesus, perdoa-lhes, pois eles também não sabem o que fazem.

Mateus 60 d.C.

Nascido em Nazaré, foi cobrador de impostos. É autor do Evangelho que leva seu nome. Conta a tradição que ele viajou por Pártia e Etiópia onde se associou a Candace a rainha Etíope. O Talmude judaico indica que ele foi condenado pelo Sinédrio. Todavia, fontes mais confiáveis da tradição apontam a Etiópia como local de sua morte, e não Jerusalém.

Esta fonte diz que ele foi amarrado em um tronco e em seguida decapitado na cidade de Nadaba.

Simão Pedro 67 d.C.

Trinta e cinco anos já haviam se passado desde a ressurreição do Senhor e a perseguição não dava tréguas. Alguns imperadores haviam passado pelo trono em Roma, e todos levaram adiante o terror sobre os cristãos. Tibério, Calígula, Cláudio e agora Nero, um verdadeiro monstro, assumira o poder imperial. Este se proclamou inimigo de Deus, sendo o algoz de Pedro e do apóstolo Paulo entre milhares de outros cristãos.

Embora Pedro tenha iniciado seu ministério em Jerusalém, logo depois foi enviado a Samaria e outras regiões, tendo alcançado, segundo o historiador Eusébio, a Síria, onde estabeleceu a igreja de Antioquia. A tradição da Igreja defende que ele continuou até 40 d.C. como líder desta igreja, tendo depois ido para a Grã-Bretanha, Gália (França) e finalmente levado cativo a Roma onde foi executado por ordem do medonho Nero.

Ao chegar em Roma, Pedro foi trancafiado em uma masmorra lavrada em rocha sólida. Era uma cela sobre outra, onde a luz entrava unicamente por uma fenda no teto da cela superior. A câmara inferior era sem ventilação, escura e fedorenta. Era chamada de a “cela da morte” e nunca era limpa. Um mau cheiro insuportável enchia aquela prisão. Fezes dos presos, dos ratos, e a infestação de baratas envenenavam de maneira fatal muitos presos. Pedro foi lançado ali por longos nove meses, período em que não recebeu sequer uma visita, muito menos tomar sol, pois era preso incomunicável. A monotonia só era quebrada por longos períodos de tortura, onde a liberdade era-lhe oferecida mediante uma simples renúncia a Cristo. Gerônimo atesta que ele foi crucificado de cabeça para baixo, por se julgar indigno de morrer como seu Senhor.

Bartolomeu 68 d.C.

Menos de um ano após a morte de Pedro, a história notifica a morte de Bartolomeu, também chamado Natanael. Segundo alguns documentos antigos ele acompanhou Filipe à Cítia, onde por algum tempo, trabalharam juntos. Quando executaram Filipe em 54 d.C. ele fugiu para a Armênia onde fundou uma igreja. Sofreu o martírio em Albânia (Atual Dardânia, Rússia). Relatos históricos indicam que sacerdotes pagãos juntamente com um irmão do rei, chamado Astiáges, tornaram-se hostis desde quando ele os criticou por causa de seus ídolos. Foi primeiramente açoitado e depois crucificado.

André 69 d.C.

Existem muitos relatos acerca do ministério de André, irmão mais novo de Pedro e seu sócio na atividade pesqueira, antes do chamado para ser “pescador de homens”. De acordo com o historiador Eusébio de Cesaréia ele teria desenvolvido seu trabalho evangelístico na Cítia, Sul da Rússia, enquanto que outra fonte indica que além das proximidades do Mar Negro, ele tenha evangelizado também na Ásia Menor, na cidade de Éfeso. Alguns anos depois ele seguiu para a Grécia onde sofreu martírio. Os historiadores pesquisados registram que ele levou a mulher do governador a aceitar Jesus e que isto tenha causado grandes desavenças no casamento deles. Enfurecido com a fé da esposa, o governador mandou prendê-lo. Depois de ser demoradamente torturado, André foi preso a uma cruz fincada transversalmente no chão que ficou conhecida como Cruz de Santo André. Para prolongar o sofrimento, ele foi amarrado e não pregado como de costume. Suportou por dois dias todo tipo de humilhação, inclusive a nudez total. No último dia do mês de novembro de 69 sucumbiu à morte. Suas últimas palavras foram: “Aceite-me, ó Cristo Jesus a quem eu amo e de quem eu sou; Aceite o meu espírito em paz em teu reino eterno”.

Tomé

Não foi possível a este autor estabelecer o ano da morte deste apóstolo, todavia é bem razoável situá-la entre 69 a 72 d.C.

Também chamado Dídimo (gêmeo), entrou para a história pela seguinte frase: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, não puser a mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (João 20.25). Nesta época Tomé era um homem tomado pela dúvida, ele tinha acabado de ver seu mestre ser morto do modo mais humilhante que se conhecia. Todos os seus seguidores ameaçados de morte e sendo caçados como criminosos. Os rumores eram apavorantes. De repente, Jesus apareceu a um grupo de discípulos (João 20.24), mas Tomé não estava lá. Agora ele era informado “de boca” pelos outros. Ele simplesmente requereu uma prova, uma evidência palpável. Jesus gentilmente lhe concede esta reivindicação, sem, contudo, perder a oportunidade de lhe dar uma lição: “Porque me viste creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20.29).

Mas esta dúvida inicial transformou-se depois em compromisso fiel. Tomé, deixando Jerusalém, viajou rumo ao Oriente até Babilônia chegando posteriormente à Índia. O ambiente era hostil e a aridez da região o incomodava bastante. Somente um espírito de renúncia o manteve ali. As

fontes históricas registraram que ele combateu os “brahmins”, uma seita hindu, diante do rei. Desde aquele dia eles se tornaram seus opositores, buscando ocasião de o matarem. Certo dia em que o apóstolo se recolheu em consagração numa caverna ao pé de um morro, seus inimigos o cercaram e depois de muito o espancaram, traspassaram-no com uma lança. Ali ele agonizou até à morte.

Judas Tadeu 72 d.C.

O historiador Jerônimo refere-se a ele como o “Triôno”, que significa aquele que tem três nomes – Judas Tadeu Lebeu – (Mateus 10.3). Outro historiador da igreja primitiva, Nicéforo Calisto, aponta lugares como a Síria, Arábia, Mesopotâmia e Pérsia como alvos de seu ministério. Uma fonte indica sua morte em Edesa, na Ásia, sob o governo de Vespasiano.

Simão, o Zelote 74 d.C.

Zelote é o nome que se dá ao membro, ou ao movimento nacionalista contra Roma. Eles eram revolucionários que pegavam em armas contra o regime imposto pelos romanos. Foram os Zelotes que provocaram o furioso choque contra Roma que resultou na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Simão abandonou seus ideais revolucionários e entregou-se a Jesus. Existem muitos documentos antigos que registram o ministério de Simão. Ele teria iniciado sua obra missionária no Egito e no norte da África. Dali viajou para Cartago, Espanha e Britânia. Depois, conta-se que viajou para Londres, voltando enfim para a Palestina.

Registros indicam que viajou para a Pérsia (atual Irã) onde divulgou o evangelho com Judas, o irmão de Jesus. Documentos antigos descrevem sua morte sendo serrado ao meio.

Apesar do terror incessante com que se perseguia a Igreja, ela nunca recuou, nem parou de crescer. Estava firmada na doutrina dos apóstolos e a palavra lançada era abundantemente regada com o sangue dos mártires. Um dos motivos do ódio ao cristianismo é que ele acabara com o comércio de ídolos (imagens) de deuses pagãos (Atos 19.23-27).

Pelo menos quatro coisas motivavam a ira contra os do *Caminho*:

1) A conversão ao cristianismo acabava com o comércio de imagens.

Os governantes eram influenciados a perseguir os cristãos pelos sacerdotes pagãos e comerciantes de imagens que ganhavam a vida com isto. Quanto mais crescia o cristianismo menos imagens eram vendidas.

2) A não adoração ao imperador

A adoração aos cézares era considerada prova inegociável de lealdade ao império.

O costume surgiu em 29 a.C. quando as elites da Ásia Menor, em sinal de gratidão, pediram permissão a Otaviano (o novo líder mundial, que viria a ser conhecido como César Augusto) para que pudessem cultuá-lo como se fosse uma divindade, na cidade de Pérgamo. Manual Bíblico SBB, SBB, 2008, Barueri, SP pág. 766. A Bíblia refere-se à Pérgamo como o lugar onde fica o “trono de Satanás” (Apocalipse 2.13).

Quem negasse adoração ao imperador era punido com pena capital (morte por execução). Todos os anos havia a obrigação de se apresentar diante da estátua do imperador e oferecer incenso. Os cristãos se negavam a obedecer a esta lei em lealdade ao Rei Jesus.

3) As reuniões reservadas (Ceia).

Devido à perseguição, os cristãos eram obrigados a viver na clandestinidade, Reuniam-se às escondidas em lugares secretos e isto deu lugar a boatos maldosos de que eles conspiravam contra o império, pois falavam de outro rei (Jesus). As investigações davam lugar a relatórios fantasiosos referentes à Ceia do Senhor que obviamente não era acessível aos pagãos... “comiam a carne e bebiam o sangue” de uma criança. Por causa destes boatos a comunidade nutria um ódio velado pelos irmãos primitivos.

4) O cristianismo pregava igualdade entre os seres humanos.

Como todos são iguais perante Deus (Gálatas 3.27,28), era natural, por exemplo, um escravo ser eleito líder de uma congregação, e isto era uma afronta aos princípios sociais de Roma. Era considerada uma perturbação da ordem pública, tornando-os inimigos do império.

Assim é que todos os discípulos, com exceção de João, que morreu de morte natural, e de Judas Iscariotes que traiu Jesus e se enforcou, tiveram mortes horríveis por pregarem o Evangelho. Tudo o que lhes era exigido para que escapassem da morte ou ganhassem a liberdade era “renunciar a fé em Cristo”, mas todos eles foram fieis até o fim preferindo a morte.

Mas, o martírio não se resumiu aos discípulos mais próximos, ao contrário, se estendeu aos outros milhares de cristãos em todo o império, como **Erasto**, tesoureiro de Corinto (Romanos 16.23), **Aristarco**, o macedônio (Atos 19.29), **Trófimo** (Atos 20.4), **José**, chamado Barsabás (Atos 1.23) **Ananias**, e cada um dos setenta.

Ainda podemos citar:

Tiago, irmão de Jesus que foi o primeiro bispo em Jerusalém (Atos 12.17) e autor da carta que leva seu nome. Flávio Josefo destaca sua morte por apedrejamento em 66 d.C.

Matias, eleito para ocupar o lugar de Judas Iscariotes (Atos 1.26) foi apedrejado e depois decapitado em Jerusalém.

Timóteo, o célebre discípulo de Paulo, foi pastor em Éfeso até 97 d.C., quando, após censurar a conduta idólatra de alguns pagãos, estes lançaram-se sobre eles com paus e pedras. Gravemente ferido ele morreu dois dias depois.

Nero, 54 a 68 d.C. (primeira perseguição).

O tenebroso período em que a Igreja foi caçada como bicho no Império Romano, teve início com a ascensão de Nero ao trono. Era o ano de 54 e o apóstolo Paulo empreendia sua terceira viagem missionária. Quase todos os apóstolos ainda estavam vivos nesta época. A igreja gozava de relativa paz e todos os líderes estavam empenhados em pregar o evangelho. Mas, tão logo o famigerado Nero assume o governo ele inicia uma implacável e aberta perseguição oficial aos cristãos. Este homem nutriu tamanho ódio contra Cristo e sua jovem Igreja, que chegou a autoproclamar-se o inimigo

número um de Deus. Como o profeta verdadeiro, Jesus declarou peremptoriamente que seus seguidores trilhariam a mesma senda de sofrimento experimentada por ele:

Lembra-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros (...). Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome (Mateus 15.20,21).

Logo uma terrível perseguição foi desencadeada em todo o império, pois o paganismo sabia que o triunfo da Igreja do Senhor implicaria no fim de seus altares e sacrifícios inúteis. Os cristãos tinham suas propriedades confiscadas e eram privados dos seus mais elementares direitos. Não havia distinção de raça, cor ou nível social, bastava ser cristão para se tornar *persona non gratia* no reino. Assim, nobres e escravos, ricos e pobres, eruditos e iletrados, adultos e crianças eram mortos sem dó, nem piedade. Acusações falsas, sem necessidade de testemunhas nem provas, eram suficientes para condenar famílias inteiras. Denunciantes iam a juízo contra os cristãos, movidos por suborno. Condenados à revelia eram levados ao circo dos horrores e lançados aos leões e leopardos à vista de multidões que se deliciavam com o espetáculo. Muitos foram crucificados como o apóstolo Pedro em 65 d.C., ou decapitado como Paulo em 67 d.C. O sofrimento deles era, muitas vezes a única diversão do povo em festas públicas.

Nero deu início a esta odisseia do terror com um ato extremamente inusitado: certo dia resolveu, por puro capricho incendiar Roma, capital do próprio império. A ordem foi executada pelos guardas e por servos mais próximos. Enquanto a cidade ardia em chamas, Nero tocava lira e entoava o Cântico do Incêndio de Troia. A cidade foi reduzida a escombros, teatros, palácios e edifícios públicos foram queimados. Esta teria sido a “gota d’água” que faltava para que o povo se rebelasse contra seu governo, se ele não tivesse ardilosamente colocado a culpa nos cristãos. Neste caso, ele uniu o útil ao agradável e fazendo recair a culpa sobre os crentes, aproveitou o ensejo para regalar-se com o sangue cristão. Este evento marcou o início da primeira grande perseguição, em que Nero declarou guerra à Igreja.

Nesta época (68 d.C.), boa parte dos livros do Novo Testamento já estavam escritos e circulavam livremente nas igrejas: Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, Atos e a Epístola de Tiago, além das Cartas 1

Pedro, 2 Pedro e todas as Epístolas Paulinas. Os únicos escritos que faltavam, e que foram escritos depois de iniciada a perseguição foram a Epístola aos Hebreus (escrita entre 67 d.C. e 68 d.C.), o Evangelho de João (escrito entre 80 e 95 d.C.), as cartas de 1,2,e 3 João (entre 85 e 95 d.C.) a Epístola de Judas (entre 70 e 80 d.C.) e Apocalipse (entre 90 e 96 d.C.).

Mergulhado em insanidade, Nero inventou os mais terríveis instrumentos de tortura. O requinte de crueldade parecia brotar do próprio inferno. Peles de animais eram costuradas aos corpos dos crentes para atrair a atenção dos cães ferozes que se lançando sobre eles os despedaçavam. Nero deu uma festa e mandou pendurar nos postes da cidade, cristãos embebidos em cera. Em seguida mandou atear fogo quando ainda estavam vivos, para que servissem de luzeiros. Enquanto o fogo crepitava, salmos eram entoados em louvor a Deus, pelo qual importa que morramos e sofram. A escalada de horror foi a tal extremo que o próprio povo começou a reprovar os atos imperiais.

Galba 68 a 69 d.C.

Oto 69 d.C.

Vitêlio 69 d.C.

Vespasiano 69 a 79 d.C.

A seguir passo a destacar alguns fatos desta época:

64 d.C.; Nascimento de Policarpo

65 d.C.; escrita a Epístola de Judas

67 d.C.; 2 Pedro é escrita

69 d.C.; a Epístola aos Hebreus é escrita

70 d.C.; a destruição do templo e de Jerusalém.

Um belo dia os discípulos apreciavam a beleza e magnitude do templo. Para eles a visão era surreal, espetacular. Herodes, o Grande, havia construído o templo com riqueza e apuro arquitetônico de encher os olhos. Blocos de mármore branco de 14 metros de comprimento foram trazidos de Roma. Mais de 90 mil operários foram empregados na construção que durou 40 anos, os discípulos chamavam a atenção de Jesus dizendo:

— Que pedras, que construções! (Marcos 13.1).

Jesus, considerando o assombro dos expectantes, respondeu profeticamente:

— Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada, (v.2).

Passados 40 anos, eis que se cumpriu a profecia de Cristo, quando no governo do imperador Vespasiano, Jerusalém foi sitiada pelas tropas do general Tito. A cidade virou escombros e o templo foi queimado. Para que se cumprisse nos mínimos detalhes a profecia que anteviu “não ficará pedra sobre pedra”, o templo foi incendiado a contragosto do general que queria preservá-lo. Com o calor do fogo o ouro derreteu e escorreu das paredes revestidas e dos utensílios, alojando-se entre os ladrilhos do piso. Para recuperá-lo os caçadores de despojos retiraram os tijolos, um a um em busca do ouro derretido. Quanta precisão!

Domiciano 81 a 96 d.C. (segunda perseguição).

Quando Domiciano assentou-se no trono, os principais apóstolos já haviam sofrido martírio, com exceção de João. Este, ainda viria a escrever o livro de Apocalipse. Antes de declarar guerra aos cristãos, Domiciano matou o próprio irmão, depois vários senadores, uns porque eram desafetos seus outros para apossar-se dos bens e propriedades. Seu primeiro ato contra o povo de Deus limitou-se em mandar matar todo e qualquer judeu da linhagem de Davi. Dentre os mártires desta época estão Simeão, bispo de Jerusalém, João, o evangelista, foi lançado numa caldeira de óleo fervente, todavia, Deus o preservou e nada lhe aconteceu. Como tenha escapado ileso, teve sua pena convertida em prisão e exílio perpétuos na ilha chamada Patmos, aonde veio a escrever o Livro das Revelações, o Apocalipse de João. O império oferecia recompensas a quem denunciasse um seguidor de Cristo e, muitos, movidos pela cobiça, davam falso testemunho contra inocentes. Nestes termos morreram; Dionísio, o areopagita, bispo de Atenas, Nicodemos em Roma, Protásio e Gervásio em Milão.

Nerva 96 a 98 d.C.

Trajano 98 a 117 d.C. (terceira perseguição).

Certo jovem de fama e renome na época, chamado Plínio, movido de compaixão pelos cristãos que estavam sendo mortos “aos montes”, escreveu ao imperador Trajano, dando ciência ao monarca das muitas e odiosas perversidades praticadas contra milhares de cristãos e que estavam sendo mortos diariamente sem que nada tivessem feito para merecer tal ou qualquer castigo. Escreveu ele: *“tudo o que eles contam acerca de seus crimes, somente consiste nisto: que costumam reunir-se em determinado dia (aos domingos para cultuar) antes do amanhecer, e repetir juntos uma oração que honra a Cristo como Deus, além de se comprometer a não cometer maldade alguma, não furtar, roubar ou adulterar, nunca mentir e*

jamais defraudar alguém. Feito isto, costumam separar-se (os membros batizados dos novos convertidos), e voltam a reunir-se depois para uma inocente refeição em comum”. O Livro dos Mártires, John Fox, CPAD, 7ª Edição, pag.9, Rio de Janeiro, 2007.

Segundo o catolicismo romano, o apóstolo Pedro foi o primeiro bispo (pastor líder) da Igreja Cristã em Roma, tendo sido o primeiro papa da história. Na verdade, Pedro foi pastor da Igreja de Antioquia na Síria, até ser levado prisioneiro a Roma onde morreu crucificado sem nunca nem ao menos ouvir falar de papa ou papado. Após a prisão de Pedro, Inácio assumiu corajosamente a liderança da Igreja de Antioquia em 65 d.C. mas tão logo assumiu, foi preso e também conduzido a Roma. Dizem os antigos escritores que Inácio enquanto era conduzido na longa viagem a Roma não perdia oportunidade para encorajar as igrejas por onde passava. Quando chegavam em Esmirna, o servo do Senhor pressentiu um levante popular para libertá-lo. Diante deste pressentimento escreveu carta que mandou um mensageiro levar a Roma com urgência. Dizia a carta: *“Não me privem daquilo que mais desejo e espero. Agora começo a ser um discípulo. Nada importa das coisas visíveis ou invisíveis para poder ganhar somente a Cristo. Que venham sobre mim o fogo e a cruz, manadas de bestas selvagens, rompimentos de ossos e dilaceramento de carne, e toda a malícia do Diabo. Que assim seja, se eu tão somente puder ganhar a Cristo Jesus!”* Quando soube que fora condenado à morte começou a clamar: *“Sou o trigo de Cristo; vou ser moído com os dentes de feras para que possa ser achado pão puro”.*

Para refletir: Qual seria a nossa atitude se fôssemos um dia colocados contra a parede e ouvíssemos o seguinte: “Negue a Jesus ou morra!” Até onde estaríamos dispostos a ir com nossa fé? Será que iríamos até o fim? Esta é uma questão que sempre me incomodava quando lia sobre os mártires, e quando ia falar com Deus sentia-me culpado, pois me sentia um covarde que recuaria ante a tortura. Imaginava-me recuando ante a ameaça de morte. Foi quando o Espírito Santo soprou em meus ouvidos: *“Tranquiliza-te, pois eles (os mártires) não tinham força em si mesmos, mas receberam do alto o encorajamento necessário para que permanecessem firmes”.* Então compreendi que estas coisas não se calculam friamente. É no calor da prova que o Espírito Santo nos fará fortes para vencermos juntamente com Cristo.

Sem mim nada podeis fazer (João 15.5).

Adriano 117 a 138 d.C.

Recentemente, (2011), assisti a uma entrevista do jogador de futebol Adriano, (campeão brasileiro pelo Flamengo em 2009), e fiquei observando o quanto as pessoas vivem “boiando” quando o assunto é Deus e sua Igreja. Naquela entrevista, o jogador ao mesmo tempo em que demonstrava orgulho de ser chamado de **imperador**, dava graças a Deus por isto. Ora, não existe nada mais incompatível. O imperador Adriano ao qual o jogador é aludido pela torcida **odiava** Deus. Logo após assumir o trono em sucessão a Trajano, Adriano mandou matar a Alexandre, bispo de Roma. Junto com ele mais dez mil cristãos. Muitas centenas foram crucificadas, receberam coroas de espinho e foram transpassados com lanças numa imitação ao Calvário. Como pode um cristão se orgulhar de tal título?

Nesta época foram martirizados os diáconos Quirino e Hermes juntamente com suas famílias. Um nobre romano chamado Zeno com a família e um valente comandante do exército romano, que por ser cristão, negou-se a acompanhar o imperador em um sacrifício que homenagearia ao próprio comandante. Diante da recusa o imperador mandou matá-lo com toda a família, sem levar em conta o longo serviço prestado.

Antonino Pio 138 a 161 d.C.

Durante o reinado deste imperador a Igreja esteve livre de perseguição oficial.

Marcos Aurélio 161 a 180 d.C. (quarta perseguição).

Em 161 d.C. assume o império Marcos Aurélio. Homem austero e moralista quanto ao governo, porém violento e cruel contra a Igreja. Em seu governo a crueldade praticada contra os cristãos no Coliseu¹ atingiu tal nível que até os insensíveis expectadores romanos levantaram-se e foram se retirando antes da saída do imperador (o que era um sinal de protesto). O coliseu se tornou palco de batalhas fictícias em que os cristãos eram caçados por arqueiros e gladiadores profissionais, outros eram lançados ao meio da arena e leões eram soltos sobre eles. Uns tinham os pés perfurados e depois eram obrigados a correr sobre conchas afiadas. Os açoites a que eram submetidos deixavam ossos e nervos expostos.

Policarpo, discípulos de João e bispo em Esmirna, foi acorrentado e levado até a presença do pró-cônsul que propôs o seguinte: “Nega e te darei

a liberdade. Blasfema contra Cristo”. Policarpo, cheio do Espírito respondeu calmamente: “Durante oitenta e seis anos o tenho servido e nunca me fez mal algum. Como blasfêmia eu contra o **meu Rei**, que me salvou?”, Eusébio de Cesaréia² no livro História Eclesiástica, pág. 137, descreveu seu martírio assim: “Quando foram cravá-lo na estaca ele lhes garantiu que não se moveria do lugar onde o colocassem. Assim apenas o encostaram na estaca. Muita lenha foi colocada aos seus pés e quando o carrasco ateou fogo um arco se formou ao seu redor, de modo que o fogo não lhe tocava, então foi dado ordem ao carrasco que o traspassassem com a lança. O sangue que jorrou de seu corpo foi tanto que apagou o fogo”.

O mesmo autor nos fornece uma ideia geral das aberrações cometidas contra os crentes nesta época; “Justino, célebre filósofo, escreveu duas apologias a favor dos cristãos, por causa delas foi denunciado por um filósofo do cinismo chamado Clemente, que indispsôs o imperador contra ele, tendo sido convocado a sacrifício a deuses pagãos, negou-se vindo a ser torturado e depois decapitado”, (idem, pág. 140).

Entre muitos outros que foram decapitados por se negarem a sacrificar a uma imagem de júpiter, está Concorde, diácono da cidade de Espólito, Felicitate, ilustre dama romana, de classe social elevada; seus sete filhos. O mais velho de nome Enero foi morto prensado com pesos sobre o corpo. Já Felix e Felipe foram descerebrados com garrotes. Silvano, o quarto em idade foi atirado de um precipício. Os três mais novos, Alexandro, Vital e Marcial foram decapitados.

Nestas ocasiões os heróis cristãos eram conduzidos ao martírio carregando sobre suas cabeças grinaldas de flores que serviam para aumentar o escárnio. No coliseu eram sujeitos aos mais aviltantes castigos. Cremos pela Palavra de Deus que em lugar de tais grinaldas receberam coroas imarcescíveis no céu.

O apóstolo Paulo, quando estava preso no aguardo da morte, pela fé antevia um bom futuro após a morte:

Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz me dará naquele dia e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda (2 Timóteo 4.8).

O Diabo, nosso inimigo por causa de Cristo, sabe o fim que nos espera, por isto não poupará esforços no sentido de demover-nos da fé. Todavia, Cristo, autor e consumidor da nossa salvação exorta-nos a permanecermos firmes até o fim:

Não temas as coisas que tens de sofrer, eis que o Diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos a prova, e tereis tribulações de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

Apocalipse 2.10

Esta frase; “tereis tribulações de dez dias” refere-se a dez períodos de intensa perseguição ocorridos desde o governo de Nero até o de Diocleciano.

Ainda no governo de Marco Antônio, surgiram, as catacumbas. Quando os cristãos foram expulsos de suas propriedades e tiveram seus bens confiscados, passaram a habitar fora da cidade em cavernas, ou abaixo delas em galerias que cavavam para fugir da fúria sanguinária. Estes prolongamentos das cavernas ficaram conhecidos como as catacumbas de Roma. Alguém da época escreveu que a vida dos cristãos primitivos consistia em “perseguição sobre a terra e oração debaixo dela”. As catacumbas, tanto serviam de morada como de túmulo e a igreja deste período ficou conhecida como a Igreja das Catacumbas.

Observemos que mais de um século se passou desde a morte de Jesus, e Roma continua sendo o “palco dos horrores” para a Igreja Cristã. Todos os apóstolos estão mortos, muitos Pais da Igreja³ também e até aqui nem sinal da figura exótica chamada papa, e olhe que Pedro (o primeiro papa segundo o Catolicismo Romano) já está morto há mais de cem anos.

Bem, voltemos ao assunto das catacumbas. Elas mediam aproximadamente 2,4 metros de profundidade e em torno de 1 a 1,5 metros de largura e possuíam de cada lado, várias fileiras de cavidades horizontais, umas sobre as outras, como camas de beliche. Nestes cubículos eram depositados os cadáveres e em seguida eram concretados. Nas lápides ou lajes eram gravados ou pintados epitáfios e símbolos da fé cristã. Muitos desenharam uma cruz, ou um cordeiro, ou ainda uma pomba, um pastor segurando um cordeiro ou um peixe sobre as lajes. Quando um dia foram abertas estas sepulturas, os esqueletos contaram sua história de vitória sobre a morte pela fé em Cristo – nestes retiros tão sóbrios, a luz que ilumina todo homem brilhava com maior intensidade ainda (Jo 1.5). Jamais esqueceram a recompensa celestial do porvir. Cânticos de triunfo ecoavam destas cavernas como nos tempos de Paulo e Silas (At 16.25), suas canções subiam como incenso ao trono de Deus.

Nos esqueletos retirados dali, estavam as marcas da violência: mandíbula, dentes, ossos quebrados ou calcinados pelo fogo, no entanto em suas sepulturas lia-se o gozo, a vitória:

“Aqui jaz Márcia, posta a repousar em um sonho de paz”.

“Lorenzo a seu mais doce filho, levado pelos anjos”.

“Vitorioso, em paz e em Cristo.”

Glória a Deus por este testemunho tão valioso.

Para refletir: Os crentes vivem debaixo de uma promessa de vida eterna com Deus. Isto imprime em nós uma paz que o mundo não pode receber nem o homem natural experimentar. Cristo é a nossa vitória. Em meio a tanta perseguição, injustiça e humilhação de toda natureza, a cristandade venceu e permaneceu fiel.

Severo 192 a 232 d.C. (quinta perseguição).

Este monarca deixou-se influenciar pelo preconceito e ódio do povo romano contra o povo de Deus. Toda tragédia que se abatia sobre o povo, doenças, acidentes e qualquer coisa ruim, a culpa era lançada sobre os cristãos. De tanto ouvir isto, o imperador que a princípio simpatizava com os crentes devido a uma cura recebida, acabou por mudar de ideia. Sobre este período escreveu Fox: “*Embora rugisse a malícia persecutória, o Evangelho resplandecia fulgurante, firme como uma rocha*” ... O Livro dos Mártires, CPAD, Rio de Janeiro, 7ª Ed, 2007, pág. 15.

Maximiano 235 d.C. (sexta perseguição).

Durante esta perseguição, milhares de crentes foram brutalmente assassinados, outros foram presos e executados sem julgamento e enterrados em vala comum, às vezes cem em uma só vala.

Décio 249 a 251 d.C. (sétima perseguição).

A Igreja havia experimentado um breve período de paz sob o governo de Gordiano e Filipe, ambos sucessores de Maximiano, Filipe foi inclusive considerado um cristão, e por causa disto mesmo é que Décio (seu inimigo) declarou guerra à Igreja. “*Os pagãos nesta época consideravam o assassinato de cristãos, um mérito. Nesta ocasião os mártires foram inumeráveis*”. (Idem, pag. 17)

Valeriano 257 d.C. (oitava perseguição).

Aureliano 274 d.C. (nona perseguição).

Todas estas bestas feras banharam o mundo com sangue dos santos. Todavia, a coisa veio a piorar ainda mais no breve governo de **Galério e Constâncio, entre 300 e 305 d.C.**

Diocleciano 305 a 311 d.C.

Este foi o último ato da perseguição romana e ainda mais cruel. Todos os manuscritos da Bíblia que se pôde encontrar nesta época foram queimados. Dos cristãos era exigido que negassem a Jesus publicamente ante a ameaça de morte, os que se negassem eram presos dentro dos templos e queimados vivos. O simples nome “cristão” era tão odioso aos pagãos que todos imediatamente caíram vitimados. Muitas casas foram incendiadas com famílias inteiras dentro (Idem, pág. 29).

313 d.C. enfim, um alívio.

Antes de começar a trabalhar este período da história da Igreja quero lembrar que até aqui, quase 300 anos de existência da Igreja do Senhor Jesus, não verificamos nenhum vestígio sequer da figura papal. O motivo é simples: o papa é um intruso no cristianismo. Durante os quase 300 anos de banho de sangue, nenhum mártir ostentava o título, ou a roupagem de um pontífice, graças a Deus!

Também não existia o catolicismo (útero que gerou o papa), embora muitos ensinamentos heréticos já tivessem se infiltrado na Igreja.

Notas

- 1- Coliseu-** Maior anfiteatro da Roma antiga, inaugurado em 80 d.C. por Tito. Foi palco dos horrores na época de Marco Aurélio, 161 a 180 d.C. onde centenas de cristãos eram dilacerados por feras ou despedaçados por gladiadores profissionais. Hoje só existem ruínas.

- 2- **Eusébio de Cesaréia** – Historiador cristão que viveu entre 263 a 340 d.C. e que escreveu entre outras coisas, História Eclesiástica, é chamado de Pai das enciclopédias.
- 3- **Pais da Igreja**- São aqueles primeiros escritores e ministros da história eclesiástica que alcançaram reconhecida eminência e contribuíram para a preservação e apologia da verdade bíblica e apostólica em seu tempo.

A PAGANIZAÇÃO DA IGREJA

A perseguição não foi capaz de deter o avanço da Igreja, tendo inclusive contribuído para espalhá-la pelos mais distantes pontos da terra. O cristianismo venceu a espada romana mediante o amor, a perseverança e a fé. Os esforços do Diabo para varrer da face da terra, pelo emprego da tortura e do terror, a igreja de Cristo, resultou em grande fracasso, pois a palavra de Deus genuína e integral continuou cada vez mais levando pessoas ao arrependimento. Disse Tertuliano: *“Quanto mais somos ceifados por vós, tanto mais crescemos; o sangue dos mártires é semente”*. A

sequência de imperadores que patrocinaram a perseguição contra os cristãos é extensa. Esforçaram-se para destruir as Sagradas Escrituras, queimando-as num tempo em que as cópias eram feitas à mão por escribas. Os Césares exigiam adoração e homenagens que eram terminantemente negadas pelos cristãos. Will Dumont, historiador renomado, escreveu em seu livro *The Stony of Civilization*, 1944; “*Cristo e Cezar se encontraram na arena, e Cristo venceu*”.

Mas o inimigo de Deus, do Evangelho e da Igreja tem experiência milenar e muitas estratégias. Percebendo que não obteria sucesso pela instrumentalidade das armas e da dor, resolveu inverter a situação. Usando de grande astúcia ele conseguiu introduzir sua bandeira na igreja por meio do engodo da prosperidade temporal.

No ano 312 a Igreja experimentou o último grau de violência e crueldade, num ritmo insano e bestial. Porém, no ano seguinte, em 313, o novo imperador assumiu o trono trazendo o fim de toda e qualquer oposição ao cristianismo. A notícia correu o império como um bálsamo a curar as feridas tão profundamente abertas na vida dos fieis servos de Deus, que durante 280 longos anos suportaram até ao sangue o vitupério por amor a Cristo. A longa e sangrenta perseguição chegava ao fim. Éditos reais que beneficiavam os cristãos começaram a ser expedidos para todo o império. Não havia mais o que temer, os crentes podiam professar sua fé e praticá-la publicamente. Como se não bastasse, o próprio imperador declarou-se cristão e convidava de forma irresistível a todos que assim o desejassem que seguissem o seu exemplo.

Para completar, Constantino expediu um Édito declarando o cristianismo religião oficial do império. Uma das primeiras providências imperiais acerca dos cristãos foi o Édito de Milão, onde se lê: “*Eu, Constantino Augusto e eu Licínio Augusto, resolvemos conceder... aos cristãos e a todos igualmente a livre escolha de seguir o tipo de adoração que quiserem, decretamos a seguinte ordenança [...]; que nenhuma liberdade seja recusada aos cristãos para seguirem ou manterem suas observâncias ou culto*” – História Eclesiástica – Eusébio de Cesaréia CPAD – 1º Edição – Rio de Janeiro, 1999, pag. 392.

A conversão nominal de Constantino trouxe uma enxurrada de adoradores de ídolos, que por pura conveniência e bajulação ao imperador diziam-se cristãos. Todavia, nem de longe exibiam qualquer traço ou atitude que demonstrasse arrependimento e mudança de vida, tão comuns aos

novos na fé. Ao contrário, estavam na igreja por uma questão puramente social. Buscavam status ao lado do rei e não do Rei dos Reis.

Logo estas pessoas começaram a assumir cargos na Igreja, trazendo assim um perigo ainda maior que a perseguição: A paganização do culto. Mudanças e novidades extravagantes foram implantadas, tanto no culto quanto na liturgia e doutrina. A princípio, muitos crentes fiéis tentaram resistir. Eram os *Noés* daquela geração, no entanto, suas vozes foram sufocadas pela multidão chegada.

Aos poucos o pecado foi se instalando, muitos crentes fervorosos, esfriaram na fé e começaram a adotar princípios pagãos que nada tinham a ver com a verdadeira fé cristã. Um tempo sombrio da história que irá durar mil anos começa bem aqui. Neste ponto da história da Igreja já podemos fincar o marco que delimita o nascimento da Igreja Católica Romana. Justamente agora, começaram a aparecer imagens, primeiramente de Jesus, mas logo também de Maria e dos santos mártires. Doutrinas errôneas, ritos supersticiosos e cerimônias idolátricas foram incorporados à fé e culto da igreja. A religião cristã tornou-se rapidamente corrompida, de modo que a igreja perdeu sua pureza e poder espirituais. Pagando um alto preço, como rabiscos da terra alguns poucos resistiam, porém, eram logo jogados a escanteio pela liderança corrupta.

Na igreja deste período havia dois povos bem distintos: Os semi-conversos (crentes nominais) vindo “do” e “com” o paganismo, uniram-se a uma minoria de crentes apóstatas formando a nova diretoria da Igreja. Estes deliberavam a respeito dos demais. O segundo seguimento eram os fieis que não concordavam com as mudanças e “novidades”, mas não tinham força política para deliberarem sobre o assunto nem administrativo nem doutrinariamente.

A Igreja uniu-se com o Estado formando o que chamo de “dobradinha do mal”, num casamento político – religioso que traria sobre a humanidade um período tenebroso chamado “A Era das Trevas”. Mas quando falo em casamento não me refiro à Igreja espiritual de Cristo, mas tão somente à instituição.

Precisamos “demarcar” bem os anos 313 a 325 da nossa era, pois é aqui o “nascido” do Catolicismo Romano o berço e útero que gerou o papado.

Mas antes de nos atermos ao nascimento da Igreja Católica voltemos a descrição deste período: As igrejas locais eram agora um luxo

só. Liberdade, conforto físico, poder temporal, posição social, segurança e prosperidade financeira, estes eram os novos valores da Igreja. As propriedades confiscadas foram devolvidas, as casas e templos destruídos foram reconstruídos, as famílias eram indenizadas, tudo sob a égide de Roma. Os crentes estavam despercebidos, como as “noivas insensatas”. O preço espiritual era alto demais, era o fim da chama pentecostal de Atos 2. Os cristãos tornaram-se apáticos, passivos e adotavam princípios pagãos em sua vida cotidiana: Um desastre! A Igreja tornou-se o esplendor da riqueza terrenal, os ornamentos em cores berrantes exibiam um terrível mau gosto mesmo para os padrões da época. Esta era a melhor maneira de esbanjar o dinheiro que estava sobrando. O público alvo da atenção da igreja era a nobreza, os reis e poderosos. Embora a conversão de Constantino fosse apenas nominal, sua boa vontade era bem real. No afã de corrigir injustiças passadas ele chegou a distribuir dinheiro em espécie como vemos neste trecho de uma carta ao bispo de Cartago:

“Eu Constantino Augusto a Ceciliano, bispo de Cartago. Como determinei que todas as províncias da África, Mâmídia e Maurítânia, algo deveria ser dado a certos ministros da legítima e santíssima religião para custear despesas, dei cartas a Urso, o mais ilustre vice – governador da África e lhe comuniquei que providenciasse pagar a vossa autoridade três mil foles (cerca de 15.000 dólares hoje, 2015, mais ou menos 40.000 reais). Constantino desponta como a primeira “figura papal” pelos seguintes motivos:

1-Ele convocou o 1º Concílio da Igreja com o objetivo de decidir acerca de desentendimento entre o bispo de Cartago e os demais. Na epístola enviada aos bispos lia-se que o objetivo central do Concílio era buscar a “paz e a unidade na Igreja”. Bem, como se vê os problemas surgiram muito cedo no catolicismo, ou seja, em menos de dez anos de existência.

2-Antes mesmo do Concílio, o imperador autoproclamava-se “bispo dos bispos”.

3-Depois o Concílio, Constantino tornou-se o *Pontifex Maximus*, o primeiro título papal, com autoridade para intervir em todo e qualquer assunto ou negócio eclesiástico.

Agora, a Igreja estava sob o governo de um ímpio, um lobo disfarçado. Ela que tinha a missão de influenciar o mundo com sua mensagem, deixou-se dominar por ele. Para refletir: Irmãos, também nós se

não vigiarmos, seremos moldados pelo sistema que nos cerca. Paulo alertou o jovem pastor Timóteo a respeito:

Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida. (2 Timóteo 2.4).

Mas para não dizerem que sou totalmente pessimista com relação a Constantino, alisto aqui fatos positivos:

- 1- Os templos cristãos, atacados e destruídos durante o longo período de perseguição, foram reconstruídos e mobiliados à custa do Império.
- 2- Os líderes e a Igreja foram isentados de tributo (imposto).
- 3- O domingo que já era o dia oficial das reuniões cristãs tornou-se também por decreto, o dia de descanso laboral.
- 4- A pena de morte por crucifixão foi abolida.
- 5- O infanticídio foi proibido. Antes era comum os pais matarem os filhos que não fossem do seu agrado.

Concluimos, porém, que a aliança entre Igreja e Estado foi o mais eficaz ardil do Diabo contra a Igreja do Senhor. Deste imbróglio como já sabemos nasceu a Igreja Romanista e o papado. A igreja tornou-se poderosa e rica, seus prédios eram os mais suntuosos e belos do império. Cruzeiros magníficos eram erguidos diante das catedrais. O costume de afixar cruz em sepultura vem desta época. Fato é, que não havia um louco que não desejasse ser cristão em caráter de urgência. A Igreja paganizada tornou-se sombra da *Grande Babilônia* (Apocalipse 17.5). O sincretismo religioso corria frouxo. Assim surgiu o culto a Maria que veio suprir a “necessidade” dos cultuadores da deusa grega Vênus, e os da deusa romana Diana, que representava a lua, os campos e os bosques e correspondia à deusa grega Ártemis (Atos 19.32-40).

Uma lição para hoje: Irmãos há uma rica lição a aprendermos aqui: a de que não somos tentados apenas na dificuldade, mas também, e principalmente quando tudo está indo bem. Eva foi tentada quando ia às mil maravilhas. Tudo ao seu redor estava disponível e contribuía para o seu bem-estar. Somente uma coisa lhe era restrita e foi justamente aí que ela caiu. Davi estava no melhor de seu governo. Seu exército era imbatível e por isto ele resolveu “ficar” no palácio quando deveria estar no *front*, preferindo estar “passeando” na varanda do castelo. Foi do alto da sua glória pessoal que ele avistou a mulher alheia que lhe fez cair. Estamos vivendo um tempo de falso avivamento, a igreja está experimentando um

período de prosperidade e crescimento, porém, crescimento deste tipo tem outro nome: Inchaço!

7

DO CULTO À MISSA

Em novembro de 2006, presos que trabalhavam na escavação de um presídio em Israel encontraram a mais antiga igreja cristã em bom estado de conservação. Os arqueólogos que foram chamados ao local, logo perceberam algumas diferenças entre esta igreja e as demais já encontradas de datações mais recentes. Observaram, por exemplo, que ao invés do altar ao fundo havia uma mesa no centro da nave. Em documentos encontrados em outra igreja, esta datada no século III encontrou-se a palavra “mesa” em vez de “altar”.

Estas descobertas arqueológicas apenas confirmam o que já se sabia: A introdução do altar em templos cristãos coincide com o advento do Catolicismo Romano, surgido no século IV e caracterizado pela absorção de aspectos do paganismo greco-romano.

O culto na Igreja Primitiva (33 a 312 a.C) era relativamente simples e enfatizava duas coisas: o sermão, dedicado à exposição das Escrituras e a mesa dedicada à Ceia do Senhor.

Justino Mártir, escrevendo sobre o culto de sua época (140 d.C.), em sua Primeira Apologia, diz: *“O culto que acontecia no ‘dia do sol’ (domingo), começava com a leitura das ‘memórias dos apóstolos’ (Novo Testamento) ou dos ‘escritos dos profetas’ (Antigo Testamento), até quando o tempo permitisse. Uma exortação ou homilia (pregação), baseada na leitura era então feita pelo presidente (dirigente do culto). A congregação ficava de pé para a oração. À celebração da Ceia do Senhor, seguia-se o beijo da paz (um costume judeu chamado ósculo santo), veja Romanos 16.16. Os elementos do pão e da água e vinho eram dedicados por ação de graças e oração as quais o povo respondia com “amém”. Os diáconos distribuíam então os elementos para os presentes”* (CAIRNS Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos, São Paulo: Vida Nova, 1995, p.68) Textos explicativos entre parênteses, do autor.

A Igreja dos primeiros séculos da Era Cristã buscou cumprir sua missão efetiva. Ela cuidava dos órfãos e das viúvas, acolhia os estrangeiros, matava a fome dos famintos, a sede dos sedentos, vestia o que estava nu,

visitava o encarcerado e cuidava dos doentes, conforme nos ensina Mateus 5.42. O ágape que é o termo grego (*agapé*) que dá nome ao amor fraternal entre os cristãos, era expresso de várias maneiras das quais citamos quatro:

1 – Nas doações e esmolas; por isto, *agapé* é traduzido na ARC (Almeida Revista e Corrigida) como “*caridade*”.

2 – Nas atitudes diárias (boas obras) conforme Tito 3.8; ... “*para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Estas cousas são excelentes e proveitosas aos homens.*”

3 - Nas reuniões da igreja e pelo “*ósculo santo*” que era um costume judeu, (Romanos 16.16; 2 Coríntios 13.12 e 1 Tessalonicenses 5.26).

4 – Nas refeições em comum sobre a qual continuaremos falando.

Esta refeição em comum teve início, ainda com os apóstolos como se deduz de Atos 2.46 quando diz:

“*Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração*”.

Percebe-se que a primeira parte fala da Ceia do Senhor, mas a última, logicamente faz menção a uma refeição completa. Outro texto marcante acerca desta refeição comunitária está em 1 Coríntios 11.17-34, onde o apóstolo Paulo queixa-se de alguns que faziam dela ocasião para a glotonaria. É óbvio que tais argumentos não podem estar tratando da Ceia do Senhor, mas sim da refeição completa que ocorria depois. Da Ceia do Senhor, desde o princípio tomavam parte apenas os membros efetivos, sendo vetado aos novos convertidos e visitantes. Por isto o culto era dividido em dois momentos distintos: Na primeira parte havia a leitura, pregação e louvor. Na segunda parte (sem os neófitos) havia confissões, orações e a Ceia propriamente dita. Em seguida voltavam a se unir com os novatos e visitantes para a *Agapai*, ou a Festa do Amor como ficou conhecida a refeição completa (Didaquê 14.1)

Segundo Plínio, um governador romano da Ásia Menor (95-100 d.C.) “...os cristãos reuniam-se ao alvorecer do dia estabelecido para

adorar a Cristo e depois tinham uma refeição... (Carta a Trajano 10.96.7).

A prática da comunhão de bens e desta refeição parece ter ocasião na “*permanência de muitos peregrinos na cidade que ali ficavam para aprender mais sobre sua nova fé cristã*” (RYRIE Charles C.A Bíblia Anotada, São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 1362, nota de rodapé. Muitos daqueles 5 mil novos convertidos, não retornaram para suas cidades de origem, mas permaneceram em Jerusalém. Outros chegaram a se mudar assim que puderam, provocando uma responsabilidade social de grandes proporções à jovem igreja. A primeira providência da igreja foi exatamente a promoção da refeição diária em comum, onde todos podiam comer da mesma mesa dos mesmos alimentos. Com a chegada do Catolicismo Romano a refeição foi extinta devido as grandes desordens na maneira de celebrá-la, conforme relatou Agostinho na sua Carta a Aurélio 24.4.

Já em Atos 6, vemos os apóstolos envolvidos em um conflito social interno que, pelo que parece, tem relação com a *Agapai*.

Diz a Bíblia:

Naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve reclamações dos judeus de cultura grega contra os demais judeus, pois as viúvas daqueles estavam sendo deixadas de lado na distribuição de alimentos, (At 6.1 versão Almeida Século21).

Estava ocorrendo favoritismo na Igreja Primitiva; dá pra acreditar? Os chamados judeus hebreus, ou israelitas, tinham assumido o controle das obras sociais da Igreja e tratavam com privilégios suas viúvas, “deixando de lado” as viúvas helenistas (não nativas) que falavam grego e muitas vezes nem entendiam o dialeto dos nativos (o aramaico). Era uma atitude racista. Diante desta injustiça, os homens helenistas buscaram os apóstolos para “reclamar”, com razão. Para resolver o problema, os apóstolos elegeram sete diáconos para “servirem às mesas”. Diz-se que foram em número de sete para que houvesse um para cada dia da semana. Observa-se ainda que todos os sete eleitos tinham nomes gregos, sendo, portanto, helenistas ou seja: os apóstolos tiraram o controle da situação das mãos dos judeus-hebreus injustos e puseram nas mãos dos judeus helenistas injustiçados.

Sábado cristão.

Domingo, o

Observa-se ainda acerca do culto primitivo que desde os apóstolos a Igreja passou a reunir-se oficialmente aos domingos.

Paulo reuniu-se com a igreja em Trôade (At 20.7) no primeiro dia da semana (domingo), numa reunião que parecia regular. E ordenou que a igreja em Corinto fizesse coleta para atender os necessitados num domingo (1 Co 16.2) pratica que certamente coincidia com as reuniões da igreja.

Apoiar-se na observância de dias, meses, tempos e estações fazem os homens se sentirem “religiosos” e justificados por estarem “fazendo religião” ao invés de viver uma vida simples e genuinamente cristã diante de Deus. Os Adventistas do Sétimo Dia cometem dois erros colossais quanto a isto: primeiro, guardam uma ordenança “estritamente judaizante” que é a guarda do sábado judeu. Em segundo lugar baseiam-se em mentiras, no que diz respeito ao domingo cristão.

Com relação a guarda do sábado, Paulo escreveu aos “romanos”.

Uma pessoa considera um dia mais importante do que o outro, (alguns judeus cristãos), mas outras, (judeus e gentis) julgam iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente convicto em sua própria mente. (Romanos 14.5 -Versão Almeida Sec.21).

Observa-se que Paulo nem abona e nem desabona, apenas orienta a que cada um experimente suas próprias convicções sem impô-las aos demais.

Mas o apóstolo vai além quando escreve aos Colossenses:

Ninguém vos julgue por causa de comida (carne de porco, por exemplo), bebida, ou dia de festa ou lua nova, ou sábados por que tudo isto tem sido sombra (passado) das coisas que haviam de vir... (Colossenses 2.16 -Parênteses e ênfase do autor)

Aos irmãos de Antioquia que estavam sendo pressionados a “cumprir a lei” (circuncidar-se, guardar o sábado, etc) os apóstolos, juntamente com um grupo de presbíteros, enviaram a seguinte resposta: *“pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas cousas essenciais: Que vos abstenhais das cousas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, e da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas: destas cousas fareis bem se vos guardardes”* (At 15.28,29). Observe que Paulo, sob a direção do Espírito Santo de Deus, e de acordo com os demais apóstolos e uma delegação de presbíteros, não achou conveniente a guarda do sábado dentre outras coisas. Pra encerrar o assunto acerca do sábado, lembro que a obrigação de se guardar qualquer dia para cumprir a lei é considerada por Paulo em Gálatas 4.10 como “abandono de Cristo” e a observância do sábado é explicitamente descartada em Gálatas

2.16. Enfim, por questão de íntima consciência é que os atos devocionais e observâncias são válidos e aceitos, desde que, jamais sejam impostos como regra de fé e salvação, esta, recebida unicamente pela fé em Cristo.

Isto já seria suficiente para convencer o mundo, porém os discípulos de Ellen G. White¹ são obcecados, possuem a blindagem da obstinação tão comum aos sectários e dificilmente levam adiante qualquer leitura que questione suas doutrinas. Com certeza todos eles já fecharam o livro antes de chegar a este ponto. Fecham-se como dispositivos automáticos de segurança. Na verdade, privam-se de conhecer a verdade. Mesmo assim, minha oração é para que aqueles que ainda seriam “laçados” por esta seita, se armem de conhecimento e escapem.

Passo então a alistar a opinião importantíssima dos Pais Antenicanos; aqueles que viveram antes de Constantino e da Igreja Católica.

1-Inácio que viveu no tempo dos apóstolos, 30-107 d.C. que foi bispo de Antioquia e que foi discípulo de Paulo, tendo conhecimento claro do costume de sua época escreveu: *“E após a observância dos sábados (que os judeus guardavam), que todo amigo de Cristo guarde o dia do Senhor como uma festa, o dia da ressurreição, o principal de todos os dias da semana.*

2-Justino Mártir, nascido nas proximidades da fonte de Jacó, em 110 d.C. escreveu: *“E no dia que se chama domingo todos que habitam nas cidades ou na terra reúnem-se em um lugar e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos[...] Mas o domingo é o dia em que realizamos nossa assembleia comum porque é o primeiro dia em que Deus, tendo feito uma mudança nas trevas e na matéria criou o mundo e Jesus Cristo nosso Salvador ressurgiu dos mortos no mesmo dia”* (Vol 1, p 186).

O mesmo Justino debatendo com Trifo, um judeu, diz: *“Há alguma outra coisa, meus amigos em que somos culpados (acusados), senão esta: que nós não vivemos de acordo com a lei, nem que somos circuncidados na carne como vossos antepassados, nem observamos os sábados como vós fazeis? Os cristãos observariam a lei, se não soubessem por que ela foi instituída. Ora, nós também observaríamos a circuncisão da carne e os sábados e sumariamente todas as festas, se não soubéssemos por que razão eles foram a vós impostos[...] os gentios que creram nele e que se arrependeram de seus pecados[...] receberam a herança juntamente com os patriarcas... ainda que não tenham guardado o sábado. Cristo é em vão*

para aqueles que observam a Lei[...]; o sábado e os sacrifícios, e as ofertas chegaram ao fim naquele que nasceu de uma virgem”.

Todavia os discípulos de Ellen White desprezam a opinião dos Pais da Igreja em louvor de uma falsa profetisa contemporânea. Eles alegam que Constantino em 321 d.C. e a Igreja Católica em 364 d.C. mudaram o sábado para o domingo, porém os seguintes registros históricos servem para desmenti-los:

1-A Enciclopédia Britânica diz o seguinte nos verbetes “sábado” e “domingo”: *“Na Igreja Cristã primitiva, os cristãos judeus continuaram a guardar o sábado enquanto Paulo nos primeiros dias do cristianismo dos gentios [...]; afirmou claramente que o sábado judeu não era obrigatório para os cristãos”.* Em 321, Constantino passou o sábado cristão para o domingo, dia de descanso, para todo o Império Romano, entretanto, os cristãos já observavam o domingo e não o sábado há quase 300 anos, (ou seja, desde o início da Igreja Cristã).

2-A New Internacional Encyclopédia diz: *“Por algum tempo depois da fundação da Igreja Cristã os convertidos do judaísmo ainda guardavam o sábado judeu”. Mas antes do fim do período apostólico, o domingo, conhecido como o Dia do Senhor, estabeleceu-se totalmente como o dia especial a ser santificado (separado) para “descanso” do trabalho secular e para “adoração pública”.*

3-A Enciclopédia Católica diz: *“O domingo era o primeiro dia da semana segundo o método de cálculo dos judeus, mas para os cristãos ele começou a assumir o lugar do sábado judeu, nos tempos apostólicos, como o dia separado para adoração pública e solene a Deus”.*

O sincretismo religioso², sempre foi a praxe da Igreja Católica. Esta, alegando imitar as festas judias, criou o calendário eclesiástico, (ano litúrgico) onde se observa vários dias como feriados santos, começando pelo Natal. Com estas e muitas outras novidades foi que a Igreja Romana mudou a adoração do culto para a missa romana. O caráter cristão do culto primitivo foi cedendo espaço para a instalação das ladainhas e da idolatria. A primeira providência neste sentido foi afastar a “mesa da comunhão” do centro para o fundo da sala. Em seguida diminuíram o tempo gasto com oração leitura e louvor dando cada vez mais ênfase ao mistério da Ceia. Fazendo assim transferiram toda a atenção dos adoradores para o oficiante (celebrante). Logo, todos os participantes passaram de adoradores ativos a meros expectadores da adoração sacerdotal. Na condição de sacerdote que

oferecia sacrifício pelos demais, o oficiante começou a vestir-se como tal. Não demorou muito e a realidade da presença de Cristo no culto deu lugar ao dogma que atribuem sua presença no pão e no vinho já em 390 d.C.

Em 394, o culto cristão foi definitivamente substituído pela missa. Veja os resultados:

- a) O surgimento de barreiras hierárquicas e físicas entre o altar e o povo. Um retorno simbólico ao véu do templo.
- b) De um culto de adoração, louvor e exposição das Escrituras a um ritual litúrgico de sacrifício objetivo do sangue e do corpo de Cristo.
- c) Eliminação da maioria dos elementos do culto primitivo.
- d) Transformação dos ativos adoradores em meros expectadores da atividade alheia (dos sacerdotes e seus auxiliares).
- e) Introdução de vários erros doutrinários como a penitência e obras meritórias.

Martinho Cochem escreveu o seguinte sobre a missa:

“Durante uma missa o sacerdote benze-se 16 vezes, volta-se para o povo outras 16 vezes, beija o altar 8 vezes, levanta os olhos 11 vezes, 10 vezes bate no peito e ajoelha-se 10 vezes, juntando as mãos 54 vezes. Faz 21 inclinações com a cabeça e 7 com os ombros. Inclina-se 8 vezes e beija a oferta 36 vezes, põe as mãos sobre o peito 11 vezes. Faz 11 preces em voz baixa e 13 em voz alta descobre e torna cobrir o cálice 5 vezes e muda de lugar 20 vezes.

Tudo isto seria normal se não fizesse parte de uma encenação teatral ensaiada ate a exaustão na formação de padres.

Notas

- 1- **Ellen Green White;** (1827 – 1915) Líder da Igreja Adventista do sétimo dia. Tomou-se “observante do sábado” em 1846. Ao estabelecer a igreja Adventista como denominação oficial tornou-se sua líder e começou a escrever “revelações” que seus seguidores entendiam como o “espírito” da providencia (Ap 19.10) Antes de morrer escreveu a mão mais de 100.000 páginas cerca de sessenta livros.
- 2- **Sincretismo religioso:** processo mediante o qual elementos de religião são assimilados por outra religião, tendo como resultado uma mudança nos ensinamentos fundamentais ou na natureza daquelas religiões. A Bíblia revela o sincretismo como uma ferramenta de Satanás, usada desde há muito para fazer separação entre Deus e o seu povo.

O PAPADO E A ERA DAS TREVAS

Sobre o papado não podemos estabelecer uma data de fundação, pois ele é fruto de um longo processo. Seu surgimento deu-se de forma lenta e gradual. Neste processo o bispo de Roma passou de um simples líder local a primeiro entre os demais, tornando-se afinal, o cabeça incontestável da Igreja. Esta instituição, nascida do lodo do catolicismo romano, é milenar e iniciou-se, como demonstrarei, desde Constantino I, o Grande, no século IV.

Nos últimos dias (2011) temos assistido à ruína de vários impérios e a deposição de seus mandatários, a maioria ditadores. Foi o caso do Egito, Iêmen, Líbia e outros países do Oriente. Já o papado, embora secularmente envolvido em crimes, tem se arrastado ao longo da história. A pergunta é: Até quando?

Mesmo antes de Constantino, sucedeu em alguns casos a pretensão de alguns bispos quererem impor sua autoridade sobre os demais. Foi o caso de Calisto, bispo de Roma em 208 d.C. conforme registro de Tertuliano. Mas ainda antes de Calisto ocorreu um surto de “autoritarismo” em Vitor I em 193-202, quando ele interferiu a partir de Roma, nos assuntos de igrejas de fora da Itália, tendo inclusive chegado ao cúmulo de “excomungar¹” as igrejas da Ásia Menor. No entanto, a autoridade monárquica para um futuro pontífice só veio a se desenvolver a partir da oficialização do cristianismo por Constantino, quando as igrejas adquiriram influência política, principalmente no Oeste, região distante do centro do império. Com a influência veio a ambição pelo poder temporal. Embora não apontemos Constantino como o primeiro papa, afirmamos ser ele o “protótipo” da figura papal, dada a sua intervenção autoritária nos assuntos da Igreja, tendo se autoproclamado, primeiramente bispo, e depois “bispo dos bispos”. Tornou-se, pois, *Pontifex Maximus* com direito de interferir em todo e qualquer assunto da Igreja. É o que se chamou de papismo cesáreo. Sem a permissão dele nada de relevância podia ser discutido na Igreja. Foi assim que em 325, ele convocou o Primeiro Concílio da história da Igreja² que contou com a presença de mais de trezentos bispos. Sem saber, Constantino abria um precedente para a instituição do papado, tornando-se sombra desta infâmia.

“Constantino Augusto a Cresto, bispo de Siracusa”. Como há alguns que já anteriormente[...] começaram a vacilar na religião santa e a abandonar a doutrina da Igreja universal[...] desejoso de prevenir tal disputa entre eles[...] delegando certos bispos da Gália e chamando outros dos partidos opostos da África... que estão combatendo uns contra os outros... Consequentemente aconteceu que aqueles mesmos indivíduos que deveriam mostrar unanimidade fraterna e pacífica, antes

estão desgraçada e detestavelmente em discrepância uns com os outros... dando ocasião de zombaria aos de fora... “Por conseguinte, me pareceu necessário providenciar que esta questão seja completamente resolvida...”. CESARÉIA Eusébio de. História Eclesiástica, Rio de Janeiro. CPAD. 1999, pág. 395/396.

A remoção da capital do império, de Roma para Constantinopla (antiga Bizâncio), e hoje, Istanbul em 330 contribuiu decisivamente para tornar o bispo de Roma *episcopum episcoporum*, ou seja: bispo dos bispos, pois levou para longe a interferência do imperador. Distante do freio imperial Roma passou a exercer papel de árbitro das igrejas. Para melhorar ainda mais a situação a favor da igreja romana, Atanásio, bispo de Alexandria entra em choque com os arianos levando o Imperador Teodósio a pedir ao bispo de Roma que convocasse um concílio. Era o que estava faltando para que o bispo romano assumisse o controle geral da situação.

Sobre a falácia do catolicismo romano acerca da sucessão apostólica do papa, a tradição confiável da Igreja desmente. Na lista dos homens de Deus (não papas) que lideraram a igreja em Roma, não consta o nome de Pedro.

O historiador cristão Eusébio de Cesaréia, que viveu entre 263-340 d.C. escreveu em sua obra História Eclesiástica, Rio de Janeiro CPAD, 4ª Edição, 2003, pág. 79: “*Após o martírio de Paulo e Pedro, Lino foi o primeiro a receber o episcopado de Roma. [...] Segundo o mesmo autor este Lino é aquele da saudação final da carta do apóstolo Paulo a Timóteo onde se lê: Êubulo, Prudente, Lino e Cláudia te saúdam*”. Observe a lista:

Lino, foi o primeiro, Anacleto o segundo, Clemente (91 - 100d.C.) Evaristo (100-109d.C.) Alexandre (109-119d.C.), Sixto (119-127), Telesforo (127-138d.C.), Higino (139-142d.C.), Pio (142-157d.C.) Aniceto (157-168d.C.), e a lista vai crescendo sem que o título papa seja usado ou a autoridade suprema sobre a Igreja seja requerida por nenhum deles. Vale lembrar porém, que após o último bispo de nossa lista, começaram a surgir ideias de poder regional e logo após o bispado de Eleutério surge Vitor, alistado pelo cardeal Danielou como o primeiro papa (na minha opinião, o prenúncio de um papado ainda futuro) pois além dele, outros bispos requereram para si a mesma preeminência, sem contudo obterem êxito. Visto que ainda nem se falava sobre papa, Vitor apenas pareceu-se com um deles no que tange à “presunção,” pois chegou como já dissemos anteriormente a excomungar as igrejas da Ásia Menor.

No entanto, qualquer pesquisador da história da Igreja, livre de influência dogmática, concluirá que o primeiro papa propriamente dito terá sido Inocêncio I que “reinou” de 402 a 417. Este, explorando bem a reivindicação de Roma, exigiu submissão universal a sua autoridade. Demonstrando grande audácia ele nomeou a Rufo bispo de Tessalônica. Os demais bispos engoliram em seco tal demonstração de poder. Foi mais longe, afirmando que a partir daquela data todas as igrejas

ocidentais eram obrigadas a se conformar aos costumes romanos e que todas as questões eclesiásticas do mundo inteiro deveriam, por direito divino, ser remetidos à “Sé Apostólica”.

Observe que esta informação contraria de modo decisivo a falácia da Igreja Católica sobre a sucessão apostólica do papado a partir de Pedro. Aliás, Leão I que “reinou” entre 440 a 461, foi o primeiro papa a requerer tal sucessão e autoridade apostólica (No capítulo 2 que trata da fundação da Igreja Cristã você leu mais sobre Pedro e o papado). Na época de Leão I Roma era governada por Valentino III, um jovem e simplório imperador que ao ver-se pressionado expediu um Édito em que reconhecia a primazia do bispo de Roma. (Eis o nascimento do papado demonstrado e situado no contexto histórico). De acordo com o documento ninguém ousasse agir sem a autorização expressa de Leão I. De um bispo como outro qualquer, o de Roma tornou-se o primeiro entre os demais, o “*Portifex Maximus, Salvatore, Filius Dei, Sacratissimus Dominus, Nostra Santidade, Augustus*” (digno de adoração) e outros títulos típicos de um venerado mandatário.

Alguns fatores históricos contribuíram muito para a preponderância papal e seu fortalecimento gradual. Um deles é que os primeiros papas imprimiram sua autoridade com rigor e tinham grande influência no meio político. Outro fator era a situação caótica do Império Ocidental que permitiu ao papa desvencilhar-se de sua tutela assumindo uma posição superior a do imperador.

Sabe-se que o papado alcançou posição de destaque por meios escusos. Além de intrigas foi empregada uma série de documentos que só posteriormente demonstraram ser falsos. Entre os mais importantes estão os Decretos de (pseudo) Isidoro, que apareceram em torno de 850 d.C. e contêm cerca de 100 pretensas decretais dos mais antigos papas com escritos de outros chefes da Igreja e Atas de alguns Sínodos. Não fosse o *Pseudo Isidoro*, não teria surgido Gregório VII³. Toda a história papal seria diferente. Ao lado dos decretos podemos mencionar a Doação de Constantino (750d.C.) a Doação de Carlos Magno (774d.C.), o Decreto de Graciano (1150d.C.). Todos estes documentos foram de inestimável valor para o crescimento da autoridade religiosa e do poder político do papa. “Não obstante, todos eram também **falsificações** produzidas centenas de anos após as datas que supostamente representam”. Elwell Walter. A. Enciclopédia Histórico - Teológica da Igreja Cristã, São Paulo: Edições Vida Nova, 1992, pag. 125. (Usava ainda, indevidamente, os escritos de Irineu e Cipriano, ambos Pais da Igreja).

Em 494d.C. Gelásio I declarou: “Há dois poderes mediante o qual o mundo é governado: A autoridade sagrada dos papas e o poder real” (doutrina das duas espadas). E carimbou: “destes dois, o poder sacerdotal é muito mais importante”. O imperador “engoliu” mais esta. Depois do século VI, emancipados do controle imperial, os papas aumentaram ainda mais o seu poder sobre os reis. Mas o auge ocorreu em 800d.C. quando o papa Leão III coroou Carlos Magno imperador. Dai em diante outros papas reivindicaram o direito e a prerrogativa de

coroar os monarcas subsequentes. Historiadores são unânimes em dizer que se dependesse de Carlos Magno ele jamais teria realizado tal cerimônia que ao invés de agregar poder à coroa imperial, oficializava a subserviência ao papa.

No século IX já existia grande dissidência entre Igreja e Estado, motivada pelo interesse mútuo de dominar sobre o outro. Eram os papas requerendo o poder de coroar os reis, e estes reivindicando o direito de nomear aqueles. Em 1074, o papa Gregório VII desafiou abertamente o direito de o imperador Henrique IV nomear o Arcebispo de Milão, criando com isto grande controvérsia. Para estabelecer o direito papal Gregório promulgou um “decreto” que proibia a investidura por leigos e reafirmava o poder papal de coroar os mandatários. Mas, embutido no decreto estava uma novidade: Ora, o fato de os papas coroarem os reis, sempre poderia ser visto como uma “aprovação”, uma benção, porém agora o decreto de Gregório dava poder aos papas de (pasmem!) depor os imperadores. A publicação deste decreto foi como mexer em uma caixa de maribondos e somente depois de muita troca de insultos e longas deliberações, chegaram a um acordo (Acordo de Worms, em 1122), que reafirmou o papado como o poder dominante. Mas foi com Inocêncio III, o pontífice mais influente da história que o papado experimentou o apogeu de seu poder civil e eclesiástico entre 1198 a 1216.

Não obstante ter sido Inocêncio III o maioral dos papas, ele inaugurou também a Era de declínio do poder papal. Após Inocêncio III, os papas insistiam em vão em suas reivindicações políticas, mas os tempos eram outros e a retração do poder prevaleceu durante todo o século XIII. Enquanto isto crescia o poder dos reis principalmente na França e Alemanha. Vendo seu domínio esvaír por entre os dedos o papa “Dá Até Dó”, digo, Bonifácio VIII, que tentou reinar de 1294 a 1303 apelou para as Escrituras buscando dar fundamento bíblico – dogmático à dominação universal dos papas. Mandou expedir a bula *Unam Sanctam* que, entre outras coisas, dizia que a salvação de cada pessoa dependia de sua sujeição ao bispo de Roma, o papa, claro. Mas, tudo isto foi em vão contra Felipe IV da França.

Logo depois de Bonifácio os papas experimentaram uma espécie de exílio, ao serem removidos de Roma para Avignon. Assim, de 1309 a 1377 eles ficaram sob o poder dos franceses. Ali teve início um tempo de luxúria e depravação moral que durou até 1521. O desmantelo por parte dos pontífices era tamanho que escandalizava o povo europeu. Fato é que o declínio do poder e da moral dos papas é um assunto melindroso e complexo, não cabendo no propósito desta obra, bastando para o momento registrar que logo após o exílio, instalou-se O Grande Cisma Papal⁴, onde três bispos se diziam papa. Esta disputa durou de 1378 até um concílio em 1415, que além de resolver a “baixaria” papal ainda queimou vivo João Huss. A morte de Huss inaugurou a preparação do cenário da Reforma Protestante.

Notas

1-Excomunhão: É a mais extrema punição administrativa da Igreja Católica. Trata-se de uma medida terapêutica para chamar a pessoa de volta ao arrependimento. No entanto a Igreja Católica Romana usava-a de modo absurdamente abusivo negando ao excomungado até o sepultamento cristão.

2-Primeiro Concílio: Concílio de Nicéia, na Bitínia (hoje Işhik, na Turquia). O propósito principal deste concílio era sanar um Cisma na Igreja provocado pelo Arianismo e resultou na confecção de uma Confissão Teológica (o Credo de Nicéia).

3-Gregório VII – Papa de gênio enérgico que conduziu o papado ao apogeu de seu poder político - religioso (1073-1085). Gregório é responsável por elevar a disciplina e a administração papal acima de tudo (incluindo as Escrituras) e de todos. Ele pôs em prática “todas” as antigas reivindicações de papas anteriores, subjuguando, intervindo e usurpando as mais sólidas soberanias. Ele fez o rei Henrique IV da Alemanha ficar descalço sobre a neve durante 3 dias implorando pela anulação de sua excomunhão.

4-Grande Cisma – Divisão na Igreja Católica provocada pelo “aparecimento” simultâneo de 3 papas rivais que só teve fim com a instalação do Concílio de Constança (1414-1418). Na luta pelo trono esqueceram a vergonha.

9

A CRONOLOGIA DO ERRO

Sem primar pela observância da sã doutrina, a doutrina dos Apóstolos, o “novo cristianismo”, chancelado pelo poder temporal do Estado, perdeu sua essência e legitimidade. Durante séculos os dogmas¹ católicos foram sendo instalados na Igreja: Uns, sorrateiramente, por meio de artifícios muito bem elaborados, (incluindo a falsificação de documentos), outros abruptamente, pelo emprego da força e da violência, seja física ou moral. Muitas destas alterações tinham fins lucrativos, outras conferiam poder e influência social à Igreja e ao alto escalão administrativo.

A cronologia do erro:

Tenho um filho cantor e estou sempre viajando com ele para cidades do interior do estado. Nestas viagens, as vezes a noite, por estradas pouco transitadas, porém, com bom asfalto e forte sinalização, seguimos tranquilamente até nos depararmos com alguma placa indicando “desvio a esquerda, ou a direita a tantos metros”. Deste momento em diante meus sentidos ficam aguçados, minha postura ao volante é de alerta. Cuido logo de avisar aos demais ocupantes do veículo; “Atenção ai!... Estamos entrando num desvio!” Por que faço isto? Ora, um desvio será sempre mais perigoso do que a estrada principal. E o risco de acidentes e incidentes no mínimo triplica. Dobrar a atenção é questão de segurança, pois existem riscos potencializados num trecho desta natureza. Durante o percurso devemos lembrar que alguma coisa ocorreu para que o trecho fosse interditado. Também existe o risco de um toco exposto furar um pneu, e pior; pode ser uma emboscada de malfeitores, eles estão sempre mudando seus métodos. Nunca se sabe, afinal estamos trafegando num desvio. Fico ansioso, torcendo para chegar

logo ao fim do atalho, desejo ardentemente voltar ao curso normal da viagem, quero voltar à normalidade, seguir viagem na segurança e conforto da via expressa. Foi efetivamente este o cuidado que faltou à Igreja do século IV. Ela não só se acomodou como fez morada no desvio. A partir do quarto século de sua existência a Igreja enveredou por caminhos tortuosos e não mais retomou a estrada verdadeira, como diz as Escrituras: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32). Desprezar o caminho da verdade e absorver costumes mundanos foi a praxe da Igreja Católica desde o princípio.

A seguir forneço uma lista de datas importantes na história da Igreja. Muitas destas datas sofrem alterações de uma fonte para outra. Isto ocorre pelo fato de que os dogmas eram discutidos às vezes por séculos até serem aceitos. Entre estas datas estão incluídas as datas em que as heresias foram sendo instaladas. Aquelas datas ligeiramente deslocadas para a esquerda e escrito em negrito são as que trouxeram erro e dogmas maléficos à fé cristã. O objetivo não é fornecer uma lista exaustiva de eventos da história cristã, mas dar ao leitor uma visão panorâmica da instalação do catolicismo e seus artigos de fé no decorrer dos séculos.

	1	- Nascimento de Jesus Cristo
	32	- Fundação da Igreja (Mateus 16.18)
	33	- Morte, Ressureição e Ascensão de Jesus.
		-Vinda do Espírito Santo (Pentecoste).
		- Inauguração da Igreja (Atos 2).
	40-90	- Estabelecimento da Igreja Primitiva.
	40-312	- Perseguição sob vários Césares.
193-202		- Vítor, bispo de Roma requer autoridade sobre as demais igrejas.
	312	- Constantino se converte e põe fim à perseguição.
314		- Começam as orações pelos mortos.
	324	- A Igreja se torna esplendorosa.
	325	- Primeiro Concílio Geral, convocado pelo imperador Constantino.
	394	- O Cristianismo é declarado religião oficial do império.

394		- O culto original é substituído pela missa romana.
	397	- A Bíblia é canonizada.
402		- Surge o 1º papa, Inocêncio I. ²
416		- Começam a batizar recém-nascidos.
	405	- Gerônimo traduz a Vulgata ³ .
431		- Maria é proclamada “Mãe de Deus.”
440		- O papa Leão I alega ser sucessor de Pedro.
593		- É instituído o Purgatório.
649		-É declarado que Maria não teve outros filhos.
787		- Começam a cultuar imagens (oficialmente) e relíquias (Concílio de Niceia II).
787		- Instituído o culto a Maria no Concílio de Niceia II.
819		- Pela primeira vez se observa a festa da Assunção de Maria.
830		- Começam a usar água benta.
835		- Instituído o Dia de Finados.
830		- Instituído a canonização dos santos.
	1054	- A Igreja se divide em dois ramos: - Católica e Ortodoxos ⁴
1074		- Proibição do casamento de sacerdotes (padres, cardeais, etc.). “Celibato.”
1075		- Obrigam sacerdotes casados a se divorciarem de suas esposas.
1095		- Início das Cruzadas ⁵
1100		- Começam as missas pagas
1115		- O povo começa a fazer confissões.
1126		- Proibido aos leigos a leitura das Sagradas Escrituras
1184		- Início da Inquisição. ⁶
1190		-Tem início a venda de indulgências. ⁷
1200		- E introduzida a hóstia na Ceia em lugar do pão e o vinho,

		segundo elemento é negado aos membros.
1215		- É decretado a transubstanciação ⁸ dos elementos da Ceia do Senhor.
1216		- Instituída a confissão como Artigo de Fé.
	1227	-Término da Inquisição sob o papa Gregório IX.
1303		- A Igreja Católica se autoproclama “única e verdadeira”, e que só através dela se obtém a salvação.
	1325	John Wycliffe e John Huss iniciam ideais de reforma.
	1378 - 1417	- Período conturbado em que três papas rivais promovem um festival de insultos e acusações uns aos outros.
	1417	- O papado atinge o “fundo do poço” com o Cisma Papal.
	1417	- John Huss é martirizado na fogueira por defender a Reforma.
1439		- Os Sete Sacramentos são transformados em Artigo de Fé, juntamente com o Purgatório. São eles: Batismo, Ceia, Crisma, Penitência, Extrema Unção, as Ordens e o Matrimônio.
	1455	- Invenção da imprensa
	1456	- Impressão da primeira Bíblia.
	1517	- Martinho Lutero divulga as 95 Teses ⁹ (documento que questionava vários dogmas da Igreja católica).
	1536	- Tyndale é queimado vivo por traduzir e distribuir Bíblias ao povo.
	1545	- Começa a guerra entre católicos e protestantes.
1545		- O Concílio de Trento faz a Contrarreforma.
1546		-Os católicos acrescentam os livros apócrifos (Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc).
1562		- Confirmação do culto aos santos.
	1575	-Ocorre o Massacre de São Bartolomeu ¹⁰
	1566 - 1572	-A Inquisição atinge os limites da “bestialidade”, é carnificina pura.

	1608	-John Smith batiza os primeiros batistas.
	1611	-A versão King James e traduzida.
1634		-Estabelecido o processo de canonização dos santos.
	1738	-Conversão de John Wesley e fundação da Igreja Metodista.
1854		Instituído o Dogma da Imaculada Conceição
	1855	-Dwight Moody se converte
	1865	-William Booth funda o Exército da Salvação.
1870		-O papa Pio IX oficializa o dogma da infalibilidade papal
	1906	-Início do Pentecostalismo com o Avivamento da Rua Azuza.
	1909	-Gunnar Vingren e Daniel Berg se conhecem em Chicago – USA.
	1910	-Gunnar e Daniel chegam ao Brasil.
	1911	- Fundam a Missão de Fé Apostólica (futura Assembleia de Deus).
	1918	-Registram a igreja com o nome Sociedade Evangélica Assembleia de Deus.
	1926	-A Assembleia de Deus chega ao Piauí.
1950		-Declarada a Assunção de Maria.
	2011	-A Igreja Assembleia de Deus comemora seu centenário no Brasil, com cerca de 20 milhões de membros.

Notas

1-Dogma: A Igreja Católica Romana desenvolveu na Idade Média o conceito do *depositum fidei* (depósito de fé), segundo o qual se considerava que à Igreja era confiado um depósito de verdades. Estas verdades ou declarações dogmáticas ganharam crédito de *infallíveis* no Concílio de Trento (1545-1563). O dogma é visto no Catolicismo Romano como uma verdade revelada por Deus para a Igreja a um papa. O protestantismo tem historicamente rejeitado os dogmas, contrapondo a ele a fiel observância das Escrituras. Karl Barth, renomado Teólogo disse: “A Palavra de Deus está tão acima do dogma quando os céus estão acima da terra”.

2-Primeiro papa: A Igreja Católica alega que o apóstolo Pedro foi o primeiro papa. No entanto, o papado só veio a existir de fato, no século IV. Há na história uma confusão na linha sucessória do papa. Alguns historiadores (inclusive católicos) apontam o bispo Vítor (193-202) como o primeiro a impor sua autoridade além das fronteiras de Roma. Outros apontam o imperador Constantino (313) como a figura mais antiga a parecer-se com um papa. No entanto a confusão se dá pelo fato de o papado ter se desenvolvido lentamente através dos séculos. Inocêncio I (402-417) bispo de Roma, impôs de fato sua autoridade, vindo a nomear bispos de outras igrejas como a de Tessalônica por exemplo. Tendo ele exigido a submissão universal à sua pessoa e demonstrando grande ousadia em explorar tal posição, admitimos ser ele o primeiro papa da História.

3- Vulgata- Versão da Bíblia em latim, feita por Jerônimo, um estudioso que viveu de 347 a 419. A Vulgata

que significa “vulgar”, “divulgada” ou “popularizada” traz em seu nome o objetivo. Alguns historiadores dizem que Jerônimo “devolveu” as Escrituras à cristandade.

- 4- **Católicos e Ortodoxos-** A primeira separação permanente na comunidade cristã (1054), chamada de o Grande Cisma, dividiu a Igreja em duas seções: a grega Ortodoxa (Oriental) e a latina Católica (Occidental). Um dos principais motivos da separação foram os dogmas, tais como o celibato, o uso de pães asmos na Eucaristia, a tonsura dos monges (raspagem da cabeça) e a famosa controvérsia *filioquê*, principal motivo do “racha” e cujo teor é: “e do filho”, e refere-se a “se o Espírito procede tanto do Pai quanto do Filho”.
- 5- **Cruzadas-** Expedição Católico-Romana na Idade Média, a princípio para expulsar os muçumanos da Terra Santa, (Israel), e depois para calar toda e qualquer voz discordante. Com as cruzadas a Igreja Católica expandiu sua fortuna, desapropriando terras em benefício próprio.
- 6- **Inquisição-** Tribunal da Igreja Católica Apostólica Romana, criado com a finalidade de investigar, prender, interrogar mediante tortura e executar aqueles que discordassem de seus dogmas.
- 7- **Indulgências-** Artificio criado pelo catolicismo segundo o qual o pecador recebe remissão de pecados mediante esforços de penitência ou doação financeira à Igreja. Quando pressionada a Igreja Católica diz que as indulgências tinham poder temporal, ou seja, não removiam o castigo eterno pois este só se obtém mediante confissão e arrependimento e que as indulgências serviam tão somente para “apagar” o castigo temporal através do papa ou de um bispo. No entanto a Igreja romana amontoou riquezas sobre a terra “vendendo” indulgências as mais variadas que se possa imaginar, estendendo inclusive aos mortos tais benefícios. J.J. Tetzl, vendedor de indulgências na Alemanha em 1517 chegou a dizer que certa indulgência papal perdoaria até aquele que violasse sexualmente a própria “Mãe de Deus”. Tudo em nome de dinheiro.
- 8- **Transubstanciação-** Dogma católico que afirma que as palavras de Jesus em Mc 14.22: “Isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”, devem ser entendidas literalmente. Assim creem que a substância do pão e do vinho é transformada na substância do corpo de Cristo, (carne e sangue). As fraquezas desta doutrina são óbvias: não é bíblica e contradiz os ensinamentos dos Pais da Igreja. Destrói a verdadeira natureza de uma ordenança e perverte seu uso apropriado dando vazão a superstições perigosas que são hostis à fé evangélica.
- 9- **95 Teses de Martinho Lutero-** Proposições teológicas elaboradas pelo monge Martinho Lutero, contra os abusos na venda de indulgências plenárias, negociada por Johann Tetzel em nome do papa. Esta indulgência garantia aos “clientes” que até mesmo os pecados mais graves como blasfêmia e violar, (estuprar) a própria Mãe de Deus, seriam remidos, tendo aplicabilidade até mesmo aos mortos do purgatório. Lutero levantou-se contra esse abuso porque as pessoas eram levadas a crer que o perdão poderia ser comprado, e a negligenciar o arrependimento verdadeiro. Lutero sustentava que somente Deus expiava as culpas. Também negava o poder papal sobre as almas. Elas, as teses foram audaciosamente afixadas à porta da igreja do castelo de Wittenberg em 31 de outubro de 1517, data que é o marco inicial da Reforma.
- 10- **Noite de São Bartolomeu-** Massacres de protestantes executado por soldados papistas em 22 de agosto de 1572. John Fox escreveu em seu “O Livro Dos Mártires”; Estes massacres estão pintados no salão do Vaticano, em Roma, com a seguinte inscrição: Pontifex, Coligny necem probat. Isto é: “O papa aprova a morte de Coligny”. Coligny foi o primeiro protestante a morrer naquela terrível noite. Seu corpo foi esquartejado e a cabeça enviada ao papa.

MARIOLATRIA

Não farás para ti imagens de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima (anjos, Jesus), nem embaixo na terra (homens santos e mártires), nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes dará culto. Porque eu, o SENHOR teu Deus sou Deus zeloso.

Deuteronômio 5.8,9

(palavras entre parênteses, do autor)

Um amigo católico interpelou-me certo dia com a seguinte pergunta: Porque vocês crentes não gostam de Maria? Diante disto, respirei fundo engoli saliva e devolvi: Acho que você está redondamente enganado quanto a isto, pois nós evangélicos, muito mais do que gostar, amamos imensamente nossa irmã Maria. Quem demonstra não amar Maria nem um pouco são os católicos. O homem tossiu, ficou rouco e demonstrando espanto pediu-me que lhe explicasse melhor. Então eu lhe disse que nós evangélicos amamos Maria do jeitinho que ela foi; um ser humano pecador, mãe de vários filhos, que depende como qualquer outro ser humano da graça de Deus para ser salva, que está enterrada em algum lugar (provavelmente na cidade de Éfeso) e que aguarda o momento de encontrar-se com o seu Senhor (não filho), Jesus Cristo. Nós não precisamos adereçar Maria com títulos, nem a vestir com um manto de glória que ela não possui. Amar de verdade é amar a pessoa como ela é.

Dentre os absurdos cometidos pelo catolicismo romano, o mais hediondo é o que cerca a figura de Maria, a mãe de Jesus (não de Cristo). Os dogmas que cercam a pessoa de Maria de Nazaré na fé católica só serviram para “destronar” Deus do coração dos (in)fiéis romanistas. De exaltação em exaltação ela foi crescendo a ponto de ser hoje bisonhamente conhecida como Rainha do Céu. Esta sórdida idolatria tem exalado um mau cheiro às narinas de Deus. As palavras do apóstolo Paulo soam como alerta:

Honraram e serviram mais a criatura (Maria) que o Criador (Jesus Cristo), Romanos 1.25 (palavras entre parênteses do autor).

No entanto, apresso-me em admitir que devido a estes embaraços acerca da mãe de Jesus, muitos crentes sinceros chegam a nutrir um ódio velado e preconceito escancarado contra ela. Uma pena, pois Maria foi mais íntima do homem Jesus do que qualquer outra pessoa neste mundo. Foi escolhida e capacitada por Deus para cuidar de Jesus, ensiná-lo, protege-lo, alimentá-lo, cercá-

lo de amor e carinho. Ela foi uma serva exemplar e mãe por excelência. Durante todo o relato bíblico que fala a seu respeito, ela é apresentada em atitudes de fé e coragem e seu caráter deve ser recomendado para as mulheres cristãs de todas as épocas sem ressalvas.

O culto a Maria começou a desenvolver-se de fato no ano de 320 d.C., portanto, apenas sete anos depois da conversão de Constantino. Livre da perseguição e cheia até a tampa de gente de índole duvidosa, que se diziam cristãs por pura conveniência, a Igreja declarava, extraoficialmente, Maria como a Mãe de Deus. Todavia, somente em 7 de julho de 431, no Concílio de Éfeso, convocado pelo imperador Teodósio II, após calorosos debates entre partes discordantes do dogma, ficou oficialmente aceito que Maria era a Mãe de Deus (*Theotokos*). A aprovação do dogma foi apertadíssima.

1- Maria mãe de Deus.

Dentre os defensores da sã doutrina neste concílio destacou-se o patriarca de Constantinopla, Nestório, que lutou fervorosamente contra este absurdo afirmando que “Cristo, o *Logos* e outra pessoa humana, Jesus, estavam reunidos numa harmonia de ação, mas não numa única personalidade, tornando assim, inviável a adoção do termo Maria Mãe de Deus”. Defendendo o dogma em questão ergueu-se Cirilo, bispo de Alexandria. Ao final do debate venceu Cirilo e os “mariólatras,” enquanto que os defensores do verdadeiro Evangelho foram excomungados, declarados hereges e presos. Enciclopédia Histórico-Teológico da Igreja Cristã, São Paulo: Edições Vida Nova, 1992, vol I, pag. 308, (paráfrase do autor). Um conceito simples sobre o assunto é que Maria é mãe do homem Jesus, mas não do Cristo, Deus Filho.

As Escrituras deixam bem claro que Jesus, Deus Filho é anterior a todas as coisas e que todas as coisas foram feitas por ele, inclusive Maria:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste Colossenses 1.15,17.

Quando a Bíblia afirma que todas as coisas foram feitas por ele, isto inclui não somente Maria, mas toda a sua genealogia como criatura. Quando diz que nele tudo subsiste significa dizer que Maria é totalmente dependente dele. Glória a Deus por isto!

No entanto, os católicos, órfãos da Palavra de Deus, engolem qualquer “bolota” que venha de Roma. Isto os torna, ao invés de cristãos convictos, pessoas alienadas e sujeitas a todo tipo de falácia. Deus declara em Oseias 4.6:

Meu povo está sendo destruído porque lhe falta conhecimento.

Nada além de falta de conhecimento poderá ser capaz de destruir o povo de Deus. Sabendo disto, o romanismo retirou a Bíblia de circulação por mil e cem anos.

João, que cuidou de Maria até sua morte afirma:

No princípio (da criação) era o verbo (Jesus Cristo), e o verbo estava com Deus (o Pai) e o verbo era Deus (Filho). Ele (Jesus) estava no princípio com Deus (João 1.1,2 - palavras entre parênteses do autor).

Ora, antes que Maria ou qualquer ser existisse, o Jesus Deus já existia de eternidade em eternidade. Como podemos então conceber que Maria seja Mãe de Deus?! Isto é uma tremenda heresia!

2. Imagens de Maria

Podemos facilmente constatar que o papado já nasceu prenhe do culto oficial à Maria. No ano 450 aproximadamente, os cristãos assistiram com estranheza a introdução da imagem de Maria nas igrejas. Perplexos, questionaram o motivo da inovação. O alto clero então, alegou que o cristianismo precisava fazer frente às procissões romanas, que exibiam orgulhosamente as estatuetas de suas deusas, inferiorizando (pasmem!) o cristianismo. Que dizer então das Escrituras que dizem:

...nada sabem os que conduzem em procissão as suas imagens de escultura, feitas de madeira e rogam a um deus que não pode salvar (Isaias 45.21).

Entretanto, os motivos estavam longe de ser só estes. Outro objetivo, que não o de imitar o culto romano, era atrair a atenção das mulheres, mobilizando-as para as festas dos santos padroeiros. Veja este comentário: *“A mulher é um grande instrumento! É a chave com a qual se entra nas famílias, com elas se consegue grandes séquitos, as festas se tornam pomposas e ajudam a igreja a manejar (manipular) a plebe!* “Palavras de um líder jesuíta registrado em: Borba Grainha, Liceu de Praga, Portugal”. Maria veio a ser adorada em substituição as deusas pagãs Vênus e Diana (At 19.24-34). Nem precisa lembrar que os pagãos deram o maior dez à ideia...se sentiram em casa.

3. Maria não teve outros filhos?

No ano 649 o Concílio de Latrão autenticou mais uma fábula como dogma do catolicismo: a de que Maria não teria tido filhos além de Jesus. Isso contradiz frontalmente as Escrituras que em diversas passagens apontam inclusive os nomes de seus outros filhos. A preocupação do romanismo era blindar Maria o mais anteriormente possível. Fabricar uma Maria, inviolável, intocada, nascida sem pecado, eternamente virgem, imaculada! Ao fim deste concílio ficou estabelecido e muito bem recomendado que a mãe de Jesus, não tivera nenhum outro filho. Como veremos mais adiante, significa que ela nunca manteve relações sexuais com seu marido, José. Teria José carregado este fardo durante o resto de sua vida? Teria ele

fingido ser esposo dela até a morte? Que absurdo! Até onde vai a alienação? A Bíblia diz que José “*não a conheceu enquanto ela não deu a luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus*”. (Mt 1.25). Quando Mateus diz que José não a conheceu enquanto ela não teve o filho, ele está dizendo que José não se chegou a ela para ter relações enquanto ela não teve o filho. Obviamente que depois de ter tido o filho e passado o período de “resguardo”, José e Maria entraram em lua-de-mel e entregaram-se um ao outro como convém a qualquer casal recém-casado. Simples assim, pois é a Bíblia que diz.

Deste relacionamento conjugal, resultou um lar com muitos filhos. Inclusive dois deles, Tiago e Judas, escreveram as cartas que levam seus nomes. Observe o que diz a Bíblia:

Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo. Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura (Marcos 3. 31, 32).

O mesmo episódio é descrito em Mateus 12.46-47 e Lucas 8.9,20.

A Bíblia descreve ainda o ministério de Jesus em sua cidade, Nazaré. Ali ele foi rejeitado justamente por causa de seus irmãos e irmãs.

Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem entre nós suas irmãs? (Marcos 6.3).

Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos... (João 2.12).

Confira também: João 7.1-10, Atos 1.14, Gálatas 1-17.

Por que os católicos não se rendem às Santas Escrituras? Por que se apegam tão facilmente a estas falácias, lendas e superstições?

4. O culto a Maria

Qual a diferença entre adorar e venerar?

Segundo o dicionarista Soares Sobrinho, **adorar é**: 1. *Prestar culto a divindade*; 2. *Venerar*; *ter extremado amor*. Como podemos constatar, adorar e venerar são palavras diferentes para uma mesma ação.

No afã de erguer um altar para Maria, mais um concílio veio aumentar a singularidade dela entre os mortais. Desta feita, o II Concílio de Niceia em 787 (o Sétimo Concílio Geral) autorizou definitivamente a veneração de imagens, especialmente as de Cristo e Maria. Ao culto em honra à “virgem” deu-se o nome hiperdúlia. A história nos mostra a habilidade dos mariólatras ao pedirem à imperatriz Irene (uma mulher) que convocasse e presidisse o concílio. Com esse estratégia conseguiram sutilmente sensibilizar os bispos que aprovaram a heresia sancionada pelo papa Adriano I. Só para termos uma noção de como a Igreja estava mergulhada em corrupção, basta salientar que esta mulher que presidiu o concílio, havia assassinado o próprio filho, o príncipe Leão IV, para usurpar-lhe a coroa.

Alguns poucos bispos protestaram em vão. Ao fim os iconoclastas (contrários ao uso de imagens) foram anatematizados (considerados hereges e malditos) e destituídos de suas funções.

5. Imaculada Conceição

Eis a menina dos olhos do catolicismo. Este dogma e infeliz falácia foi inventado pelo papa Pio IX e sancionado por ele mesmo em 8 de dezembro de 1854. Pelas vias legais ele deveria ter convocado um concílio, mas não o fez. Segundo este dogma a “Mãe de Deus” a “Santíssima Virgem Maria” foi preservada de toda mancha do pecado original no primeiro instante de sua concepção. De sorte que Maria não teve pecado original, nem adquiriu elementos de natureza pecaminosa durante toda a sua vida. Implica dizer que ela jamais pecou. Que faremos com as seguintes passagens bíblicas?

Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador; por que contemplou na humildade da tua serva (Lucas 1.46,47).

Esperem aí... Maria mesmo admite-se pecadora que necessita de um Salvador. Paulo, o apóstolo diz:

Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (Romanos 3.23).

A fábula da Imaculada Conceição garante a Maria “plenitude de graça” desde o primeiro instante de sua vida. Para completar o absurdo declara que ela deu à luz ao menino Jesus mantendo sua virgindade no parto: Jesus teria nascido sem romper qualquer parte do corpo de Maria. Que lástima!

E ela (Maria) deu à luz (pariu) seu filho primogênito (o primeiro filho - Lucas 2,7).

Por fim, declara que ela permaneceu virgem durante toda a vida, o que é fartamente desmentido na Bíblia por referências aos irmãos e irmãs de Jesus (Mc 3.31; 6.3; Jo 2.12; 7.1-10; At 1.14; Gl 1.19), os mariólogos são “ensinados a ensinar” que irmãos e irmãs nestas passagens equivale a “primos e primas” o que também é desmentido pelos tradutores do grego.

6. Assunção de Maria

Fechando o ciclo (ou circo?) das heresias em torno da mãe de Jesus, veio o dogma da assunção instituído em 1º de novembro de 1950 pelo papa Pio XII. Esta doutrina já fazia parte dos ensinamentos católicos romanos desde a Idade Média, (400 a 1400 d.C. aprox..) mas somente foi promulgada em 1º de novembro daquele ano pela constituição apostólica *Munificentissimus Deus* do papa Pio XII.

Para piorar o erro, o papa declarou a doutrina necessária para a salvação declarando: “*A imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, tendo completado*

o descanso de sua vida terrena, foi assumta, corpo e alma, para a glória celestial”.
Que doideira!

É óbvio que não existe a menor base bíblica para tais absurdos. Não há o menor apoio bíblico, nem apostólico ou pós apostólicos que sustente uma única letra desta bobagem.

Chega a ser angustiante ver pessoas sinceras famílias inteiras se deixando levar por uma falácia tão rudimentar. Sabe-se que este dogma tem origem gnóstica. Num documento apócrifo do século VI. Gregório de Tours, na sua obra *De Gloria Martyrum*, no século VI, cita uma “lenda” sobre a assunção de Maria. Veja o que ele escreveu:

“Jesus apareceu à Maria para predizer sua elevação corpórea ao céu”.

Já outra versão da lenda (grega e latina) diz que Maria chamou os apóstolos, os quais foram milagrosamente transportados até ela. Após sua morte, diz a lenda, Jesus transportou seus restos mortais ao céu. Ai, que bonitinho! Tudo isto inventado nos anos 1800.

Diante de tudo que já vimos parece não haver mais o que inventar a respeito de Maria, mas isto é um ledor engano. A mente dos mariólatras é tremendamente fértil e eles desejam ardentemente alargar o altar de seu maior ídolo com novas e mirabolantes invencionices. Não vai demorar para o Vaticano aprovar a doutrina que declara Maria Rainha do Céu, Mãe dos anjos e de toda a humanidade. Por falar em Rainha dos Céus, é bom lermos o que diz Jeremias 7.18:

Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha para fazerem bolos (festejos) à deusa chamada Rainha dos Céus e oferecem libações a outros deuses para me provocarem à ira.

Mas ao invés de recuarem diante da verdade, enraivecem-se e avançam como loucos. Já existe entre eles quem deseje um lugar para ela na Santíssima Trindade! *Abyssus, abyssum invocat!* Quando isto acontecer os católicos rezarão em nome do Pai, da Mãe, do Filho e do Espírito Santo.

7. Ave Maria

Reza escrita em 1317, pelo papa João XXII (1316 – 34) e difundida pelo mundo. *Ave* é uma saudação que indica prontidão em adorar e era usada pelos romanos ao saldar o imperador (*Ave Cesar!*).

Nesta reza há uma mistura entre cristianismo e espiritismo, pois ao dizer, “rogai por nós”; pede-se que um morto interceda pelos vivos. O objetivo prático disto é mais uma vez fraudar o cristianismo em prol do catolicismo, pois ao colocar Maria como mediadora dos pecadores em lugar de Jesus, o único mediador (1 Tm 2.5), fazem dela uma usurpadora. Rezar, diga-se de passagem, é antibíblico, pois é vã repetição, e Jesus disse: *“Ao orar não useis de vãs repetições”* (Mt 6.7).

11

A RELIGIÃO DOS DOGMAS

Dogma é uma palavra grega encontrada no Novo Testamento significando decreto, (At 16.4; Lc 2.1) ordenança, (Ef 2.15; Cl 2.14) ou mandamento, (Hb 11.23). Os teólogos primitivos e os Pais da Igreja usavam o termo como proposições doutrinárias dignas de aceitação na Igreja ou para se referir a conceitos acerca de determinados assuntos. Temos demonstrado ao longo dos capítulos anteriores, que o evento da conversão nominal do imperador Constantino foi o marco inicial para o estabelecimento do Catolicismo Romano, e foi justamente no primeiro concílio (Niceia I) convocado por ele em 325, onde o primeiro dogma foi aprovado como artigo de fé.

A partir da Idade Média é que a Igreja Católica Apostólica Romana veio a considerar-se como “depósito de fé” digna de confiança suprema, com autoridade para estabelecer novos preceitos de fé.

Em sucessivos concílios depois do século IV, os papas foram sancionando muitos dogmas desconhecidos pelos cristãos dos primeiros 500 anos, e estranhos à Bíblia. No entanto, foi no Concílio de Trento (1545) e no Concílio Vaticano I (1869-70) que os pronunciamentos dogmáticos (papais) vieram a ser considerados infalíveis.

Assim, o dogma é visto no catolicismo como uma verdade inquestionável, revelada por Deus à Igreja, por intermédio de um papa. Muitos destes dogmas são baseados em lendas e superstições, outros estão impregnados de credices e sincretismo religioso que rebaixam o cristianismo ao nível pagão. Muitos dogmas foram instituídos com fins lucrativos, enquanto outros conferem poder e posição social ao papa e alto clero.

Nos primeiros séculos, a Igreja manteve as doutrinas originais (Sã Doutrina), lutando contra os concílios papais. Mesmo antes da figura papal se estabelecer, alguns bispos, principalmente os de Roma e Alexandria foram acometidos pela síndrome do autoritarismo e tentaram impor pela força sua supremacia. Contra estes abusos Cipriano, bispo de Cartago, (249 – 258) vociferou: “*Não recebo opinião diferente das Escrituras Sagradas, seja de quem for*”. Jerônimo (340 – 420) disse: “*Se estiver escrito recebemo-lo, se não estiver escrito não receberemos*”.

O protestantismo, tem, historicamente, rejeitado os dogmas preferindo trilhar sob o crivo fiel das Santas Escrituras, estas sim, infalíveis e inerrantes.

A Bíblia é a inspirada e inerrante palavra de Deus. A Bíblia tem origem divina, ela é a voz de Deus. O salmista Davi afirmou: “*Louvarei o teu nome por causa da tua misericórdia e da tua verdade, pois magnificastes acima de tudo o teu nome e a tua palavra*”. Para que os dogmas encontrassem guarida no seio da Igreja, o catolicismo romano, mediante decretos papais, negou a palavra ao povo. Sem conhecimento da palavra o povo virou presa fácil para o catolicismo idólatra.

Para que o povo não pudesse questionar os dogmas e toda sorte de falsos ensinamentos a Igreja Católica Romana proibiu o povo de ter acesso às Sagradas Escrituras. Proibiram a tradução da Bíblia, restringindo-a em grego hebraico, aramaico e latim; este, adotado como língua oficial da Igreja. Para piorar, até as missas passaram a ser celebradas em latim. Tudo com o intuito de deixar o povo desinformado. A Bíblia deixa muito claro que o ofício central da Igreja no sentido horizontal de sua missão é proclamar a Palavra de Deus.

Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura (Marcos 16.15).

No entanto, a igreja romana estava fazendo exatamente o contrário... Não é à toa que a História comum chama os mil anos de domínio do catolicismo de Era das Trevas. Mil anos sem Bíblia, mil anos sem luz:

Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho (Salmo 119.105).

Através deste ardil diabólico o papa alcançou poder e autoridade dentro e fora da Igreja. Passaremos agora a avaliar alguns dos principais dogmas do romanismo, fruto do disparate papal e da cegueira causada pela falta das Escrituras:

1- Culto a imagens

Eu sou o SENHOR, este é o meu nome, a minha glória, pois, não darei a outrem nem a minha honra às imagens de esculturas. (Isaias 42.8).

A religião judaica, berço do cristianismo, sempre repudiou qualquer tipo de imagem de escultura, tanto no templo, quanto nas sinagogas e nos cultos em área livre. Deus havia deixado bem claro sua vontade acerca dos ídolos. Logo no segundo mandamento Deus declara que todos os estímulos visíveis no culto, são tropeços para a verdadeira adoração “em espírito e em verdade”. Isto inclui imagens de Cristo e de anjos (em cima no céu), de santos e mártires, (embaixo na terra).

Não farás para ti deuses de fundição (Êxodo 34.17).

Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição.

Eu sou o SENHOR vosso Deus (Levíticos 19.4).

Não fareis para vós ídolos, nem vos levantareis imagens de escultura nem estátua, nem poreis figura de pedra na vossa terra, para inclinar-vos a ela, porque eu sou o SENHOR, vosso Deus (Levíticos 26.21).

Para que não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem figura de macho ou fêmea (Deuteronômio 4.15).

No entanto, o culto às imagens foi a primeira das corrupções a se insinuar na igreja pós-apostólica. Não se deu por imposição ou foi instituído de um dia pro outro, mas aos poucos, sorrateiramente. Um dos motivos, foi imitar as demais religiões (grega e romana) principalmente, que desfilavam suas estátuas de centenas de deuses e deusas. O mal criou raízes e se estabeleceu na Igreja sendo instituído como dogma em 787 d.C. no Concílio de Niceia II.

A prática encontrou oposição de muitos Pais da Igreja como Agostinho, Tertuliano e Eusébio, que condenavam veementemente o uso delas. Mas, à medida que os cristãos foram desfrutando da liberdade de culto, foram também cuidando de “enfeitar”, adornar, adereçar as imagens. Foi também neste período que começaram a usar velas como adereço da fé. Pois antes eram usadas apenas para iluminar os recintos dos cultos.

É interessante frisar que as vezes até papas se posicionavam contrários ao uso de imagens. Caso do papa Gregório I que incentivou o uso de desenhos e gravuras no ensino religioso, mas condenou o uso de imagens de escultura. Mas, tão logo morreu, a prática voltou com a corda toda.

Fato é, que bem cedo começou a existir dois grupos bem distintos: os que reverenciavam as imagens (iconodúlios), e os que as repudiavam, (iconoclastas).

Cristo ensinou-nos que a verdadeira adoração se faz em espírito:

Deus é Espírito, os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, por que o Pai procura tais que assim o adorem (João 4.23).

Adorar em espírito é usar a mente e o coração em direção a Deus, sem fitar imagens de escultura que anulam a devoção.

Filhinhos, guardai-vos dos ídolos 1 João 5.21

2- Veneração e culto aos santos

A ideia bíblica de santo é que todo aquele que é recebido no corpo de Cristo, a Igreja, é salvo e, portanto, é santo. Ser santo significa ser separado do mundo e consagrado a Deus. Já para o catolicismo, santos são aqueles que atingem nesta vida um grau de santidade e poder espiritual incomum.

A palavra do Novo Testamento para “santo” nos originais gregos é *hagios*, que traduz a palavra hebraica *gãdôs* (santo).

Escutarei o que Deus, o SENHOR, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos (Salmo 85.9).

A ideia aqui é que “santo” é sinônimo de povo de Deus. A ênfase não recai num grau apreciável de caráter e santidade (já que nem todos os israelitas

eram piedosos), mas na escolha divina e na outorga do favor de Deus.

No Novo Testamento, santo é aplicado a todos os crentes. É um sinônimo para o irmão em Cristo. Os cristãos, de modo geral, são chamados de povo santo e sacerdócio real.

A veneração dos santos (mortos) começou como reconhecimento dos mártires primitivos, ao lado de cujas sepulturas, os cristãos começaram a realizar cultos memoriais. Com o passar do tempo a moda pegou e logo, centenas de outros nomes começaram a ser celebrados e em seguida cultuados.

Venerar os santos é, portanto, prática bem antiga, porém antibíblica, pagã e potencialmente blasfema. Quando alguém se ajoelha, ou se prostra assumindo atitude devocional diante de uma imagem, um ícone ou um santo, está tentando estabelecer comunicação com os mortos, e isto é veementemente proibido por Deus em Deuteronômio 18.10-11:

Não se achará entre ti quem (...) consulte os mortos.

3- Transubstanciação dos elementos da Ceia do Senhor e a hóstia.

A Bíblia não deixa dúvida acerca do objetivo, significado e modo de realizar a Ceia do Senhor. Segundo o discurso proferido por Jesus na ocasião, aqueles que creem nele devem comer da sua carne e beber do seu sangue em memória dele:

Fazei isto em memória de mim (1 Coríntios 11.24).

No entanto, a Igreja de Roma, ansiosa pelos mistérios sobrenaturais que enlouqueciam o mundo, e influenciada por tendências supersticiosas, começou a ensinar que durante a celebração da Ceia ocorria um “milagre”: os elementos, ao serem consagrados, transformavam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo. Dá pra acreditar que eles chegaram a tal ponto? Neste tempo houve um reboiço na Igreja, uma inquietação por conta dos debates acerca da “novidade”. Uns eram a favor do “milagre,” outros terminantemente contra. A discussão durou séculos, mas como a igreja romana já estava acostumada com absurdos engoliu mais este.

Aquilo que deveria ser simbólico foi interpretado como literal. Com isto, em 1079 a transubstanciação foi declarada artigo de fé em um Concílio Regional realizado em Roma. Mas só veio a ser usada para definir dogma em 1215 no Concílio de Latrão IV, por decreto unilateral do papa Inocêncio III. Em 1545-63, o Concílio de Trento confirmou a doutrina da transubstanciação acrescentando que a veneração dada aos elementos consagrados é adoração prestada a Deus.

O contexto para a instituição da Ceia do Senhor encontra-se na refeição da páscoa celebrada por Jesus com seus discípulos pouco antes de sua morte (Mt 26.17-30), para lembrar a libertação dos israelitas do jugo Egípcio (Êxodo 13.1-

10). Ao chamar o pão e o vinho de seu corpo e seu sangue, e ao ordenar “faça isto em memória de mim”, Jesus se auto definiu como o verdadeiro cordeiro pascal, por intermédio de qual morte o povo de Deus seria libertado da escravidão do pecado. Com base nisto lemos em I Coríntios e João:

Cristo, nosso cordeiro pascal foi imolado, por isto celebremos a festa... (1 Coríntios 5.7^o.8^a).

No dia seguinte viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! (João 1.29).

O Novo Testamento nos ensina que os cristãos devem participar de Cristo, na Ceia do Senhor (Mt 26.27,27, Mc 14.23).

Com o advento do catolicismo, o culto primitivo foi substituído pela missa romana, a Ceia do Senhor de um memorial passou a ser visto como “um sacrifício a Deus” e o elemento pão foi substituído pela hóstia.

Os reformadores consideravam o dogma como um “erro grave”, contrário às Escrituras, repugnante à razão; contrário ao testemunho dos nossos sentidos de visão, olfato, paladar e tato, destrutivo do significado real de uma ordenança com forte tendência a superstição e a idolatria mais grosseira. Martinho Lutero atacou dizendo que “aquilo” é uma perversão da Ceia do Senhor e que a Igreja estava em tríplice cativeiro com a doutrina e prática a respeito da Ceia – a negação do cálice ao povo, a transubstanciação e a doutrina de que a Ceia é um sacrifício oferecido a Deus. “Mesmo aprovado por papas e concílios, esta doutrina é mera opinião e não deveria se tornar artigo de fé mesmo que um anjo do céu os decretasse diretamente” (Gl 1,8). Calvino afirmou em 1549 que; “interpretar literalmente, *este é o meu corpo*, era simplesmente absurdo”.

A Ceia do Senhor foi celebrada com certa naturalidade até que entre os anos 900 e 1200 sofresse as mais grotescas mudanças: Em 1200 o pão foi substituído pela hóstia. No ano 1414, o papa Gregório II, retirou o vinho da cerimônia e as igrejas passaram a servir aos fiéis somente a hóstia, o que é contrário ao ensino bíblico que diz:

Bebei dele todos: (o vinho - Mateus 26.27).

Na literatura católico-romana encontramos algumas curiosidades que beiram o anedotário popular:

O Missal Romano, pág. 58 prescreve: “*Se um padre se sentir mal durante a celebração da missa e vomitar a hóstia deve engolir (sic) o que pôs para fora*”. O professor Alexandre Halles ensinava que “*se um morcego engolisse uma hóstia teria engolido o próprio Cristo!*” Agostinho de Hipona, que embora em seu tempo ainda não houvesse o dogma da transubstanciação gracejava da ideia que já rondava a Igreja dizendo: “*Não se pode engolir aquele que vivo subiu ao céu*”. Sermões N^o 121 N^o 1. Tratado Sobre João N^o XXV. A La Grande Encyclopédie Française, sobre a eucaristia (Ceia Católica) escreveu: “*Os Teólogos Católicos*

imaginaram os povos mais feiticistas e os cultos mais idólatras! Tomam a farinha cozida e o vinho e dizem: Eis nosso Deus, comei-o". Não é para menos!

4- Purgatório

Certo Dia de Finados, peguei alguns “Evangelhos de João”, em cuja capa lia-se; Há Esperança! e fui ao cemitério botar tocaia aos vivos que visitavam seus mortos. Na entrada do cemitério os romanistas haviam montado uma tenda onde um carro de som muito potente anunciava a existência do purgatório. Antes mesmo de iniciar meu trabalho evangelístico fui abordado por um amigo ativista da Renovação Carismática. Este, de olhos arregalados e sem esconder o espanto, questionou: “O que os crentes fazem aqui no Dia de Finados?! Sem perca de tempo enfiei a mão na sacola e extraindo de lá um livreto respondi: “Pregando para os vivos!” Dirigi-me então para a entrada do cemitério e ali fui distribuindo a literatura aos chegantes. Meia hora depois, um colega que estava comigo veio me alertar. “É trabalho perdido, estão jogando os livretos sobre as sepulturas!” Atravessado por um raio de ira, armei-me de uma sacola vazia e sai pedindo licença e recolhendo o material de sobre as covas, enquanto dizia: “Morto não precisa disso aqui!” Isto não serve mais para eles! Isto é para os vivos! Morto não lê!” Depois de recolher até o último livreto, voltei ao portão e passei a entrega-los somente aos que saiam.

A Igreja Católica fala de um lugar a meio caminho do céu e do inferno, onde as almas que tem o azar de irem para lá, sofrem castigos temporais, que podem durar alguns segundos ou milhares de anos; dependendo do “débito” da alma em questão. Segundo esta heresia, os cristãos que morreram em comunhão com a Igreja, mas não atingiram um grau de santificação que lhes garantissem o traslado direto ao céu, deveriam fazer uma escala no meio do caminho, num lugar chamado purgatório e ali “acertar as contas” com papai do céu. Só depois de quitado o saldo negativo é que recebiam permissão para “completar a viagem”. Eita, Deus; tem misericórdia! Segundo esta bizarra doutrina, doações à Igreja, prestação de serviços, orações etc., podem diminuir a dor e o tempo da pena. Nem precisa dizer que isto não tem nenhuma base bíblica. Aliás, choca-se de frente com as Escrituras que dizem:

E assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez vindo depois disto o juízo (Hebreus 9.27).

Ora, as Escrituras dizem “morrerem” ... e depois o juízo, não o purgatório. Além disto, o mesmo texto, no versículo seguinte arremata:

Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos... (Hebreus 9.28).

“Para sempre”, significa suficiência, dispensando qualquer reforço para a salvação. Crer no purgatório é negar o sacrifício de Cristo na cruz do calvário. Este aviltante ensino se consolidou no Concílio de Trento, (1545-63), que declarou que

aqueles que rejeitassem o dogma do purgatório seriam anátemas, (malditos), e declarados hereges.

Eis algumas razões pelas quais esta doutrina destoa da verdade bíblica:

1- Falta de apoio bíblico

2- O único texto usado pelos romanistas é nulo, pois vem de um livro apócrifo¹ (2 Macabeus 12: 43-45).

“Então, fizeram uma coleta individual, reuniram duas mil moedas de prata e mandaram à Jerusalém, a fim de que fosse oferecido um sacrifício pelo pecado (?!). Ele agiu com grande retidão e nobreza pensando na ressurreição. Se não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria coisa inútil e tola rezar pelos mortos (?!). Mas, considerando que existe uma bela recompensa guardada para aqueles que são fiéis até a morte, então, esse é um pensamento santo e piedoso. Por isso, mandou oferecer um sacrifício pelo pecado dos que tinham morrido, para que fossem libertados do pecado”.

Em muitos assuntos, o catolicismo tem manipulado a opinião geral mediante artimanhas, as mais diversas. Aqui, por exemplo, além de acrescentar 6 livros apócrifos (espúrios), à Bíblia, com o intuito único de dar base às suas falsas doutrinas, ainda acusam os evangélicos de ter 6 livros a menos em suas Bíblias: Piada, né?

3- A doutrina reflete a soberba eclesiástica inaceitável que alega possuir autoridade no céu e no tocante ao destino final das almas. Isto compete tão somente a Deus como juiz.

4- Bate de frente com a doutrina da suficiência em Cristo: *“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”*, (Rm 8.1).

Enfim, o purgatório não passa de um embuste papal.

Para piorar, mudaram também o Credo dos Apóstolos (do século V), acrescentando a frase *“comunhão dos santos”*, que não existia nem no referido credo, nem em nenhum outro. Muitos intérpretes católicos, usam exatamente este credo para justificar a doutrina de oração aos mortos.

Fato é que o purgatório é o nervo exposto do catolicismo. Em compensação é também a galinha dos ovos de ouro. O Dr. Humberto Rodher (ex-padre), confirma dizendo que com este expediente o Vaticano recolhe por dia em todo o mundo 500 milhões de dólares. O comércio espiritual do purgatório começou em 1476, com o papa Sixto IV, e avançou com Leão X em 1518, que dizia: *“Ao som de cada moeda que cai neste cofre, uma alma despreza do purgatório e voa para o paraíso!”* (Tayne, História da Literatura Inglesa – Vol. II pag.35, de O Papa e o Concílio).

A expectativa de se obter perdão após a morte, mediante a celebração de missas póstumas, intercessões e acendimento de velas é a mais danosa das crenças

do catolicismo. Este ensino tem arrastado milhões de almas ao inferno, pois, crendo nesta falácia, as pessoas adiam para depois da morte o arrependimento dos pecados. Lástima!

6 - Celibato

É o estado de quem permanece solteiro com fins de devoção religiosa. O ensino bíblico sobre celibato é disperso e pode ser encontrado em 1 Coríntios 7. Paulo o apresenta como algo “*desejável*”, mas não necessário.

E isto vos digo como concessão e não por mandamento. Quero que todos os homens sejam tais como eu sou, no entanto cada um tem de Deus o seu próprio dom, um na verdade de um modo (celibatário por exemplo), outro de outro (não celibatário por exemplo).

Jesus também falou do mesmo assunto nas mesmas proporções em Mateus 19.12.

No entanto, tanto Paulo quanto Cristo, deixam claro que a decisão é do indivíduo e só será possível mediante dom de Deus. O objetivo do celibato é estar desimpedido para o serviço, não porque o sexo seja um embaraço ao chamado ministerial.

Desde o século IV a Igreja Católica Romana tem imposto o celibato como padrão sobre os clérigos, tendo sido instituído oficialmente em 1123.

Por traz da imposição católica ao celibato de seus clérigos está o interesse escuso de proteger o patrimônio da Igreja. A regra é simples: Se o padre não casar, não terá filhos, nem despesas, nem herdeiros! Vejamos o pensamento católico: “*A consequência foi que, já no século XIII, a Igreja se tornou muito rica, riquíssima... Criou-se uma riqueza muito grande e, conseqüentemente, um enorme poder econômico. E como não havia **problema de herança** em Cluny, por tratar-se de monges celibatários, a acumulação de riqueza que essa Igreja conseguiu é uma coisa espantosa: Um terço das terras na França, um quinto na Alemanha.*” Lesbaupin, Ivo, Paulinas, 1996, São Paulo, Igreja Comunidade e Massa, pag. 23.

Quanto à sua origem filosófica ela é proveniente do dualismo pagão que veio a tomar o lugar da ênfase saudável no casamento e na vida familiar que a Igreja Primitiva herdou do Antigo Testamento. Este dualismo, que contaminou a Igreja, pregava que todas as coisas físicas eram más.

A Igreja impôs o celibato a homens e mulheres e promoveu uma enxurrada de divórcios aos que haviam sido ordenados depois do casamento. Que Tragédia!

Segundo as Escrituras, o casamento é uma bênção e proibi-lo é diabólico!

Ora, o Espírito afirma expressamente que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de

demônios pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a consciência, que proibem o casamento (I Timóteo 4.1,3).

A expectativa normal é de que os líderes da Igreja sejam casados e tenham uma vida em família exemplar (1 Tm 3.1-3, Tt 1.6). Quanto a realizar mudanças a Igreja Católica tem verdadeiro pavor, pois creem estar no caminho certo da vitória: *“Adenauer, que simplesmente venceu uma eleição repetindo insistentemente seu lema: Nicht experimentierem! Não experimente! O passado nos basta. É a imagem que tenho do papa atual (João Paulo II): Não vamos experimentar, pois experimentar é perigoso. O modelo está aí, deu certo durante séculos, foi uma grande experiência. Mulheres ordenadas? **Fim do celibato?**... devemos manter a disciplina, a grande disciplina, a grande tradição”*. As vantagens econômicas da tradição católica são comparadas ao tráfico de negros *“O melhor tráfico negreiro estava nas mãos dos jesuítas”*, (idem pag. 26).

Nota

Apócrifos- Livros espúrios de origem duvidosa que não foram aceitos nem pelos judeus nem pelos cristãos dos primeiros séculos. Eles não fazem parte do cânon original tendo alguns deles sido acrescentados à Bíblia Católica

por conterem heresias que coadunam com alguns dogmas. Por apócrifo entende-se qualquer texto extra canônico.

12

AS SEMENTES DA REFORMA

O paganismo, o papado e os dogmas, agravados por toda sorte de abusos, empurraram o cristianismo para o mais profundo fosso moral, ético e espiritual. Durante um período de aproximadamente mil anos a Igreja Católica Romana, destituída de toda e qualquer virtude, corrompeu as nações pelo poder temporal, adquirido, mediante métodos fraudulentos e tortura psicológica. A história secular batizou este período de Era das Trevas. No entanto, em meio à escuridão, Deus preservou seu remanescente fiel. Alguns líderes se destacaram na defesa das Escrituras. Esses homens e mulheres escolhidas por Deus eram verdadeiros vasos, reservas morais no meio de uma geração perversa e corrompida.

Estes heróis da fé ocupam pouco espaço nos registros históricos ou na tradição da Igreja. Isto porque Roma cuidou de “apagar” sua história, queimando diligentemente seus escritos e pensamentos. Com a mesma avidez com que destruía tais registros, falsificava outros. Assim ela escondeu debaixo dos tapetes do Vaticano a sua verdadeira e vergonhosa história.

Os Valdenses – Nos anos 1170-80, um comerciante francês de nome Pedro Valdo, teve uma profunda experiência com Deus que lhe induziu a vender tudo o que tinha e repartir com os pobres. Diante desta atitude de desprendimento às coisas materiais e da retidão moral e espiritual, muitas pessoas de família, comovidas por tal exemplo, uniram-se a ele formando uma comunidade cristã que buscava viver o mais fielmente possível o evangelho. Na sua maioria eram pessoas pobres e analfabetas que passaram a criar os filhos de acordo com o mais alto grau

de pureza espiritual. Logo, os clérigos locais ligados ao vaticano e subordinados ao papa, declararam o movimento como herético. Em 1181, o Arcebispo de Lyon os classificou como infames inimigos de Roma. Quatro anos depois o papa Lúcio III os excomungou, condenando-os de imediato à destruição. Possuidores de um destemor incomum, os Valdenses, como ficaram sendo chamados, mantiveram firmes seus ideais por um evangelho genuinamente puro. Com a ordem papal iniciou-se uma cruel caçada aos nobres cristãos que fugiram, espalhando-se pela França e países vizinhos. Porém, aqueles que não puderam empreender uma fuga assim, metiam-se nas florestas e montanhas onde eram caçados e brutalmente executados como cães raivosos. Seu único crime era ser contra os abusos da Igreja Católica, com seus dogmas blasfemos. Para aniquilá-los, Roma enviou várias cruzadas, que não poupavam nem mesmo velhos e crianças.

É lamentável que pessoas sinceras vivam toda a sua vida dedicada a uma igreja da qual ignoram a história. Sempre que debato sobre este tema com católicos, oriento-os a ler a história comum dos livros didáticos... ali, bem ao alcance de qualquer um, está a verdade sobre a Igreja Romana; um mar de sangue!

Vejam o exemplo tirado do livro História, Divalte Garcia Figueira, 1ª Ed. 2008, Ed. Ática, São Paulo.

Na página 88 se lê: “*Em muitos momentos da Idade Média, a unidade religiosa conquistada pela Igreja Católica esteve ameaçada pelo aparecimento de dissidentes condenados como hereges*”. Em seguida o autor faz uma pergunta: “*O que eram as heresias e como a Igreja as combatia?*”

Vejam só que pergunta contundente. Agora observe a resposta fornecida na página 86, sob o título, “*Morte aos hereges*”. Ora, o próprio título já nos fornece o destino dos que discordavam (*dissidentes*) do ensino e vileza de Roma; a morte! Mas não nos conformemos com tão pouco, vamos estudar História. O autor passa então a discorrer sobre o assunto: “*aqueles que questionavam as práticas instituídas pelos dogmas da Igreja eram considerados seus adversários*”. Eu não sei você, mas já aprendi algumas boas verdades sobre o catolicismo nesta frase de apenas 14 palavras:

Aprendi que as “*práticas*” eram instituídas, ou seja, impostas à comunidade. Aprendi que a “*Igreja Católica*” as instituída por meio dos *dogmas* e não pelos evangelhos ou Escrituras. Descobri que quem ousasse *questionar* era imediatamente “*considerado adversário*”. E finalmente, que tais adversários eram condenados *à morte*.

Mas continuemos lendo Vivalti: “*Em outras palavras os que interpretavam os ensinamentos cristãos (diga-se católicos), de maneira diferente daqueles que a Igreja pregava passaram a ser chamados de hereges. Com o intuito de manter-se soberana nos assuntos espirituais, a Igreja desencadeou uma guerra sem tréguas contra os hereges. Como forma de reprimi-los criou a excomunhão e o Tribunal do*

Santo Ofício, mais conhecido como Inquisição. A primeira era o ato pelo qual impedia (veja isto) que o cristão recebesse os benefícios da salvação”

Que loucura é esta? A Igreja que foi enviada a levar as Boas Novas ao mundo, agora **impede** que as pessoas que já creram, (cristãos) recebam os benefícios da salvação. Que benefícios são estes? Tem o papa poder sobre eles? Pode o papa anular a salvação de alguém? Excomungar é isto! Bem, continuemos: *“Oficializada pelo papa em 1231, a Inquisição julgava hereges e dissidentes, (leiam-se discordantes). Aos que se recusavam a se retratar (leia-se, concordar), punia de maneira implacável, condenando-os a morte na fogueira”*. Ou seja, eram queimados vivos!

Os Albigenses- Embora fossem extremistas e sectários estes, cristãos contribuíram muito para a formação do pensamento reformista. Tendo surgido nos mesmos anos que os valdenses, (1171-80), eram contrários ao dogma do purgatório e da adoração de imagens e santos, além de desprezarem as tradições católicas.

A ênfase do ensino albigense era a pureza do corpo, rejeição às riquezas materiais, devoção ao evangelho, condenação à violência e oposição a hierarquia romana centrada no papa e não em Deus. A Igreja Romana ficou horrorizada com os albigenses e através da Inquisição e das cruzadas instauradas pelo papa Inocêncio III, esmagou o movimento.

John Wyckliffe- (1324-1384) Teólogo inglês, conhecido como “A Estrela Matutina da Reforma”, formou-se na Universidade de Oxford, tendo obtido o doutorado em 1372. Tão logo teve acesso à Bíblia, percebeu os falsos ensinamentos do catolicismo e começou a escrever diversos sermões combatendo e refutando à luz das Escrituras os dogmas. Dizia que o alto clero (cardeais e o papa) deveria renunciar à pompa e aos cargos que ocupavam, pois estes, devido à vida “pecaminosa” que levavam não tinham o direito de usufruí-los. Ora, isto mexeu no “nervo exposto” da Igreja e do papado que deu início a uma perseguição contra ele.

Decidido a silenciar o profeta de Deus, o papa expediu diversas bulas¹ considerando Wyckliffe como herege e proibindo a leitura de suas obras. Todavia, estas bulas papais surtiram efeito contrário ao desejado e Wyckliffe, ao invés de calar, centralizou seus ataques nos dogmas centrais do catolicismo.

Criticava abertamente as instituições, as cerimônias e os ensinamentos que não tinham base bíblica. Entre suas críticas estavam a transubstanciação dos elementos da Ceia, o poder sacramental do sacerdote e a eficácia da missa. Este ilustre precursor da Reforma tinha a Bíblia como único padrão de fé. Dentre suas muitas contribuições ao cristianismo está a tradução da Vulgata (Bíblia em latim, língua morta da Igreja Católica), para o inglês, a língua do povo.

Durante a perseguição, Wyckliffe escapou ileso da ira do papa, porém morreu prematuramente, aos 60 anos de causas naturais. O livro dos Mártires, de John Fox, pág. 157, 7ª Edição 2004, CPAD, Rio de Janeiro, declara: *“Wyckliffe denunciou o papa por causa de suas incoerências e usurpações, sua pretensa*

infallibilidade, soberba, avareza e tirania. Ele foi o primeiro a chamar o pontífice de Anticristo”.

O ódio de Roma a Wyckliffe era tão medonho que mesmo após sua morte o papa Martinho V mandou desenterrar o seu corpo, queimá-lo e atirá-lo num rio. Ele morreu, mas seus ensinamentos alumiarão as mentes de seu tempo e sacudiram os alicerces de Roma.

John Huss e os Iolardos (1372-1415) – após a morte de Wyckliffe, o ódio de Roma se estendeu contra os seus seguidores. Todos foram assassinados pelo Catolicismo Romano vigente. Destes, o mais célebre foi John Huss, queimado vivo por causa da sua fé em junho de 1415.

A tradição confiável da Igreja relata que, enquanto seus algozes ateavam fogo ele profetizou em alta voz que eles estavam silenciando a voz de um ganso (Huss significa ganso), mas após 100 anos Deus levantaria um cisne ao qual não calariam... Cem anos depois Deus levantou Martinho Lutero, a principal figura da Reforma, (o Pai da Reforma Protestante).

Sobre a morte de Huss James L. Garlow, escreveu:

“Qual foi seu crime? A resposta é simples: acreditar que a Bíblia é a palavra de Deus. Acreditar que as pessoas não podiam comprar o perdão de Deus. Seu crime era dizer que na cerimônia da Ceia do Senhor devia-se servir tanto o pão quanto o vinho”.

A Igreja Católica Romana, em novembro de 1415 convocou um Concílio Geral alegando a necessidade de tratar sobre um Cisma Papal (3 papas disputando o poder). Ao mesmo tempo convocava Huss para explicar-se. Parecia ser um simples convite, mas era uma armadilha. Huss decidiu comparecer munido de um salvo-conduto expedido pelo imperador da Alemanha. John Huss foi recepcionado em Constança, Alemanha sob aclamação pública. Porém, tão logo chegou, foi preso e trancafiado em um quarto. O desrespeito a uma lei comum foi questionado por autoridades e amigos de Huss. A isto declarou o papa não dever nenhuma satisfação às leis comuns e por isto não devia nenhuma atenção ao salvo-conduto dado pelo imperador.

Com a prisão de Huss o assunto principal do Concílio foi colocado de escanteio, e o julgamento do herói como herege tornou-se o tema geral da reunião. Quando o trouxeram diante da corte apresentaram-lhes os artigos de que o acusavam: eram uns quarenta, a maioria baseados em seus escritos, outros em acusações anônimas e boatos. Eis um breve relato de seu julgamento:

Perguntaram-lhe se ele sabia que havia sido excomungado e porque continuava a disseminar, mesmo assim os ensinamentos heréticos. A isto ele respondeu:

“Apelei ao papa (que o havia excomungado), e tendo este morrido, apelei ao seu sucessor, João XIII, e por não conseguir que meus advogados estivessem em sua presença para me defender, apelei ao Sumo Juiz, Cristo”.

Perguntaram-lhe então:

“E o papa te absolveu?”

Respondeu: *“Não!”* Em seguida perguntaram-lhe se ele achava legítimo apelar para Cristo, ao que respondeu:

“E quem é maior juiz do que Cristo? Quem, pergunto eu, é capaz de conhecer e julgar a questão com maior justiça e equidade? Pois nele há justiça e...”

Nem, mesmo o alto grau de espiritualidade de sua defesa foi capaz de comover a corja de lobos sanguinários que o cercavam. Estes, enquanto ele falava, o escarneciam e ridicularizavam, eram eles: cardeais, bispos, vigários, padres, etc. Há, inferno pra ter cão!

Em seguida os bispos o despiram de suas vestes sacerdotais, e para ultrajá-lo publicamente colocaram sobre sua cabeça uma mitra (espécie de coroa usada por cardeais) com figuras de demônios onde escreveram: *“coroa de herege”*

Huss suportou com extrema passividade o vitupério dizendo: *“Meu Senhor Jesus suportou uma coroa muito pior por mim, porque recusaria eu carregar esta tão leve por ele?”*

Então o bispo que colocara a mitra disse: *“Agora recomendamos sua alma ao Diabo!”*

Ao que ele respondeu: *“Eu, porém a recomendo a ti oh Senhor Jesus Cristo”*.

Jerônimo Savonarola (1452-1498) Outro pré-reformador conhecido e amigo de Huss, foi um monge católico romano que pela leitura sincera das Escrituras convenceu-se dos desvios do catolicismo.

Preocupado com a degradação moral da época, ele começou a fazer uma reforma moral na cidade de Florença. Entretanto seus ensinamentos batiam de frente contra os interesses do papado e logo ele foi excomungado, preso e executado por enforcamento, e seu corpo reduzido a cinzas por ordens da Igreja romana.

A horrenda perseguição dos papas contra os fiéis servos de Deus levou centenas de outros homens, mulheres e crianças à fogueira e outros instrumentos de execução. Mas nada foi capaz de detê-los ou fazê-los recuar do seu propósito de honrar a Deus até a morte. Somos gratos a Deus por esta vitória!

Nota

Bulas Papais- Documento solene expedido pela Igreja Católica em nome de um papa.

A REFORMA

Um dos maiores acontecimentos da História da Igreja Cristã foi, sem sombra de dúvida, a Reforma Protestante. Tratou-se de um mover do Espírito Santo de Deus, que indignado com o caos instalado, rompeu os grilhões da idolatria e perversidade através de homens, devidamente chamados, para essa grande obra.

Este marco do cristianismo não pode ser entendido como algo que surgiu da indignação de um homem só (no caso, Lutero), mas, que este e outros personagens foram influenciados pela atitude de homens que vieram antes deles, tais como: Pedro Valdo, e seus seguidores, os valdenses, na França; João Wycklyffe e seus seguidores, os iolardos, na Inglaterra; João Huss e seus seguidores, os hussitas, na Boêmia; além de Jerônimo Savonarola, na Itália, este, conhecido como o “precursor da Reforma”.

Deste mover do Espírito é que surgiram as igrejas protestantes como a Assembleia de Deus, Batista, Luterana, Metodista etc.

Segundo a Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, Editora Vida Nova, 1ª Edição, 1990, São Paulo, pág. 249, *“não se tratava tanto de um caminho marcado pelo cometa isolado Lutero, levando na sua calda outros luzeiros menores, mas sim, do aparecimento de uma constelação inteira com variadas cores e brilhos ao longo de duas décadas, sendo Lutero, sem dúvida o mais brilhante deles”*.

Sabendo que Lutero ocupa lugar de destaque na Reforma, passamos a expor o contexto deste evento e os princípios que o nortearam.

A Igreja Católica Romana havia chegado ao fundo do poço. Do alto clero até a paróquia mais remota, pouco caso se fazia do celibato. Era comum circular em meio à nobreza, filhos de bispos e até de papas. Estes “filhos bastardos”, não raro, requeriam publicamente o status de serem herdeiros de quem eram. Se a situação era medonha no alto escalão, o que dizer dos padres paroquianos? Estes, viviam publicamente com suas concubinas (amantes), muitas vezes, as mais devassas da sociedade. Como o casamento não era permitido, era relativamente fácil encontrar padres que tinham várias amantes com as quais tinham filhos.

Quanto ao preparo intelectual, eram quase sempre ignorantes, incapazes de dar o menor esclarecimento acerca das Escrituras, sabendo mal “rezar a missa”. Como as entradas no gazofilácio paroquiano eram regularmente recolhidas pelo alto clero, estes padres viviam na mais completa miséria.

Enquanto a carniça espiritual e moral fazia monta na Igreja, esta, por outro lado, instituíra o rigor da Inquisição, a fim de perseguir, torturar e queimar vivo todo cristão que raciocinasse, que se atrevesse a questionar os abusos, (se pudermos chamar assim), da Igreja Católica Romana.

Sabe-se que a Inquisição não tinha jurisdição sobre os judeus, nem sobre os mulçumanos, mas somente sobre convertidos cristãos, ou seja: Era uma máquina de matar cristão protestante!

Os crentes eram arrastados a este tribunal da morte sem direito de saber quem estava lhes acusando. Muitos foram queimados sem ao menos saber de que eram acusados. Entretanto, por trás da Inquisição havia um interesse econômico, visto que os condenados tinham seus bens e propriedades confiscadas pelo alto clero da Igreja Católica. Por este artifício, ela enriqueceu, tornando-se a maior latifundiária do mundo. Para completar a pilantragem, ainda se aplicava pesadas multas aos que, com medo da morte, negavam a Cristo ante o crepitar da fogueira, vindo a escapar dela com vida. A sem-vergonhice chegou a tal ponto que o papa excomungava (coletivamente) hoje uma comunidade e amanhã enviava um reconciliador para recolher as “taxas de reconciliação” (individualmente). Se você não entendeu vou explicar melhor: O papa declarava uma cidade inteira excomungada e depois enviava um conciliador para recolher taxas e multas individualmente.

Por tudo isto, podemos afirmar que a *maldita* Inquisição não passou de um jogo ambicioso, que se prestou aos mais cruéis pecados em nome da cobiça. Queima Deus!

Bem, foi neste cenário que nasceu o Movimento da Reforma Protestante. Passamos agora a especificar algumas áreas atacadas pelos reformadores:

1-Os Abusos Papais: Por toda parte predominava abusos teológicos e práticas imorais em conexão com a penitência, as reparações e a tesouraria do mérito¹. Estas práticas davam suporte para as indulgências, contra as quais Lutero tanto lutou.

2-Os Falsos Fundamentos da Autoridade Papal: Lorenzo Valla descobriu que os documentos apresentados pela Igreja Católica para reclamar a primazia papal eram, na verdade, falsificações. Os reformadores começaram a questionar à luz da Bíblia e da História, a primazia papal. Por meio de sermões e estudos bíblicos, começou-se a declarar que na Igreja não havia lugar para uma figura da envergadura de um papa, pois Pedro jamais sonhou com tal título, e todos os documentos que a Igreja alegava ter para comprovar a sucessão apostólica, como as Doações de Constantino; eram falsos. A princípio, os reformadores até demonstraram simpatizar (tolerar) com um papado devidamente reformado que contribuísse para a edificação da Igreja, mas o papa resistiu severamente a tal expediente, de forma que os reformadores passaram a chama-lo de “O Anticristo”.

3-O Cativoeiro Eclesiástico da Palavra de Deus. O mundo jazia em trevas porque o papa, juntamente com o alto clero restringiu a Bíblia ao latim (uma língua morta, falada apenas pelo alto clero), privando assim o povo de conhecer as bem-aventuranças da Salvação em Cristo Jesus. Queriam os reformadores “devolver” as Escrituras, traduzindo-a para o vernáculo popular.

4-O Sacerdócio Pervertido e a Mediação Usurpada.

A mediação de Maria e a intercessão aos santos foram igualmente negados pelos reformadores. Segundo as Escrituras, somente Jesus é intercessor do homem diante de Deus: “Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Timóteo 2.5). Ele foi designado pelo Pai para “carregar sobre si” os nossos pecados e ministrar à nossa fragilidade. Com esta providência, os fiéis foram libertos do poder do sacerdócio.

A Igreja negligenciou seu papel primordial de agência proclamadora das boas novas do Evangelho. Esta mensagem, confiada à Igreja consiste em: Jesus salva, Jesus cura, Jesus batiza com o Espírito Santo e breve voltará!

Refutou-se ainda a transubstanciação e o caráter sacrificial da missa. Em conformidade com a Bíblia, todos os crentes eram declarados um sacerdote real, (1Pe 2.9), e podia pregar livremente, alcançando outras vidas com a Palavra de Deus. Tanto quanto possível os reformadores requeriam para si autoridade para reestabelecer os aspectos originais da Igreja. Tal serviço expunha-os a oposição papal. No entanto, tais santos, tinham convicção de que seu chamado advinha de próprio Cristo.

Martinho Lutero (Martin Lutter), 1483-1546, nasceu em Einsber na Alemanha. Muito jovem ainda deixou os estudos de direito a contragosto do pai que o queria advogado e tornou-se monge da ordem agostiniana no Mosteiro Agostiniano de Enfurt. Formou-se em Filosofia e foi ordenado em 1507, vindo em seguida a ensinar Filosofia Moral na Universidade de Wittenberg, na Alemanha. Em 1513, tornou-se doutor em Teologia.

Embora fosse um sacerdote bem-sucedido e professor renomado da melhor faculdade Alemã, uma angústia terrível consumia-o, dia após dia. Lutero não conseguia conciliar os dogmas católicos vigentes com o que lia nas Escrituras.

A Igreja Romana ensinava que a salvação era obtida por mérito, que o perdão era conquistado mediante o pagamento de penitência ou através de donativos para a Igreja. Ensinava que se um cristão alcançasse méritos acima do que necessitava, os excedentes alcançariam os entes mortos que este indicasse salvando-o, mesmo após a morte.

Lutero fora criado por pais devotos do catolicismo, que desde cedo o ensinaram a ter extremo zelo pela pessoa de Cristo. Ele tinha em alta consideração todos os monges, padres e bispos e a venerar todo e qualquer pedaço de osso ou de madeira que viesse de Roma.

No entanto, o Deus que ele conheceu em Roma era extremamente vingativo e exigente, que cobrava em níveis inalcançáveis a obediência e santidade de seus filhos. Cresceu distante da verdade, longe do Deus de misericórdia e graça. Já em suas memórias Lutero escreveu: *“Estremecia e tornava-me pálido, sempre que ouvia alguém mencionar o nome Cristo ou Deus, porque fui ensinado a considerá-lo como um juiz encolerizado. Fui ensinado que deveríamos, nós mesmos, fazer propiciação por nossos pecados...que deveríamos recorrer aos santos e a clamar a Maria, para “desviar” de nós a ira de Cristo.”*

O sentimento de culpa que se instalou no coração deste tão bem-intencionado jovem, o empurrou a intermináveis seções de confissão onde despejava seus mais íntimos segredos e recebia inumeráveis atos penitenciais a cumprir.

Certo dia, Lutero fazia pesquisa em uma biblioteca quando se deparou com uma Bíblia (completa), pois até então só conhecia comentários de certos livros da Bíblia. Com máximo interesse começou a folheá-la. O impacto daquele encontro foi tão grande que ele ficou semanas mergulhado na leitura. A paixão pelas Escrituras lhe rendeu um presente raro: Certo dia, o vigário geral que visitava o mosteiro lhe deu uma Bíblia.

De posse daquele tesouro, Lutero iniciou sua viagem de ressurreição de entre os mortos (Efésios 5.14) através do texto de Romanos 1.17 que diz: “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé”.

Aos 25 anos, já cheio de ressalvas acerca do que aprendera no catolicismo, e tendo terminado uma longa pesquisa nas Escrituras acerca da salvação, do perdão de Deus e do amor, começou a preparar uma viagem à Roma, com o intuito de verificar se a capital da fé católica estava contaminada com o legalismo dogmático e com as imundícias do baixo clero. Sua decepção foi total. Não só descobriu que os ensinamentos e desmandos tinham averbação papal, como percebeu que Roma era ainda mais corrupta. Tal constatação teve efeito esclarecedor para o jovem monge que viera a Roma com a promessa de subir as escadarias de joelhos, e de rezar o terço a cada degrau. Com tal penitência buscava livrar-se de um sentimento de culpa que o atormentava dia e noite. Mas a cada degrau que subia, sua mente bradava: “O justo viverá por fé, não por obras, para que ninguém se glorie”.

Indignado, o jovem se levantou, cumprindo em si mesmo a palavra que diz: “Levanta-te de entre os mortos e Cristo te esclarecerá”. Ao redor, centenas de miseráveis se arrastavam pelo chão, acorrentados à lepra da religiosidade e da idolatria. Doentes, aleijados, a imagem de Deus humilhada ao extremo. Muitos carregavam enormes cruces, exaustos, cambaleantes, resfolegando... Como zumbis.

De volta ao mosteiro, Lutero trazia na bagagem o alívio do perdão; perdão jamais experimentado: Perdão pela graça e misericórdia e não por meio de

indulgências ou penitências. Disposto a passar a limpo os ensinamentos católicos, Lutero mergulhou profundamente na palavra de Deus, principalmente as cartas aos Romanos, Efésios e Gálatas. Sobre isto disse ele: “Desejando ardentemente entender as citações do apóstolo Paulo, li Romanos e logo no primeiro capítulo vi que a justiça de Deus se revela no Evangelho”. “Antes eu odiava a expressão justiça de Deus, pois segundo o que aprendi sobre Deus, (no catolicismo), ela me condenava e acusava-me de ser um rebelde que não conseguia livrar-me do pecado acendendo com isto a ira de um Deus vingativo”. Mas agora eu lia que a justiça de Deus é recebida por fé, como dádiva imerecida. Senti-me como um recém-nascido e no paraíso. Assim, a partir deste minúsculo texto: “O justo viverá por fé”, a Reforma Protestante teve início na Alemanha, vindo a se espalhar por todo o mundo. Com o homem Martinho Lutero aconteceu o que diz a palavra de Deus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

No dia 31 de outubro de 1517, Lutero afixou suas 95 Teses combatendo as heresias Católico-Romanas, (seria de grande importância que o leitor se inteirasse do conteúdo destas teses, as quais não transcrevo por fugir do escopo da obra). Por causa disto Martinho Lutero sofreu grandes perseguições da Igreja Romana e do papado. O papa o chamava de “padreco excomungado”. Ora, por “padreco” entendemos que o tinham por desprezível, sem importância. No entanto este homem sacudiu o mundo como está escrito:

Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são para reduzir a nada as que são (1 Coríntios 1.28).

Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes (1 Coríntios 1.27).

A Reforma baseou-se em seis princípios:

- 1- Só a graça
- 2- Só a fé
- 3- Só as Escrituras
- 4- Somente Cristo
- 5- Somente a Deus a glória
- 6- Igreja sempre se reformando

Só a fé – A Igreja Católica ensina que precisamos de boas obras para sermos salvos. Porém, a Bíblia declara que não podemos ser salvos pelas boas obras, mas sim que somos salvos para praticá-las:

Pois somos feitura dele, criado em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.10).

Somos salvos pela fé e aceitação do sacrifício de Cristo em nosso favor:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus, não por obras, para que ninguém se glorie (Efésios 2.8,9).

Só a graça – A Palavra de Deus afirma que a salvação é pela graça por meio da fé; e enfatiza: “Não por obras, para que ninguém se glorie”. Graça é favor imerecido... somos salvos pela graça.

Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tito 3.5).

Só Cristo – O catolicismo criou um rol de auxiliares para o ministério mediador de Cristo, são estes os mártires, os santos e... Maria(s). Maria está subdividida em centenas de Marias, bem ao gosto do freguês. No entanto a Bíblia afirma:

Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem (I Timóteo 2.5).

Somente a Deus a glória – O catolicismo, ao venerar os santos, inclusive fabricando imagens e novos ídolos através da canonização de santos, pratica algo condenado por Deus. Está criando “concorrentes” da glória dele, pois só Ele deve ser adorado, venerado, glorificado e exaltado.

Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isso, porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem (Isaias 48.11).

Bem, se estar de joelhos, olhos fechados, mãos recolhidas em atitude de oração diante de uma imagem ricamente adornada, cercada de honrarias, com uma coroa sobre a cabeça não for dar “glória a outrem” então não sei o que vem a ser isto.

Não terás outros deuses diante de mim.

Não farás para ti imagens de esculturas, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás nem lhe darás culto. (Êxodo 20.3,4, 5^b).

Só as Escrituras — A Palavra de Deus é a única e infalível regra de fé e prática do cristão. Na Igreja Católica Romana, a tradição tem o mesmo peso que a Bíblia. Aliás, há bem pouco tempo (até ao papa João Paulo II) o próprio juízo papal tinha validade superior às Escrituras, mediante o dogma da “infallibilidade papal”. Para os cristãos evangélicos a Bíblia está acima da tradição, posto que ela é a Palavra de Deus revelada ao homem, conforme 2 Timoteo 3.14-17.

Igreja Reformada, Sempre se Reformando – A ideia que os reformadores tinham aqui, não residia na necessidade de reformar as Escrituras,

nem suas doutrinas, mas reformar a Igreja e suas práticas mundanas. Disse Lutero: “Estou preso à minha consciência e à Palavra de Deus”.

E por falar em Igreja sempre se reformando... vai doer pra ler, mas dói mais ainda escrever: Estamos precisando de um levante (Romanos 13.11) que nos reconduza ao genuíno evangelho da graça e do amor de Cristo. As igrejas ditas evangélicas, raras as exceções, estão deturpando o valor do sangue de Cristo. Chega de adoração horizontal, voltada para o homem. Chega de evangelho da prosperidade e do triunfalismo barato. Chega de determinismo chulo e vil. Chega de tolerância com pecados pastorais. Chega de negociar as ovelhas a preço de ananás azedo. A Igreja precisa acordar do sono fatal e experimentar um avivamento que se dê pelo amor e pela palavra.

Nota

Tesouraria do Mérito- Ensino Católico Romano que diz que as pessoas mais santas e mais generosas com a obra de Deus acumulam créditos excedentes no céu onde tais méritos são armazenados numa espécie de tesouraria celestial.

O GRANDE AVIVAMENTO

O Movimento da Reforma correu o mundo como um rastilho de pólvora trazendo alento e vigor à vida espiritual de cristãos de todas as idades e camadas sociais. A Igreja Protestante nasceu e cresceu vertiginosamente neste período chamado A Era da Reforma.

No entanto, após duzentos anos, o Movimento Protestante experimentava um esfriamento. A formalidade espiritual tomou conta dos cultos, fazendo com que o povo não mais frequentasse as igrejas. Historiadores dão relatos deprimentes desta época em que as instituições como família e casamento perderam o valor e a degradação moral avançava a passos largos.

Foi em meio a este caos moral, político e espiritual que Deus levantou alguns jovens cheios do Espírito e comprometidos com a sua Palavra. Neste capítulo, estaremos falando de avivamento. No entanto, apresso-me em dizer, que não há avivamento genuíno sem um retorno à Palavra. O pastor e escritor Elienai Cabral frisou: “Nenhum avivamento é possível sem um retorno incondicional à Palavra de Deus”.

No Antigo Testamento nós podemos ver Israel sendo impactado por diversos avivamentos que os constrangeram a voltar-se para Deus como o ocorrido no reinado de Josias, 2 Cr 34. No Novo Testamento, o derramamento do Espírito registrado nos primeiros capítulos do livro de Atos dos Apóstolos é prova evidente de que Deus está sempre disposto a despertar o seu povo para a obra (2 Cr 7.14). Dentre muitos outros nomes importantes podemos citar os irmãos Carlos e João Wesley, o pregador George Whitefield e o jornalista Robert Raikes, todos da Inglaterra, no sec. 18. E o que é Avivamento? É a ressurreição do que antes estava morto. Avivamento espiritual é reviver os princípios bíblicos, um avivamento das doutrinas bíblicas e de sua aplicação em nossas vidas.

A Bíblia prescreve aos crentes buscar a face de Deus enquanto se pode achar. Que devemos encher-nos do Espírito. Que devemos andar no Espírito. Ser cheio do Espírito de Deus é benção adquirida através da busca incessante pela verdade bíblica, através da leitura reverente da Palavra de Deus, de um relacionamento contínuo com Deus mediante oração, jejuns, meditação e outros mais aspectos da fé cristã. Agindo assim o cristão liberta-se dos falsos ensinamentos, da rotina cruel que esmorece a fé, e alegra o Espírito de Deus que habita nele. Quando as coisas não vão bem aqui embaixo Deus levanta homens, mulheres e até crianças, cheias do seu Espírito para renovar as forças e avivar a sua obra.

O avivamento do século 18 começou na Inglaterra através de um retorno à Palavra. Cultos ao ar livre começaram a ser realizados em várias regiões da

Inglaterra por jovens chamados por Deus. Com isto as conversões voltaram a acontecer e com elas o fervor espiritual. Deus manifestou sua graça de um modo extraordinário. Uma das marcas deste evento é o que chamaremos de “pregação ungida”. Que levava milhares de pessoas aos locais de culto. Sabe-se que num único culto George Whitesfield levou 3 mil almas a Cristo. Aleluia!

Hoje as pessoas falam muito em avivamento, buscam desesperadamente o que não vão receber porque já lhes foi dado: A Palavra!

È notório que João Wesley foi impactado pelo poder da Palavra, quando começou a dar seu devido valor a esta. Tenho visto igrejas que dão quase todo o tempo do culto aos louvores e “vitórias a contar”, deixando apenas 15 minutos para a pregação da Palavra. Que me perdoem os ofendidos, mas eu observo muito a postura dos músicos da Igreja, que após o culto, e antes dele, são pessoas totalmente alheias aos outros aspectos da obra de Deus. Não oram, não participam do evangelismo, nem Bíblias conseguem carregar. Lógico, estou falando da maioria, não de todos. Existem músicos verdadeiros vasos nas mãos de Deus. Em toda regra, há exceções. E lamentavelmente está é uma regra. Valorizando a Palavra receberemos o tão almejado avivamento (Sl 119.107^b).

Foi durante o Avivamento Wesleyano que nasceu a preciosa Escola Dominical por iniciativa do jornalista evangélico Robert Raikes em 1780 na região Centro-Oeste da Inglaterra. A indústria têxtil era a principal empregadora da época, e as crianças eram exploradas nos mais duros serviços durante toda a semana. Aos domingos perambulavam pelas ruas, esmolando e cometendo pequenos delitos. Foi então, que este crente, ousadamente fundou com recursos próprios, (inclusive salário de professores) a Escola Dominical - Isto na Inglaterra, sem escolas públicas. Estudar era coisa de rico. É fato que inúmeras crianças, antes sem nenhuma expectativa alcançaram lugar de eminência na Inglaterra e EUA, através da E.B.D. Estas crianças foram resgatadas do caminho do crime para uma vida abundante em Cristo Jesus.

Mas a influência deste avivamento não se restringiu ao campo espiritual, pois muitas leis foram aprovadas e outras reformadas ou anuladas mediante o ativismo político de Wesley e John Newton.

O fortalecimento do casamento, o trabalho infantil e a escravidão foram temas emergentes do Avivamento Wesleyano. Após grandes e perigosos debates a escravidão foi abolida no Império Britânico forçando a discussão sobre o assunto em todo o mundo. Diz-se com muita propriedade que o avivamento salvou a família inglesa e ratificou os lares.

Sobre isso escreveu James I. Garlow: “Qualquer pessoa que observe a Inglaterra do século 18 e veja o trabalho de John Wesley, este santo de Deus incansável e apaixonado concordará (...) que o único plano de Deus para a salvação

da civilização é a Igreja – o povo de Deus – o sal jogado na natureza da vida diária”.

Será que estas palavras não provocam em nós, filhos de Deus, o desejo de participarmos, tanto quanto pudermos da vida da sociedade na qual estamos inseridos, com o genuíno desejo de mostrar ao mundo caído que ainda há esperança. Viva a Palavra de Deus, aí onde você está e deixe o sal fazer o serviço.

Quando o Império Britânico se rendeu aos argumentos cristãos e pôs fim à escravidão em seu território, declarou guerra a esta prática declarando que seria a guardiã dos mares em defesa da liberdade, forçando o resto do mundo a ceder também, pois era a palavra da maior potência comercial da época.

“Faça todo o bem que puder de todas as formas, a todas as pessoas, enquanto for possível”. John Wesley.

Enquanto a Inglaterra fervia no calor do Espírito os Estados Unidos eram sacudidos pelo primeiro grande despertar espiritual.

Dentre outros nomes destacamos Janathan Edwards, homem de grande habilidade intelectual, usou isto, *com todo o teu entendimento*, em favor do evangelho. Ele amava a Deus *de toda a sua alma e com todas as suas forças*. Líder da Igreja Northampton em 1733, que levou sua igreja a experimentar um grande despertar da graça de Deus, este jovem pastor, que recebeu sua igreja das mãos do avô em 1729 começou a pregar não para a igreja, (mau de hoje) mas para o mundo. Seu sermão tinha o título: Pecadores nas mãos de um Deus irado. Precisa dizer mais?

A unção era tanta que as pessoas clamavam por salvação antes do fim da pregação, agarravam-se aos bancos para não serem engolidos pelo abismo infernal bem abaixo de seus pés.

Edwards era avançado nas letras, dele se dizia: “Em todo o mundo, onde se falava o inglês, era considerado o maior erudito desde os dias do apóstolo Paulo ou de Agostinho”. Isto serve para provar por “a” mais “b” que erudição não é algo que devemos desprezar, mas valorizar no seio da igreja. É triste ouvir frases como “a letra mata” para endossar a falta de conhecimento intelectual. A letra que mata não é o conhecimento em qualquer que seja a área, mas o “legalismo”. Aliás, diga-se de passagem, efetivamente a falta de letra é que mata, já dizia Deus em Oséias 4.6:

Meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento.

O segundo grande avivamento se deu através do instrumento Charles Finney, o maior expoente deste grande evento espiritual, ocorrido no século XIX nos Estados Unidos da América.

Durante 15 anos, entre 1851 e 1866, Finney foi diretor do Colégio de Oberlin, onde era professor de Teologia de mais de 20 mil estudantes. Sua ênfase foi sempre a santificação e os dons espirituais. Finney alcançou tamanha

intimidade com Deus que antes mesmo de abrir a boca, pessoas que nunca o tinham visto começavam a chorar e clamar por salvação.

Dessa torrente espiritual surgiram ainda o pregador Inglês Charles Spurgeon, “o Príncipe dos Pregadores”, e o grande evangelista americano Dwight Lyman Moody, que ganhou mais de meio milhão de almas para Jesus.

Por falta de espaço deixamos de descrever com detalhes a vida e obra destes heróis, porém, aconselhamos que o leitor busque conhecê-los melhor. Indico a leitura do livro, Heróis da Fé, de Orlando Boyer.

Nos dias atuais, os abusos têm tomado conta dos cultos. Em busca de avivamento muitas igrejas têm se dado ao aviltamento da fé, mediante o frenesi espiritual. Como estão estéreis da ação do Espírito Santo de Deus, estas igrejas apelam para movimentos carnavais que solapam a opinião pública e denigrem a verdadeira adoração. Pena que este não seja o nosso assunto, pois me vejo compelido a prosseguir neste tema.

Segundo o comentarista Silas Daniel, existem cinco princípios básicos para o verdadeiro avivamento:

- a) Qualquer experiência espiritual positiva começa quando ouvimos Deus.
- b) O verdadeiro derramamento do Espírito vem pela Palavra de Deus.
- c) O temor a Deus é o princípio básico para um genuíno avivamento.
- d) Dependemos de Deus para que haja avivamento, pois ele não é fruto de técnicas humanas, mas da ação do Espírito Santo.
- e) Sem oração, não existe avivamento.

Então, siga o mapa da mina e seja batizado com o Espírito Santo, fale em línguas estranhas, expulse demônios e bom testemunho entre outras dezenas de bênçãos.

O MOVIMENTO PENTECOSTAL

O termo Pentecostal é derivado do grego *pentékostos*, um termo que define a festa judaica das semanas. Para os cristãos, representa a descida do Espírito Santo, ocorrido em Jerusalém dez dias após a ascensão de Cristo e descrito no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2 versos de 1 a 4.

O Teólogo M. C. Tenney descreve o termo Pentecoste assim: *“Pentecoste é o aniversário da vinda do Espírito Santo. Quando Jesus subiu ao céu, mandou seus discípulos ficarem em Jerusalém até recebessem poder do alto. Enquanto um grupo de 120 fiéis estava orando num cenáculo em Jerusalém, cinquenta dias após a morte de Jesus, o Espírito Santo desceu sobre eles com o som de um vento poderoso e com línguas de fogo pousou sobre cada um deles. Começaram a falar em outras línguas e a pregar corajosamente em nome de Cristo e o resultado foi que três mil pessoas se converteram”*.

O Movimento Pentecostal foi classificado pela revista Times em 68º lugar entre os 100 maiores eventos do segundo milênio. Já o Dicionário do Cristianismo na América conceitua o Movimento Pentecostal como o mais significativo evento do Cristianismo do século XX.

O Reavivamento da Rua Azuza (1906) em Los Angeles foi sem dúvida o mais importante, embora não tenha sido o primeiro a experimentar o reaparecimento dos dons espirituais das línguas estranhas (glossolalia) e outras línguas (xenolália). Haveremos, pois de considerar outros dois momentos: Um ocorrido em Topeka, Kansas, Usa em 1901 e outro em Cherokee County, na Carolina do Norte, USA 1896.

Como doutrina, a experiência pentecostal está devidamente estabelecida, tanto no Antigo Testamento como promessa em Joel 2.22-28, como no Novo Testamento quando do cumprimento da profecia, ocorrido em Jerusalém e registrado em Atos 2. O próprio Jesus prometeu que alguns sinais maravilhosos acompanhariam os crentes (Mc 16.17-20).

O apóstolo Paulo dedicou grande parte de seus escritos ao assunto, e na primeira Carta aos Coríntios consumiu 3 capítulos inteiros com o tema.

Erra quem pensa que os dons se foram com os apóstolos, pois eles permaneceram ao longo da trajetória da Igreja muito embora não se tenha muitos registros do fato. Segundo consta na história há referências a manifestação desses dons entre os albigenses. Savonarola, um dos pré-reformadores, tanto profetizava quanto tinha visões. A história registrou que os valdenses, ainda no século XII falavam línguas estranhas. O historiador alemão T.L. Souer, declara que Martinho Lutero falava em línguas estranhas: *“Dr. Martinho Lutero profetizava,*

evangelizava, falava em línguas e interpretava revestido de todos os dons do Espírito Santo”. Sobre os quacres no século XVII W.C. Braithwait escreveu: “Esperando no Senhor, recebemos com frequência o derramamento do Espírito sobre nós e falamos em novas línguas.” Também entre os pietistas no mesmo período, havia glossolalia e outros dons.

No século XIX, no entanto é que se registra uma verdadeira explosão de glossolalia. Na Escócia, em 1830, na Inglaterra, na mesma época, na Rússia em 1855, nos Estados Unidos em 1854, 1857, 1873 e 1875 e na Estônia e Armênia no final do século XIX. Embora a história evidencie a existência de cristãos tradicionais e cristãos carismáticos (pentecostais), desde os primórdios, foi somente em 1908 que a Igreja da Santidade Pentecostal adotou pela primeira vez uma confissão de fé pentecostal.

Não obstante, tantas evidências na História, o Movimento Pentecostal só veio a tomar forma no início do século XX quando um renomado professor de teologia Charles Parham da Igreja Metodista resolveu abrir um seminário em Topeka, Kansas em outubro de 1900. O tema do estudo era “Como descobrir o poder que capacita a Igreja a enfrentar o novo século”. Esta proposta atraiu cerca de 40 alunos que entre outras coisas, dedicavam-se a longos períodos de oração, cerca de 3 horas por dia durante um ano. Com base nessas práticas foi que em 1º de janeiro de 1901, a Escola Bíblica Betel, como era chamada, experimentou na prática o que aprendeu na teoria: Durante um período de oração a aluna Agnes Ozman, de 18 anos, pediu para que Parham juntamente com os alunos lhes impusessem as mãos enquanto ela clamava pelo batismo com o Espírito Santo, o que de fato recebeu às 11 horas e nos dias subsequentes todos os demais alunos. Após isto, os alunos de Parham viajaram pelo mundo proclamando a doutrina. Entre seus alunos havia um negro chamado William Joseph Seymour, um instrumento que Deus usaria na Rua Azuza. Há ainda na época da Igreja Primitiva vários relatos de experiências pentecostais como no caso de um homem do segundo século chamado Montana, na Frígia, Ásia Menor romana, hoje Turquia. Ali iniciou-se uma busca ardente pelos dons visto que estavam as igrejas esfriando na fé e na prática. Este movimento ficou conhecido como montanismo e teve como adepto, Tertuliano, um dos Pais da Igreja.

Orígenes que é do terceiro século, afirma que os cristãos do segundo século falavam línguas estranhas e que em seu tempo já não eram tão comuns. Celso em seu discurso afirma que os cristãos são “estranhos” e “fanáticos”, e que em suas reuniões “falam palavras ininteligíveis para as quais uma pessoa racional não consegue encontrar significado”. Línguas “muito obscuras”, escreveu ele.

Além de Tertuliano e Orígenes, outros Pais da Igreja, citam as línguas estranhas e outras línguas, como é o caso de Irineu e Agostinho.

A igreja de Irineu era uma das últimas igrejas a manifestar os dons espirituais das línguas: “Temos em nossas igrejas irmãos que possuem dons

proféticos e, pelo Espírito Santo, falam toda classe de idiomas”, escreveu ele.

Já no quarto século, com o advento do catolicismo romano e a implantação dos seus dogmas espúrios o culto veio a sofrer um “engessamento espiritual” e conseqüente esfriamento.

Mesmo assim há o registro de que Pacômio, o fundador do primeiro mosteiro, falava em grego e latim sem nunca os ter aprendido. Os escritos da época atribuem tal habilidade ao poder do Espírito. Agostinho, bispo de Hipona escreveu: “fazemos o que os apóstolos fizeram quando impuseram as mãos sobre os samaritanos, pedindo que o Espírito Santo caísse sobre eles: esperamos que os convertidos falem novas línguas”.

Avivamento da Rua Azuza- USA- 1906

A Carta aos Coríntios, no capítulo 1, versículo 27 diz: “Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar as sábias”. Isto se cumpriu fielmente no caso do avivamento da Rua Azuza, o marco do Reavivamento Espiritual que deu curso ao Movimento Pentecostal. Após ocorrer um fenômeno em Topeka, a doutrina do Batismo com o Espírito Santo com a evidência inicial do “falar em línguas estranhas foi redescoberta e sistematizada”. Todavia, embora Charles Parham e seus alunos tenham se dedicado em divulgar a doutrina nos Estados Unidos, ela só veio a ganhar notoriedade em outro avivamento: O da Rua Azuza.

Desta feita Deus usou um instrumento pobre, negro e humilde chamado William Seymour, um amante da oração, e da Palavra de Deus. Deram-se assim os fatos: Depois de frequentar a Escola Bíblica de Parhan, onde aprendeu sobre o batismo no Espírito Santo, William, agora pastor no Texas, passou a ensinar a doutrina, embora ele mesmo não fosse batizado. Neely Terry, moradora de Los Angeles, em visita ao Texas passa a frequentar a Igreja de Seymour. Impressionada com o fervor de Seymour, Neely o convida para um empreendimento evangelístico em Los Angeles, Califórnia. Mas os planos de Deus eram outros, e o que era para durar um mês, acabou durando anos. Houve um desentendimento na igreja de Neely e um grupo acabou se reunindo na casa de um deles. Ali, sob a direção de Seymour eram realizados cultos de louvor e adoração. O derramamento começou no dia 9 de abril de 1906, quando Edward Lee recebeu o batismo no Espírito Santo e começou a falar em línguas após Seymour impor as mãos sobre ele. Diante dessa maravilhosa experiência eles se deslocaram a outra residência, a dos Asbeny.

Neely Temy, membro de uma pequena igreja liderada por Julia Flutchins em Los Angeles, foi visitar alguns parentes em Houston no Texas no fim de 1905 e ali se congregou na igreja de Seymour. O tema de suas pregações era sempre voltado para o batismo com o Espírito Santo e sua evidência inicial, as línguas estranhas. Muito embora, ele mesmo não fosse ainda batizado. Ao regressar para sua cidade, Los Angeles, Neely estava bastante impactada tanto pela unção do pregador quanto pelo seu caráter, a ponto de convencer sua igreja a convidar Seymour para ministrar na sua congregação. Em 22 de fevereiro de 2006, Seymour

desembarcou em Los Angeles e por dois dias pregou ali, na Avenida Santa Fé, esquina da rua nona. O sermão foi acerca da evidência inicial do batismo com o Espírito Santo. No domingo seguinte, 4 de março, Seymour amargou uma decepção ao constatar que a igreja estava reunida, porém trancada com um cadeado. A ordem para tal partira dos anciões da igreja que rejeitaram o ensino de Seymour. Diziam, “como ele pode nos pregar o que ele nunca experimentou”.

Mas nem todos pensavam como os anciões, logo um grupo de irmãos se juntou a ele e começaram a se reunir para orar. William Seymour foi convidado a hospedar-se na casa de um membro, Edward S. Lee, onde começou a ministrar com regularidade. Dali se mudou para a Rua Bonnie Brae 214, onde um grupo maior incluindo famílias brancas começaram a se reunir e orar pelo batismo. Iniciaram uma campanha de jejum e no terceiro dia, Edward S. Lee falou em línguas. Na reunião seguinte mais 6 pessoas incluindo sua futura esposa Jennie Moore foram batizados.

Mas Seymour ainda não havia recebido o dom, até que na manhã de 12 de abril, depois de passar a noite inteira orando, ele foi batizado no Espírito Santo.

Em seguida a notícia se espalhou e uma multidão começou a se aglomerar frente à casa dos Alberry. Da varanda muitos pregadores alcançavam o coração da multidão que crescia a cada dia.

A igreja que havia rejeitado a mensagem do profeta Seymour agora estava em peso assistindo as reuniões de avivamento. Logo, a varanda dos Alberry não suportou o peso e ruiu fazendo com que eles procurassem um novo e maior endereço. Um morador do bairro descreveu as reuniões com as seguintes palavras: “Eles gritaram três dias e três noites... As pessoas vinham de todas as partes. Assim que as pessoas entravam na casa, caíam sob o poder de Deus. A cidade inteira se comoveu, gritando tanto que a base da casa não resistiu e caiu”.

Diante desta nova realidade o grupo alugou um edifício velho no N° 312 da Rua Azuza. Aquela construção, já tinha sido endereço de várias empreitadas empresariais... Todas fracassadas. Tinha sido, um depósito, uma madeireira, um curral de gado, uma loja de lápides e finalmente um estábulo com quartos para alugar no andar de cima.

O edifício tinha 18m de largura por 12m de comprimento, e era todo de madeira. Havia sobras de madeira e gesso espalhados no térreo e todo o edifício parecia prestes a ruir. Não havia nenhuma plataforma mais elevada visto que o teto estava a uma altura de 2 metros. Também não havia nenhum púlpito, e o irmão Seymour assentava-se sobre duas caixas de sapatos uma em cima da outra.

O pastor Seymour, juntamente com outros irmãos, passou a morar no andar de cima. As primeiras cadeiras eram sem encosto.

Já em meados de maio de 1906, cerca de 1500 pessoas frequentavam aquele lugar que de confortável não tinha nada inclusive eram frequentemente molestados por muitas moscas remanescentes do antigo negócio que funcionava no

térreo: um curral de gado. No entanto, homens de todas as classes, mulheres, crianças, negros, brancos, latinos, asiáticos, ricos, pobres, analfabetos, doutores e pessoas de todas as cidades enchiam cada vez mais aquele lugar e muitos ficavam de fora haja vista que dentro não cabia mais. Pessoas de todas as denominações corriam pra lá.

16

A CHEGADA AO BRASIL

No início do século XX, o Brasil era quase totalmente católico-romano. Houve muitas tentativas de ingresso em terras brasileiras num passado bastante remoto, mas essas primeiras investidas foram duramente rechaçadas, ao que muitos diriam ter sido grandes fracassos, mas elas não foram de todo perdidas, visto que aqueles que foram alcançados morreram com Cristo e sua história e martírio colaboraram para flexibilidade e ajudou a quebrar as barreiras séculos depois.

O protestantismo desembarcou na costa brasileira pela primeira vez em 10 de novembro de 1555 na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro na Ilha de Sergipe, hoje Villegaignon, nome dado em homenagem ao vice-almirante Nicolas Durant de

Villegaignon que vinha da França, onde estava acontecendo grande perseguição católica romana contra os crentes.

De fato, o primeiro culto realizado em terras brasileiras foi também o primeiro de todo o continente americano. Tendo feito o reconhecimento da terra e da gente do Brasil, Villegaignon escreveu a João Calvino, o reformador a quem conhecera na faculdade de Direito de Orleans, pedindo missionários. Calvino respondeu ao apelo enviando 14 homens bem preparados, entre eles dois pastores, Pierre Richer e Guillaume Chartir. Desembarcaram no Brasil em 10 de março de 1557. Para a alegria dos pesquisadores atuais, trouxeram com eles um jovem estudante de teologia chamado Jean de Levi, que trabalhou como historiador junto ao grupo. Levi foi mais longe e pregou aos índios Tamoios chegando a traduzir o salmo 103 para a língua indígena. O pastor Pierre Richer dirigiu o primeiro culto da primeira igreja protestante no Brasil, onde hoje é o aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro. O tema da mensagem teve base no Salmo 27, versos 3 e 4 e cantaram um hino com letra do Salmo 5. Historicamente, registram a primeira Ceia do Senhor no domingo de 21 de março de 1557. No bojo deste evento há o interesse político da França se instalar no Brasil recém-descoberto, com um projeto chamado França Antártida que fracassou por dois motivos: Primeiro, havia conflitos internos entre os membros do projeto França Antártida e segundo pela estratégia portuguesa de expulsar os franceses protestantes vistos como ameaça e com preconceito. Por isto Portugal eliminou-os por meio de Estácio de Sá. Veja o que diz a contra capa do livro *A Tragédia da Guanabara* de Jean Crespín, CPAD, 2006, Rio de Janeiro: *“Ao ouvir sobre o Novo Mundo, Nicolas de Villegaignon, vice-almirante na Grã-Bretanha, teve o desejo de fundar uma nova monarquia no Brasil. Em seu intento buscou pessoas de bom comportamento e de fé, alegando que, juntos, fundariam uma igreja reformada, como a de Genebra, e muitos cristãos atenderam, de bom coração, ao seu convite. A promessa de uma nova terra, sem perseguição, encantou muitos cristãos, formando neles o desejo sincero de que tal empreitada teria êxito. Com o tempo, na nova terra, Villegaignon passa a adotar uma fé distinta da que prometera e começa a perseguir a Igreja do Senhor... As promessas feitas anteriormente por Villegaignon foram esquecidas, e o comandante expôs sua verdadeira natureza: um homem mentiroso, arrogante e disposto a sacrificar pessoas para que seus planos se concretizassem. Os crentes, então, acusados de assinar uma declaração de heresia, foram assassinados como criminosos. Estes servos de Deus, executados pelo vil perseguidor, deixaram um exemplo digno dos primeiros apóstolos: antes de suas execuções, algemados e sob forte vigilância, oravam e cantavam. Um por um, foram executados por não negarem sua fé. Esse batismo de sangue não ficou oculto, o mundo soube da covardia daquele tirano ambicioso”*. Ali, foi fundada tempos depois a cidade do Rio de Janeiro. A Igreja Católica teve participação decisiva na morte destes mártires atuando como executora da sentença. Os próprios Jesuítas em seus relatos escreveram que o padre

herói José de Anchieta, vendo a inexperiência do carrasco, tomou-lhe a arma e executou um dos pastores ao grito de: “Vejam como se mata um homem”! Mas a Igreja Católica acaba de canonizar o tal padre assassino.

A igreja reformada entrou no Brasil com os holandeses, mas logo foi expulsa pelos portugueses católicos conforme está registrado em arquivos de Haia e Amsterdã, na Holanda. Já no século 17, havia tolerância religiosa, porém, ninguém se convertia, pois, consideravam o protestantismo como “a religião dos invasores”. Todavia, os índios, que viam nos holandeses “a libertação” do jugo português eram solícitos ao evangelismo. Os primeiros professores entre os índios foram o espanhol Dionísio Biscareto em Itapecerica, maior aldeia da região de Goiana (PE) e na Paraíba o inglês Thomas Kemp. Porém, os portugueses expulsaram os holandeses e martirizaram os índios evangélicos, inclusive João Gonçalves, que havia sido ordenado evangelista.

Esses dois momentos da presença da Igreja Evangélica no Brasil foram marcados com sangue, onde os cristãos protestantes entregaram suas vidas por amor a Cristo e à sua obra redentora da humanidade.

Vejam a seguir algumas restrições sofridas pelos irmãos do século 19:

- A Constituição de 1824 proibia que locais de culto se parecessem com templos religiosos.

- Os evangélicos não podiam divulgar sua opção de fé. Nem a desenvolver publicamente.

- Os missionários eram por vezes perseguidos e ameaçados como Robert Kalley ao inaugurar a Escola Bíblica Dominical em Petrópolis.

- Os crentes eram demitidos de seus empregos por causa da fé.

- Eram proibidos de enterrarem seus mortos entre os católicos, tendo de construir seus próprios cemitérios ou tendo que enterrar em outro lugar qualquer. Às vezes usavam seus próprios quintais o que aumentava os comentários maldosos acerca de suas casas.

- Não era permitido aos crentes participar de eleições como candidatos, pois no juramento de posse o eleito prometia de pé junto jamais deixar a fé católica.

- Casamento evangélico não tinha legitimidade, pois o matrimônio era uma instituição regulamentada pelo Concílio de Trento, e administrado no Brasil pelo Arcebispado da Bahia.

- Um crente só se casava se promettesse “educar” os filhos segundo os preceitos do catolicismo romano.

Mesmo debaixo de muita perseguição a população evangélica contribuiu para as mais importantes transformações da sociedade brasileira do século 19.

- Os protestantes foram os maiores promotores do Movimento Abolicionista no Brasil.

- Os missionários europeus e norte americanos eram convidados a palestras onde expunham seus ideais aos políticos da época.

- Grande contribuição para o desenvolvimento da educação, visto que naqueles tempos educação não era uma prioridade.

- A liberdade religiosa e avanços sociais e políticos.

- A implantação do regime democrático.

- O casamento civil.

- A separação entre Igreja e Estado.

Entretanto, o grande avanço da evangelização no Brasil se deu com a chegada dos missionários de igrejas tradicionais dos Estados Unidos e está intimamente ligado ao Movimento Pentecostal. Podemos dividir o pentecostalismo brasileiro em três momentos distintos:

O primeiro, data de 1910 quando apenas duas denominações pentecostais existiam; A Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus.

O segundo momento deu-se entre 1950 a 1975, com as cruzadas de evangelismo e cura, inspiradas nos exemplos norte-americanos, nas pessoas de T. L. Osborn e Oral Robert. Destas grandes cruzadas nasceram ministérios como a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo, fundada em 1955 pelo diácono Manoel de Melo, a Igreja Deus É Amor do ex-membro das Assembleias de Deus, Davi Miranda (falecido em 2015), e a Casa da Bênção em 1964, todos surgidos em meio a cruzadas de evangelismo, cura e exorcismo. Neste ínterim também surgiram os movimentos de renovação nas igrejas tradicionais como a Convenção Batista Nacional em 1965 com Enéas Torgnini e a Igreja Presbiteriana Renovada em 1975. Foi neste período também que surgiu o Movimento Carismático na Igreja Católica (1967).

O terceiro momento perdura até os dias de hoje e é chamado de Neopentecostalismo, surgido em 1970.

A IGREJA HOJE

O crescimento dos evangélicos no Brasil tem sido tão notório que tem despertado o interesse de sociólogos da religião do mundo inteiro. Devemos ser gratos a Deus por esta vitória, entretanto nem tudo é motivo de festejarmos. Os números são atraentes, no entanto a qualidade é preocupante e o quesito “doutrina” está deixando a desejar. Temos uma crise teológica, ética e moral no movimento evangélico do Brasil atual. Em alguns aspectos até muito mais grave que a da Era das Trevas, pois está cada vez mais raro um púlpito realmente comprometido com o reino de Deus.

Mas, antes falemos de números; quantos somos? Os números são amplamente diferentes quando o assunto é quantificar os crentes no Brasil. A revista *Veja* em 2005 publicou uma matéria de capa anunciando que éramos “A Nação do Senhor”, isto em tom de deboche e enumerou-nos em 28 milhões. Já o autor Paulo Romeiro crer que éramos 35 milhões ainda em 1995. A CPAD- Casa Publicadora das Assembleias de Deus publicou numa revista de EBD de 2008 que éramos cerca de 25% da população brasileira, isto é, 45 milhões de pessoas. Já o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com base no censo realizado recentemente diz que somos 20 milhões. Realmente não dá pra confiar.

O problema com os números reside na quantidade de seitas e de novas igrejas que tem surgido no Brasil, bem como na frouxidão de suas doutrinas que geram crentes nominais, uma espécie de evangélico não praticante.

Hoje no Brasil há muitas igrejas evangélicas tradicionais e pentecostais sérias, ocupadas em levar a termo a ordem de evangelizar o mundo. São igrejas que têm zelo pelo genuíno Evangelho do Senhor Jesus. Estas têm crescido e alcançado status social graças ao testemunho moral e espiritual de seu trabalho junto à comunidade. Ao mesmo tempo em que experimentamos o respeito e ganhamos a atenção das camadas sociais intermediárias, enfrentamos um revés causado pelo abuso destas ditas igrejas neopentecostais. A maior parte das “neos” são caracterizadas por erros doutrinários, modismos teológicos, inconsistência doutrinária, ritualismo e exorcismo. É a onda do tira o pé do chão ao invés de, põe o joelho no chão, é a “hora negra” dos novos evangelhos, contextualizados ao gosto da clientela. Chega a ser vexatório o comportamento dessas igrejas, doentes de nascimento, que para desgraça geral da nação alcançaram a mídia primeiro que as sãs.

As Escrituras não nos deixam órfãos sobre o assunto, o próprio Jesus nos avisou que haveria joio misturado ao trigo, contado como trigo e que seria impossível ao homem distinguir entre um e outro a não ser observando seus frutos. A mensagem de Paulo a Timóteo trata dessas dificuldades pelas quais a Igreja

haveria de passar, tanto em seus primórdios, quanto no tempo que antecederia o retorno de Cristo.

Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência.

I Timóteo 4.1,2

Muitas dessas novas igrejas estão dando ênfase ao exorcismo, à Teologia da Prosperidade e da Maldição Hereditária.

Há que se dizer também que não podemos incorrer no mesmo erro que cometemos acerca de Maria mãe de Jesus, que, por causa da idolatria católica os crentes passaram a repugná-la quando deveriam considerá-la uma grande discípula, fiel, destemida e corajosa, uma modelo para as demais cristãs. Do mesmo modo, todas estas doutrinas tem um fundo de verdade que as “neos” multiplicam por um milhão antes de ensiná-las. A prosperidade cristã, por exemplo, é fato, e a pobreza nunca foi uma virtude. O problema está na ênfase. A fidelidade cristã gera prosperidade (Gl 6.7), entretanto, atualmente uma “penca” de ministérios têm operado a toque de caixa, iludindo os incautos a mergulharem de cabeça num projeto de realização financeira, barganhando com Deus. Um deles chegou a declarar que no reino de Deus é “toma lá dá cá”. Em outro momento disparou que é “dá ou desce”. A lábia desses crápulas é persuasiva atraindo uma multidão de gananciosos e de desafortunados em busca do ouro e da prata. Nesta loucura compram todo tipo de indulgências. É miniatura de porta que vai se abrir, é garrafinha com água do Tanque de Siloé. Meu Deus! Vai ler Bíblia crente! Não foi a água do Tanque de Siloé que curou o aleijado. Inclusive o pobre disse que passou a vida inteira ali esperando que um milagre acontecesse, mas nunca tinha sido curado. Somente quando Jesus apareceu por lá é que o milagre aconteceu.

Pertencer a ministérios desse tipo é entrar numa furada. Conheço o caso de uma pobre senhora que antes de conhecer um desses calhordas tinha um lar agradável, um ambiente saudável. Por algumas vezes me hospedei ali e fui muito bem recebido juntamente com minha família. Nestas oportunidades ocasionais e aleatórias preguei o evangelho sem, contudo, obter êxito. Entretanto a Bíblia diz que a Palavra do Senhor não permanece infrutífera de modo que, mesmo não se decidindo, aquela mulher ficou com a mensagem “plantada” em seu coração. Talvez tenha sido por aí que tudo começou e em nossas longas ausências ela tenha tido um contato prolongado com um apóstolo televisivo e acabou caindo numa arapuca armada por adoradores de Mamon. Ali pude observar desde a entrada da casa até a cozinha, objetos adquiridos a preço de ouro, todos confeccionados do mais fajuto material! Eram tijolinhas de plástico, xícaras, lenços, chapéus... Êita Satanás! Pra piorar, a infeliz mulher tinha vendido sua casa e empreendido uma

viagem levando consigo a mãe doente para dar “o abraço do milagre” no tal homem do suor unguento. Nem precisa dizer que ela voltou “lisa”, cansada e com a mãe ainda pior. Naquela casa não há abertura para o verdadeiro evangelho, pois a TV permanece ligada todo o tempo no milagreiro. Pensas que a pobre senhora desistiu? Acredite, ela está “juntando dinheiro” pra ir de novo ao *Padrinho Cícero Gospel*, pois alega que a mãe não foi curada por não ter dado um abraço no apóstolo. Mas que da próxima vez não vai querer só lenço unguento com o suor do homem não. Êita, homem poderoooooso! São palavras que ela costuma proferir entre um ritual e outro do referido curandeiro. E isto depois da viagem malsucedida.

Quanto à Maldição Hereditária, o problema é o mesmo. De fato, existem e não são poucos os casos de crentes que permanecem aprisionados por traumas e sequelas de fatos passados. É uma questão de posse da bênção e de cura interior. Eu só tomo posse daquilo que tenho conhecimento, daquilo que busco com zelo. Conheço pessoas que tinham 10 anos ou mais de conversão e ao serem acompanhadas em trabalhos de cura e libertação se desmancharam em lágrimas e confessaram seus cativeiros emocionais e espirituais. Crentes que carregavam um ódio velado pelos pais. Crentes sofrendo a amargura de traumas de abuso sofrido na infância. Tudo isto Jesus cura, basta que haja a coragem de se abrir com ele. E isso quase sempre só se faz com orientação. Muitas igrejas buscam salvar a alma ignorando a pessoa. Entretanto o evangelho não se resume a isto, nem oferece cura e libertação superficial. A Bíblia declara que “se o Filho nos libertar, seremos **verdadeiramente** livres”. Também afirma que teremos uma vida **abundante** e que viveremos num reino de paz e conforto espiritual. Não podemos mais, depois de salvos, vivermos arrastando correntes... Somos livres! Um céu de glória nos espera, mas enquanto ele não vem, devemos viver como verdadeiros filhos da luz.

Outros males rondam a igreja. Estes tão perigosos quantos aqueles. Males como a religiosidade, o materialismo, o sincretismo, e o hedonismo têm fincado pé na agenda das igrejas hodiernas afastando-nos da doce presença de Deus. A religiosidade nos conduz a negligenciar a devoção. Esta geração de fato honra Deus com os lábios (quando muito), mas tem o coração distante de Deus. O materialismo casado com o imediatismo provoca a ira de Deus com súplicas egoístas. Querem intensamente a bênção de Deus, mas não querem o Deus da bênção. Perseverar em oração é coisa ultrapassada, pois a turma da Síndrome do Pensamento Acelerado não suporta esperar. Eles aprenderam que “pesquisar” é apertar uma tecla do computador de bolso que carregam consigo. Querem fazer de Deus um garçom ágil e dócil. Deus pra eles é como seus amigos de Facebook, algo do tipo pessoal, porém, virtual. O sincretismo tão combatido pelos reformadores, hoje empestia a igreja. Existem a festa junina gospel, a novena gospel, o espírito folia (carnaval de crente) e outras aberrações. Precisamos urgentemente de nova reforma, mas não consigo entender como seria, pois, estamos esfarelados, miscigenados ao extremo.

Entretanto, o conserto que precisamos fazer com Deus é o tipo que Davi profetizou de si mesmo: “Não porei coisa má diante de meus olhos; aborreço as ações daqueles que se desviam; nada se me pegará” (Sl 101.3). Nosso prazer deve estar na lei do Senhor e dela devemos extrair a direção para as nossas ações, escolhas e atitudes neste mundo passageiro e fútil.

BIBLIOGRAFIA

- RYRIE**, Charles Caldwell. A Bíblia Anotada. Mundo Cristão, 1994.
Bíblia de Estudo Pentecostal, CPAD, 2005
Bíblia Almeida Século 21, Vida Nova, 2008
CESARÉIA, Euzébio de. História Eclesiástica. CPAD, 2003.
FOX, John. O Livro Dos Mártires. CPAD, 2003.
ELWELL, Walter A. Enciclopédia Histórico-Teológica. Vida Nova, 1992.
BOYER, Orlando. Heróis da Fé. CPAD, 2004
CRESPIN, Jean. A Tragédia da Guanabara. CPAD, 2006.
COUTO, Jeremias do. Teologia Sistemática Pentecostal. CPAD, 2008.
Manual Bíblico SBB, SBB, 2008.
CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos. Vida Nova. 1995.

Notes

[←1]

CERTEAU, 2015, p. 23

[←2]

KHALDUN, Ibn, citado em HOBSBAWN, Eric. Sobre história. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.